

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

MARIA MAIZA BARROS

VIOLÊNCIA ESCOLAR ENTRE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO:
UMA ANÁLISE A PARTIR DO INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ – CAMPUS
IGUATU.

SÃO LEOPOLDO - RS

2014

MARIA MAIZA BARROS

VIOLÊNCIA ESCOLAR ENTRE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO:
UMA ANÁLISE A PARTIR DO INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ – CAMPUS
IGUATU.

Trabalho final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Educação Comunitária com
Infância e Juventude.

Orientadora: Profª. Dra. Karin H. K. Wondracek

SÃO LEOPOLDO - RS

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B277v Barros, Maria Maiza
Violência escolar entre alunos do ensino médio integrado: uma análise a partir do Instituto Federal do Ceará-Campus Iguatu / Maria Maiza Barros ; orientadora Karin H. K. Wondracek. – São Leopoldo : EST/PPG, 2014.
98 p. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2014.

1. Adolescentes e violência. 2. Violência na escola. I. Wondracek, Karin Hellen Kepler. II. Título.

MARIA MAIZA BARROS

VIOLÊNCIA ESCOLAR ENTRE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO:
UMA ANÁLISE A PARTIR DO INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ – CAMPUS
IGUATU.

Trabalho final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Educação Comunitária com
Infância e Juventude.

Data: 09 de janeiro de 2015

Karin H. K. Wondracek – Doutora em Teologia – EST

Laude Erandi Brandenburg - Doutora em Teologia – EST

DEDICATÓRIA

A meu pai José Amâncio Barros (*in memoriam*) meu grande mestre, com quem aprendi os maiores e mais valiosos ensinamentos. Todo meu respeito, admiração e afeto.

AGRADECIMENTOS

A Deus razão da minha existência, que ilumina meus caminhos e me dá forças para continuar superando os obstáculos.

A Vicente de Paulo Batista, presente de Deus na minha vida, pelo incentivo, compreensão, companheirismo e apoio indispensável.

A Ivam Holanda de Souza, ex-Diretor Geral do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – Campus Iguatu, pela disponibilidade e apoio para que a realização desse sonho pudesse ser concretizado.

À minha orientadora, professora Dra Karin H. K. Wondracek, pelos valiosos ensinamentos durante toda a execução deste trabalho, pela paciência, atenção, incentivo e disponibilidade.

À Chefe do Departamento de Gestão Pessoas do IFCE Campus Iguatu, Maria de Fátima Moraes Alves, que não mediu esforços na logística deste projeto.

A Antonia Barbosa, pela sua grande contribuição na etapa da elaboração do projeto.

A todos que fazem a EST – Escola Superior de Teologia, pela acolhida, gentileza e respeito que dispensam aos estudantes.

A Geovane Gomes de Araújo por sua inestimável colaboração durante a coleta de dados.

A todos os (as) alunos (as) e servidores do IFCE Campus Iguatu, que aceitaram participar da pesquisa.

RESUMO

A presente pesquisa investigou a violência escolar entre alunos do ensino médio integrado do Instituto Federal do Ceará – Campus Iguatu. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e quantitativa sobre a história da cultura de violência na escola, os principais tipos de violência, as características dos agressores, das vítimas e das testemunhas, diferenças nas formas de violência entre os alunos e a legislação vigente acerca do tema. As análises dos questionários aplicados aos alunos mostraram que: a violência entre os alunos está presente em ambos os sexos, com predominância no sexo masculino, em todas as idades e séries do ensino médio integrado e nos três regimes de matrícula e se manifesta nas formas de violência verbal, física, virtual, psicológica, sexual, “bullying” e o trote. Os resultados evidenciaram que: a violência entre alunos sempre esteve presente e vem se perpetuando ao longo dos anos apresentando-se nos diversos tipos de violência, sendo que o trote e as relações de poder entre alunos de diferentes séries já se tornaram cultura na instituição. Constatou-se também que a legislação existente não contempla certas formas de violência encontradas no ambiente escolar, indicando a necessidade de um ajuste para coibi-las. Foram abordadas as legislações vigente acerca do tema, iniciando com a lei mais ampla até a mais específica que é o regulamento interno da instituição.

Palavras-Chave: Violência escolar. Alunos. Instituto Federal do Ceará – Campus Iguatu. Ensino médio integrado.

ABSTRACT

This research investigated school violence among the integrated high school students of the Federal Institute of Ceará – Iguatu Campus. It is a qualitative and quantitative research about the history of the culture of violence in the school, the main types of violence, the characteristics of the aggressors, the victims and the witnesses, differences in the forms of violence among the students and the current legislation on the theme. The analyses of the questionnaires applied to the students showed that: the violence among the students is present in both sexes, with the predominance being in the masculine sex, and is in all ages and grades of the integrated high school and in the three enrollment regimes and manifests itself in the forms of verbal, physical, virtual, psychological, sexual, bullying and practical joke violence. The results showed that: the violence among the students has always been present and has been perpetuated throughout the years presenting itself in various types of violence, being that the practical jokes and the power relations between students of different grades has already become culture in the institution. It was also observed that the existing legislation does not contemplate certain forms of violence found in the school environment, indicating a need for adjustment in order to inhibit these forms of violence. We dealt with the current legislations on the theme, beginning with the broadest law going to the most specific which is the internal regulations of the institution.

Keywords: School violence. Students. Federal Institute of Ceará-Iguatu Campus. Integrated high school.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 APROXIMAÇÃO À VIOLÊNCIA ESCOLAR NO CONTEXTO PESQUISADO	13
1.1 IFCE e sua história	13
1.1.1 Visão, Missão e Valores do IFCE	14
1.1.2 Caracterização do IFCE Campus Iguatu	14
1.1.3 Regimes de Matrícula	15
1.2 Violência escolar: alguns conceitos-chave	16
1.2.1 Conceito de Violência	17
1.2.2 Tipos de Violência Escolar	18
1.2.3 Consequências da Violência Escolar	20
1.2.4 Características das Vítimas, dos Agressores e dos Espectadores	21
1.3 Legislação vigente acerca da violência.....	24
1.3.1 Constituição Federal - CF/88	24
1.3.2 Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA	25
1.3.3 Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional - LDB.....	27
1.3.4 Regulamento da Organização Didática do IFCE - ROD	28
2. A ESCUTA DA VIOLÊNCIA: RESULTADOS E DISCUSSÕES	36
2.1 Caracterização da Pesquisa.....	36
2.1.2 Participantes	36
2.1.3 Local da Pesquisa	36
2.1.4 Procedimentos	36
2.1.5 Instrumentos de Coleta de Dados	37
2.1.6 Tratamento dos Dados	38
2.2 Análise dos Dados dos Questionários Aplicado aos Alunos	39
2.3 Análise das Entrevistas com os Servidores	49
2.3.1 Categoria 01: Concepções sobre violência na instituição	50
2.3.2 Categoria 02: Caracterização dos tipos de violência	51
2.3.3 Categoria 03: Relações de poder entre os alunos	60
2.3.3.1 Subcategoria: Violências em expressões - capa gato, fobó e vet's	61
2.3.3.2 Subcategoria: Violência no ritual de Banho de Lama	62

2.3.3.3 Subcategoria: Violência em escalas de trabalho e monitoria	64
2.3.3.4 Subcategoria: Violência no Refeitório	65
2.3.3.5 Subcategoria: Gola alta como símbolo de poder	66
2.3.4 Categoria 04: Procedimentos adotados pela instituição diante dos casos de violência	67
CONCLUSÃO	70
REFERÊNCIAS	73
ANEXOS	75
ANEXO A – PARACER DO COMITÊ DE ÉTICA	76
APÊNDICES	79
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MAIORES	80
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MENORES	82
APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS CHEFES DE DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS ESTUDANTIS	84
APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS	85
APÊNDICE E – GRÁFICOS ELABORADOS A PARTIR DOS RESULTADOS DOS QUESTIONÁRIOS	88

INTRODUÇÃO

Segundo Shilling¹, convivemos no Brasil com a fome, a falta de moradia, o desemprego, a falta de serviços públicos de saúde e lazer. Essa grande violência de base se articula com a violência da discriminação e do preconceito. A situação vivida no país de concentração de renda e enorme desigualdade social repercute no cotidiano escolar, nos alunos e nos professores. A angústia do desemprego reflete no ambiente familiar de todos e também na escola.

A violência está presente, na maioria das cidades, evidenciada pelos altos índices de criminalidade, decorrentes da desigualdade social, miséria, ineficiência do poder público e das políticas na área de segurança. Atualmente, a violência se manifesta de uma maneira mais intensa e atinge diretamente as pessoas no seu dia a dia.

Para Reis e Conceição², a escola não é impermeável às transformações da sociedade, nem está a salvo de ser palco de violência. A violência nas escolas é um fenômeno complexo que reflete as violências existentes nos demais meios sociais. Ela pode se manifestar nas relações interpessoais como nas ações contra o patrimônio público, bens alheios e uso e tráfico de drogas nas redondezas da escola. As discriminações e os preconceitos presentes no espaço escolar também são violências simbólicas utilizadas para manter os grupos subalternos nos lugares sociais para eles construídos pela classe dominante. No espaço escolar, esses tratamentos distintos são a florados, ficam mais evidentes. A instituição escolar é, ao mesmo tempo, vítima e autora dos processos violentos.

Essa realidade coloca em evidência a fragilidade da instituição escolar que por sua vez está situada em um contexto de desigualdades produzidas por fatores econômicos, culturais e organizacionais, não podendo ser analisada de forma isolada, conforme abordado na primeira parte deste trabalho. Tal fato revela que na escola se manifestam não só conhecimentos e vivências próprios de contextos sociais específicos, mas também, violências presentes em determinadas comunidades, como por exemplo, a advinda do tráfico de drogas, da exploração sexual infanto-juvenil e das brigas entre gangues. Ou seja, é a violência na escola, conforme Charlot³ aquela que ocorre no ambiente escolar, mas não está ligada à natureza das atividades em ambiente escolar.

¹ SHILLING, F. *A sociedade da insegurança e a violência escolar*. São Paulo: Moderna, 2004, p. 92.

² REIS, T. T.; CONCEIÇÃO, M. I. *Violência nas escolas: tendências mundiais*. In: AMPARO, D. M. et al (Org). *Adolescência e violência: intervenções e estudos clínicos, psicossociais e educacionais*. Brasília: Liber Livro e Editora Universidade de Brasília, 2012, p. 120.

³ CHARLOT, 2002 apud REIS e CONCEIÇÃO, 2012, p. 120

Segundo Fernández⁴, a agressão acontece em todos os centros escolares com maior ou menor intensidade e reclama o nosso interesse por quanto pode representar grande dano psicológico, social e físico para o aluno que a sofre, a exerce ou a presenciar. Portanto, é um fenômeno altamente complexo que requer estudos e reflexões.

De acordo com Silva, vivemos tempos difíceis, em que a violência e a agressividade infantojuvenil são crescentes e ameaçam a todos nós. Auxiliar e conduzir as novas gerações na construção futura de uma humanidade mais justa e menos violenta é um imperativo de que todos nós deveríamos nos incumbir, pois, a falta de conhecimento sobre a existência, o funcionamento e frequência da violência entre estudantes propiciam o aumento no número e na gravidade dos casos.

O objetivo principal desta dissertação foi analisar o fenômeno da violência entre os alunos do ensino médio integrado da Unidade II do Instituto Federal do Ceará – Campus. Os objetivos secundários foram investigar a história da cultura de violência na escola, descrever os tipos de violência escolar mais frequentes, identificar as características dos agressores, das vítimas e das testemunhas, detectar se há diferenças nas formas de violência entre os alunos residentes, semi-residentes e não residentes. Também se investigou a legislação vigente acerca da violência e a presença ou não dessas informações no ambiente escolar para que possibilite o planejamento de políticas públicas voltadas para a prevenção e enfrentamento do problema com maior lucidez.

No capítulo 1 buscou-se uma aproximação à violência escolar no contexto pesquisado, para tanto foi traçado a evolução histórica do Instituto Federal do Ceará desde as suas raízes no início do século XX até os dias atuais. Dando sequência foi descrito a visão, a missão e os valores do IFCE na atualidade, uma breve caracterização do IFCE Campus Iguatu e seus regimes de matrícula. Em seguida, foram descritos conceitos de violência, os diversos tipos de violência escolar e suas consequências, abordou-se ainda as características dos agressores, das vítimas e das testemunhas. Abordou-se sobre a legislação vigente acerca da violência, iniciando pela Constituição Federal, em seguida o Estatuto da Criança e do Adolescente, a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional e finalizando com o Regulamento da Organização Didática do IFCE.

No segundo capítulo foram descritas todas as etapas da pesquisa, sua caracterização, os participantes, o local da pesquisa, os procedimentos, os instrumentos utilizados para a coleta de dados e o tratamento dos dados. Em seguida são apresentados os resultados da

⁴ FERNÁNDEZ, I. *Prevenção da violência e solução de conflitos: o clima escolar como fator de qualidade*. São Paulo: Madras, 2005, p. 46.

pesquisa, a análise dos questionários aplicados aos alunos e análise das entrevistas com os servidores, essas foram analisadas segundo o método de análise de Laurence Bardin⁵.

Os instrumentos de coleta de dados e os termos de consentimento livre e esclarecido foram submetidos à avaliação do Comitê de Ética e Pesquisa e obtido a devida aprovação, conforme se verifica nos anexos.

Faz-se necessário que, todos que fazem parte da educação do jovem, possam compreender que a boa escola não é aquela onde a violência não ocorra, mas sim aquela que, quando ela existir, saibamos enfrentar com coragem, determinação e eficiência.

É de extrema necessidade que haja mudança na maneira de encarar o problema da violência escolar, sendo assim, ela deve ser identificada, reconhecida e tratada como um problema social complexo e de responsabilidade de todos nós. A escola pode e deve representar um papel fundamental na redução desse fenômeno.

⁵A proposta aqui apresentada é da professora assistente de psicologia na Universidade de Paris V, que aplicou as técnicas da Análise de Conteúdo na investigação psicossociológica e no estudo das comunicações de massas.

1 APROXIMAÇÃO À VIOLÊNCIA ESCOLAR NO CONTEXTO PESQUISADO

1.1 IFCE E SUA HISTÓRIA

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia foi criado oficialmente no dia 29 de dezembro de 2008, pela Lei nº 11.892, sancionada pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O Instituto Federal do Ceará congrega os extintos Centros Federais de Educação Tecnológica do Ceará (Cefets/CE) e as Escolas Agrotécnicas Federais dos municípios de Crato e de Iguatu.⁶

As raízes da instituição remontam ao começo do século XX, quando o então presidente Nilo Peçanha, pelo Decreto nº 7566, de 23 de setembro de 1909, instituiu a Escola de Aprendizizes Artífices. Ao longo de um século de existência, a instituição teve sua denominação alterada, primeiro para Liceu Industrial do Ceará, em 1941; depois para Escola Técnica Federal do Ceará, em 1968. No ano de 1994, a escola passou a chamar-se Centro Federal de Educação Profissional e Tecnológica do Ceará (Cefet/CE), ocasião em que o ensino foi estendido ao nível superior e suas ações acadêmicas, acrescidas das atividades de pesquisa e extensão. Assim, estavam firmadas as bases necessárias à criação do Instituto Federal do Ceará.

A nova instituição tem forte atuação nas áreas da pesquisa e da extensão, com foco especial nas linhas atinentes às áreas técnica e tecnológica.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) tem hoje 25 unidades, distribuídas em todas as regiões do Estado, sendo 23 campi efetivamente implantados, localizados nos municípios de Acaraú, Aracati, Baturité, Camocim, Canindé, Caucaia, Cedro, Crateús, Crato, Fortaleza, Iguatu, Jaguaribe, Juazeiro do Norte, Limoeiro do Norte, Maracanaú, Morada Nova, Tabuleiro do Norte, Tauá, Tianguá, Quixadá, Sobral, Ubajara e Umirim, e dois campi avançados em implantação, nos municípios de Guaramiranga e Jaguaruana.

A ampliação da presença do IFCE no interior do Estado atende a meta do programa de expansão da rede federal de educação profissional e tecnológica e leva em consideração a própria natureza dos institutos federais, no que diz respeito à descentralização da oferta de qualificação profissional, cujos propósitos incluem o crescimento socioeconômico de cada região e a prevenção ao êxodo de jovens estudantes para a capital.

Os institutos federais equiparam-se às universidades federais em termos de funcionamento, de fomento à pesquisa e da prática de ações de extensão, contando, para tanto, com o apoio dos programas ministeriais. Além dessas prerrogativas, os institutos federais foram também dotados de autonomia para gerenciar orçamento de custeio, alterar grade de oferta de cursos, registrar diplomas e certificar competências profissionais.

O Instituto Federal do Ceará está presente em todas as regiões do Estado, atendendo atualmente cerca de 20.500 estudantes, por meio da oferta de cursos regulares de formação técnica e tecnológica, nas modalidades presenciais e a distância. São oferecidos cursos superiores tecnológicos, licenciaturas, bacharelados, além de cursos de pós-graduação, mais precisamente, especialização e mestrado.

A expansão dos Institutos Federais no Estado trouxe uma importante contribuição para a inclusão social, à medida que oferta qualificação profissional aos jovens que não necessitam mais sair de sua cidade ou região para ter um ensino profissional de qualidade por meio dos cursos técnicos, tecnológicos, licenciatura, bacharelados e de pós-graduação.

⁶*História, visão, missão e valores.* Disponível em: <<http://www.ifce.edu.br>>. Acesso em: 11 ago. 2014.

1.1.1 Visão, Missão e Valores do IFCE⁷

Com 103 anos de existência, o Instituto Federal do Ceará se consolida como instituição de ensino inclusivo e de qualidade, norteada por princípios fundamentais, quais sejam sua missão, sua visão e seus valores.

Visão

Tornar-se padrão de excelência no ensino, pesquisa e extensão na área de Ciência e Tecnologia.

Missão

Produzir, disseminar e aplicar os conhecimentos científicos e tecnológicos na busca de participar integralmente da formação do cidadão, tornando-a mais completa, visando sua total inserção social, política, cultural e ética.

Valores

Nas suas atividades, o IFCE valorizará o compromisso ético com responsabilidade social, o respeito, a transparência, a excelência e a determinação em suas ações, em consonância com os preceitos básicos de cidadania e humanismo, com liberdade de expressão, com os sentimentos de solidariedade, com a cultura da inovação, com idéias fixas na sustentabilidade ambiental.

Percebe-se por meio da visão, da missão e dos valores que norteiam a prática educacional do Instituto Federal que este busca oferecer uma educação de qualidade para todos, visando não apenas a formação do profissional para o mercado de trabalho, mas à formação do ser humano como um todo, em todas as suas formas de expressão.

1.1.2 Caracterização do IFCE Campus Iguatu

O Instituto Federal de Ceará – Campus Iguatu⁸ vem realizando trabalhos de fundamental importância para a região de Iguatu e demais municípios que formam sua área de atuação.

Durante mais de meio século, o IFCE – Campus Iguatu forma técnicos capazes de proporcionar o desenvolvimento das comunidades. Nas áreas de Agropecuária, Zootecnia, Agroindústria, Informática, Nutrição e Dietética, Comércio, curso superior de Irrigação e Drenagem, Serviço Social e Licenciatura em Química, Educação de Jovens e Adultos, PROEJA, PROEJA-FIC, Mulheres Mil e Pronatec.

O IFCE – Campus Iguatu funciona em seu regime normal de trabalho, de segunda a sexta-feira, nos horários de 07 às 22 horas. Funcionando ainda, por se tratar de uma escola fazenda, com atividades extraclasse e de acompanhamento dos projetos didáticos pedagógicos, aos sábados, domingos e feriados e no horário noturno.

⁷*História, visão, missão e valores.* Disponível em: <<http://www.ifce.edu.br>>. Acesso em: 11 de ago. 2014.

⁸Doravante IFCE Campus Iguatu.

De acordo com a referida lei, o IFCE é considerado uma instituição de educação superior, básica e profissional, pluricurricular e multicampi, especializada na oferta de educação profissional e tecnológica, nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos com a prática pedagógica. O Campus Iguatu é um dos Campi, instituição que possui autonomia para criar e extinguir cursos, bem como para registrar diplomas dos cursos por ele oferecidos, circunscrito ao Estado do Ceará, aplicando-se, no caso da oferta de ensino a distância, legislação específica.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – campus Iguatu foi criado nos termos da Lei. Nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, mediante a integração do Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará com as Escolas Agrotécnicas Federais de Crato e de Iguatu, vinculado ao Ministério da Educação.

De acordo com o artigo 1º dessa lei, os Institutos Federais possuem: uma autarquia de natureza jurídica, detentora de autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógica e disciplinar. Para efeito da incidência das disposições que regem a regulação, avaliação e supervisão da instituição e dos cursos de educação superior, os institutos federais são equiparados às universidades federais.

1.1.3 Regimes de Matrícula

O IFCE Campus Iguatu oferece três regimes de matrícula para os discentes dos cursos do ensino médio integrado, ou seja, alunos matriculados no ensino médio junto com o curso técnico são eles: residente, semi-residente e não-residente (externo).

De acordo com o ROD – Regulamento da Organização Didática⁹, é considerado aluno residente aquele que mora na Instituição durante a semana letiva, voltando para casa apenas nos finais de semana, feriados ou férias.

O aluno semi-residente é aquele que permanece na instituição nos dois turnos e que retorna a sua residência ao final do dia.

Existe no Campus Iguatu outro regime de matrícula que não consta no ROD que é o aluno não residente ou externo, que consiste naquele que permanece na instituição nos dois turnos, mas vai para sua residência no horário do almoço e ao final do dia.

⁹LIMA, C. R.G de. *Regulamento da Organização Didática*. Disponível em: <<http://www.ifce.edu.br/ensino/rod>>. Acesso em: 24 fev. 2014.

1.2 VIOLÊNCIA ESCOLAR: ALGUNS CONCEITOS CHAVES

De acordo com Rolim¹⁰, a violência que se presencia nas escolas é uma das facetas dos variados tipos de violência que ocorrem na sociedade atual, sendo vivenciada na família, nos locais de trabalho, nas ruas, influenciando as crianças, adolescentes e jovens e, assim, tendo graves repercussões na escola.

Para Reis e Conceição¹¹, a escola não é impermeável às transformações da sociedade, nem está a salvo de ser palco de violência. A violência nas escolas é um fenômeno complexo que reflete as violências existentes nos demais meios sociais. Ela pode se manifestar nas relações interpessoais como nas ações contra o patrimônio público, bens alheios e uso e tráfico de drogas nas redondezas da escola. As discriminações e os preconceitos presentes no espaço escolar também são violências simbólicas utilizadas para manter os grupos subalternos nos lugares sociais para eles construídos pela classe dominante. No espaço escolar esses tratamentos distintos são aflorados, ficam mais evidentes. A instituição escolar é, ao mesmo tempo, vítima e autora dos processos violentos.

Para Elias¹², na escola, a violência se manifesta de diferentes maneiras, seja por meio de relações de domínio-submissão ou do silêncio diante de casos de “bullying”, cada vez mais frequentes.

Segundo Fernández¹³, a agressão acontece em todos os centros escolares com maior ou menor intensidade e reclama o nosso interesse por quanto pode representar grande dano psicológico, social e físico para o aluno que o sofre, a exerce ou a presenciar. Portanto, é um fenômeno altamente complexo que requer estudos e reflexões.

Rolim¹⁴ defende que a violência na escola não é cometida por uma só pessoa, mas por muitos. É resultado de cultura, da vida e do desequilíbrio para manter uma sociedade injusta e de multidimensionalidade natural com interação de fatores históricos, ambientais, sociais e genéticos, que não pode ser analisada isoladamente, dissociada do todo.

¹⁰ROLIM, M. J. E. *A violência nas escolas: como prevenir e corrigir*. Recife: Libertas, 2009, p. 95.

¹¹REIS, T. T; CONCEIÇÃO, M. I. *Violência nas escolas: tendências mundiais*. In: AMPARO, D. M. et al (Org). *Adolescência e violência: intervenções e estudos clínicos, psicossociais e educacionais*. Brasília: Liber Livro e Editora Universidade de Brasília, 2012, p. 120.

¹²ELIAS, M. A. *Violência escolar: caminhos para compreender e enfrentar o problema*. São Paulo: Ática educadores, 2011, p.41.

¹³FERNÁNDEZ, I. *Prevenção da violência e solução de conflitos: o clima escolar como fator de qualidade*. São Paulo: Madras, 2005, p. 46.

¹⁴ROLIM, 2009, p. 29.

Fernández¹⁵ afirma que na vida escolar existem processos de atividade e comunicação que não se produzem no vazio, mas na trama de uma microcultura de relações interpessoais, em que se incluem, com maior frequência do que se supõe, a falta de solidariedade, a competitividade, a rivalidade e às vezes o abuso dos socialmente mais fortes contra os mais fracos.

De acordo com Rolim¹⁶, a educação sempre foi considerada como um meio de minimizar os comportamentos violentos nas sociedades e grupos sociais que vivenciam esse problema. Entretanto, o que se presencia nas escolas atuais parece contradizer esse pensamento. Depredações, ameaças e vandalismo no ambiente escolar fazem parte do cotidiano de alunos e professores.

Rolim¹⁷ afirma que em relação à violência na escola, vivencia-se uma crise global profunda, decorrente do grande ‘vazio’ existencial e afetivo, provocado pela manipulação e desmandos, favorece a miséria, a violência, a corrupção, o medo, a insegurança, resultado da fragilidade das relações e dos valores humanos.

1.2.1 Conceito de Violência

Segundo Lira e Gomes¹⁸, definir a violência é tarefa difícil entre os pesquisadores pelo seu caráter relativo e mutável, dependendo do momento histórico, da localidade, do contexto cultural e de uma série de outros elementos que lhe atribuem caráter de dinamismo.

Para Reis e Conceição¹⁹, o conceito de violência, seus tipos e o grau de visibilidade estão em constante transformação. O conceito de violência é utilizado de diversas maneiras e abrange situações diferentes. É dinâmico e volátil. Portanto, definir violência exige certo cuidado, pois seu significado se modifica conforme o contexto social e histórico em que está inserido. Assim é possível que atos antes considerados violentos hoje não o sejam, assim como hoje há eventos considerados violentos que não o eram outrora. Assim também, em relação à violência nas escolas, não há critérios para sua caracterização, o que leva a agregar a violência social contemporânea ao processo de identificação do fenômeno no espaço escolar.

¹⁵FERNÁNDEZ, 2005, p. 30.

¹⁶ROLIM, 2009, p. 49.

¹⁷ROLIM, 2009, p. 65.

¹⁸LIRA, A.; GOMES, C. A. *Clima e violências escolares: soluções simples fazem a diferença*. In: AMPARO, D. M. et al (Org). *Adolescência e violência: intervenções e estudos clínicos, psicossociais e educacionais*. Brasília: Liber Livro e Editora Universidade de Brasília, 2012, p. 195.

¹⁹REIS e CONCEIÇÃO, 2012, p. 119.

Segundo Telles e Melo²⁰, violência quer dizer uso da força física, psicológica ou intelectual para obrigar outra pessoa a fazer algo que não está com vontade, é constranger, é tolher a liberdade, é incomodar, é impedir a outra pessoa de manifestar o seu desejo e sua vontade, sob pena de viver gravemente ameaçada ou até mesmo ser espancada, lesionada ou morta. É um meio de coagir, de submeter outrem a seu domínio, é uma violação dos direitos essenciais do ser humano.

Marilena Chauí²¹ contrapõe violência e ética. Diz

violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e intimidação, pelo medo e pelo terror. A violência se opõe à ética porque trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade, como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passivos.

Elias²² afirma que a expressão violência escolar engloba uma multiplicidade de práticas heterogêneas que se apresentam juntas, entrelaçadas. É, portanto, uma constelação. Envolve qualquer tipo de violência que ocorra no contexto escolar, com qualquer pessoa ou instituição que tenha vínculo direto ou indireto com a escola. Desse conceito é preciso destacar vários aspectos importantes. O primeiro refere-se à enorme variedade ou diversidade de violências que vão requerer ações diferenciadas.

1.2.2 Tipos de Violência Escolar

Segundo a ABRAPIA²³, são várias as formas de violência apresentadas entre alunos no ambiente escolar, dentre as principais formas podemos citar:

Violência física – ação ou omissão que coloque em risco ou cause dano à integridade física de uma pessoa. Já a violência verbal normalmente é utilizada para importunar e incomodar a vida das outras pessoas. Pode ser feita por meio do silêncio, que muitas vezes é muito mais violento que os métodos utilizados habitualmente, como as ofensas morais (insultos), deprecições e os questionários infundáveis.

Violência psicológica – ação ou omissão destinada a degradar ou controlar as ações, comportamentos, crenças e decisões de outra pessoa por meio de intimidação, manipulação, ameaça direta ou indireta, humilhações, isolamento ou qualquer outra conduta que implique prejuízo à saúde psicológica, à autodeterminação ou ao desenvolvimento pessoal.

²⁰TELLES, M. A. de A; MELO, M. *O que é violência contra a mulher*. Editora Brasiliense, 2002, p.32.

²¹MARILENA CHAUÍ apud SHILLING, 2004, p.38

²²ELIAS, 2011, p. 11.

²³ABRAPIA. *Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescência*. Disponível em: <<http://www.abrapia.org.br>>acesso em ago. 2014.

Violência sexual – ação que obriga uma pessoa a manter contato sexual, físico ou verbal, ou a participar de outras relações sexuais, com uso da força, intimidação, coerção, chantagem, suborno, manipulação, ameaça ou qualquer outro mecanismo que anule ou limite a vontade pessoal. Considera-se como violência sexual também o fato de o agressor obrigar a vítima a realizar alguns desses atos com terceiros.

A violência sexual acaba por englobar o medo, a vergonha e a culpa sentidas pela vítima, mesmo naquelas que acabam por denunciar o agressor, por essa razão, a ocorrência destes crimes tende a ser ocultada. Já a violência patrimonial pode ser considerada um ato de violência que implique dano, perda, subtração, destruição ou retenção de objetos, documentos pessoais, bens e valores.

Segundo Fernández²⁴, os roubos de pequenos instrumentos e de objetos importantes de laboratórios, oficinas, etc. representam outro tipo de conflito. Também há muita incidência de pequenos roubos entre colegas (Fernández e Quevedo, 1991), principalmente entre os menores de idade. Os roubos de material escolar precisam de uma supervisão cuidadosa nas aulas específicas por parte do professor e de um clima de responsabilidade entre os alunos, que podem ajudar a evitar as ocorrências de roubos entre alunos.

Trote – É uma espécie de ritual de recepção de novos alunos que tenham sido aprovados em exame de seleção e estão ingressando no Ensino Médio ou Superior. Para Silva²⁵, o trote deveria constituir-se um rito de passagem, visando celebrar o início da trajetória universitária do jovem, um momento esperado e desejado tanto pelos alunos como por seus familiares. Os trotes têm se revelado, em diversas instituições do país, como práticas causadoras de graves constrangimentos e como atos violentos e repugnantes.

Ao longo do tempo, o trote foi perdendo o caráter de brincadeira, diversão e assumindo o de violência, sendo marcado por atividades nas quais os veteranos submetem os calouros a situações humilhantes, degradantes, e por vezes violentas, causando até morte, diferentes de um pressuposto ritual de acolhida e integração.

“Bullying” – termo ainda sem tradução exata para o português, tem sido utilizado com frequência nas discussões escolares. De acordo com Reis e Conceição²⁶, o “bullying” é um tipo de agressão, física ou psicológica, que ocorre repetidamente com intencionalidade. Essa agressão ridiculariza, humilha e intimida suas vítimas. Em geral, as vítimas e testemunhas se calam (BARROS, 2008). O reconhecimento do “bullying” como forma de

²⁴FERNÁNDEZ, 2005, p. 45.

²⁵SILVA, 2010, p. 151.

²⁶REIS e CONCEIÇÃO, 2011, p. 121.

violência no espaço da escola simboliza um marco na evolução do respeito e tolerância às diferenças.

Para Beane²⁷, “Cyberbullying” – ou “bullying” eletrônico envolve o uso de informação e tecnologias de comunicação como e-mail, celular, mensagens instantâneas de texto, sites de difamação pessoal e sites de difamação on-line para apoiar comportamento hostil deliberado e repetitivo por um indivíduo ou grupo, com intenção de ferir outras pessoas.

De acordo com Carpenter²⁸, navegando anônimos e seguros, sentem-se à vontade para espalhar insultos e boatos. Escondem-se atrás da tecnologia e a utilizam como arma para humilhar e intimidar.

Observa-se, portanto, que a violência não se restringe ao ato de ferir fisicamente, podendo se manifestar de diversas formas inclusive constrangimento e perda da liberdade de escolha.

Todas as formas de violência aqui apresentados vão contra os direitos humanos, pois anulam o ser humano, tornando-o objeto de outro ser dominador, por vezes em regime de escravidão.

1.2.3 Consequências da Violência Escolar

Para Rolim²⁹, as pessoas que são atingidas pela violência, transformam-se em vítimas, com todo tipo de prejuízo: privação de algum bem, material ou espiritual; perda da liberdade de movimento; ou perda da sua dignidade, através de humilhações e segregação, deixando-os invisíveis, sem o dom de expressar-se.

Fernández³⁰ afirma que as consequências desse tipo de violência interpessoal podem ser altamente nocivas para todos os agentes envolvidos. Para a vítima, pode converter-se em motivos de trauma psicológico, risco físico, causa de profunda ansiedade, infelicidade, problemas de personalidade e definitivamente uma infinidade de insatisfações e riscos desnecessários e lesivos para o desenvolvimento de qualquer indivíduo. Também tem implicações escolares, tais como o fracasso escolar e a pouca concentração, absenteísmo, sensação de enfermidade psicossomática causada pelo estresse que se manifesta no momento de ir para o colégio, além de problemas com o sono que impedem um repouso gratificante. Em

²⁷BEANE, A. L. *Proteja seu filho do “bullying”*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2011, p. 25.

²⁸CARPENTER, D. *Cuidado! Proteja seus filhos dos bullies*. São Paulo: Butterfly, 2011, p.29.

²⁹ROLIM, 2009, p. 27.

³⁰FERNÁNDEZ, 2005, p. 54-55.

um determinado estudo Olweus³¹ observou claramente que os adolescentes de 13 a 16 anos que haviam sido vitimizados mostravam grande probabilidade de depressão aos 23 anos e baixa autoestima.

Silva³² descreve as consequências psíquicas e comportamentais do “bullying”, são elas: sintomas psicossomáticos, transtorno do pânico, fobia escolar e social, transtorno de ansiedade generalizada, depressão, anorexia e bulimia, transtorno obsessivo compulsivo (TOC), transtorno do estresse pós-traumático, esquizofrenia, suicídio e homicídio (casos menos frequentes).

1.2.4 Características das Vítimas, dos Agressores e dos Espectadores

De acordo com Rolim³³, as pessoas que são atingidas pela violência transformam-se em vítimas, com todo tipo de prejuízo: privação de algum bem, material ou espiritual; perda de liberdade de movimento; ou perda da sua dignidade, através de humilhações e segregação, deixando-os invisíveis, sem o dom de expressar-se.

Silva³⁴ diferencia três tipos de vítimas, as vítimas típicas, as vítimas provocadoras e as vítimas agressoras.

As vítimas típicas são os alunos que apresentam pouca habilidade de socialização. Em geral são tímidas e reservadas e não conseguem reagir aos comportamentos provocadores e agressivos dirigidos contra elas. Normalmente são mais frágeis fisicamente ou apresentam alguma “marca” que as destaca das demais; usam óculos, são “21déia21”; deficientes físicos; apresentam sardas ou manchas na pele; orelhas ou nariz mais destacados; usam roupas fora de moda; são de raça, credo, condição socioeconômica ou orientação sexual diferentes. Enfim qualquer coisa que fuja do padrão imposto por um determinado grupo pode deflagrar o processo de escolha da vítima do “bullying”.

As vítimas provocadoras são aquelas capazes de insuflar em seus colegas reações agressoras, contra si mesmos. No entanto, não conseguem responder aos revides de forma satisfatória.

As vítimas agressoras reproduzem os maus tratos sofridos como forma de compensação, ou seja, ela procura outra vítima, ainda mais frágil e vulnerável, e comete contra esta todas as agressões sofridas.

De acordo com Elias³⁵, deve-se considerar também que há agressores que não foram vítimas e vítimas que não se tornam agressores. Isso é muito importante, porque nos orienta para as atividades que, com base na educação, devemos realizar.

³¹OLWEUS, 1993 apud FERNÁNDEZ, 2005, p. 54-55

³²SILVA, 2010, p. 25.

³³ROLIM, 2009, p. 27.

³⁴SILVA, 2010, p. 38-42

³⁵ELIAS, 2011, p. 12.

Segundo Fernández³⁶, existem diversos tipos de vítima; nem todas têm as mesmas características, mas todas possuem baixa popularidade entre seus colegas, desencadeando uma rejeição suficiente para impedir a possibilidade de receber ajuda de seus semelhantes.

Também a vítima tem responsabilidade no fenômeno: a sua própria falta de segurança ajuda o seu antagonismo. Seus gestos, a postura de seu corpo, suas dificuldades na interpretação das mensagens dentro do discurso entre semelhantes e sua falta de “simpatia” não a favorecem. Deverá ser-lhe ensinado a dizer “não”, a expressar suas ideias e desejos, a comunicar os seus sentimentos, a codificar as mensagens ajustadas ao contexto. Por isso, trata-se de práticas em habilidades sociais para trabalhar a autoestima, a segurança, a pressão de grupos, etc.

Ainda de acordo com Fernández³⁷ a vítima interpreta o problema como contido em si mesma e, em alguns casos, que o mereça, o que inibe as possibilidades de comunicar a sua situação a outras pessoas. Além disso, sente-se que a comunicação a debilitaria ainda mais diante dos olhos de seus colegas, perdendo prestígio. Por isso, deve-se ajudar a criar canais seguros de comunicação dentro da escola que facilitem a atuação em casos de abusos.

De acordo com Silva³⁸, os agressores podem ser de ambos os sexos. Possuem em sua personalidade traços de desrespeito e maldade e, na maioria das vezes, essas características estão associadas a um perigoso poder de liderança que, em geral, é obtido ou legitimado através da força física ou do intenso assédio psicológico. O agressor pode agir sozinho ou em grupo. Quando ele está acompanhado de seus “seguidores”, seu poder de “destruição” ganha reforço exponencial o que amplia seu território de ação e sua capacidade de produzir mais e novas vítimas.

Os agressores apresentam, desde muito cedo, aversão às normas, não aceitam ser contrariados ou frustrados, geralmente estão envolvidos em atos de pequenos delitos, como furtos, roubos ou vandalismo, com destruição do patrimônio público ou privado. O que lhes falta, de forma explícita, é afeto pelos outros. Essa afetividade deficitária (parcial ou total) pode ter origem em lares desestruturados ou no próprio temperamento do jovem. Nesse caso, as manifestações de desrespeito, ausência de culpa e remorso pelos atos cometidos contra os outros podem ser observados desde muito cedo (por volta de dos 05 e 06 anos).

³⁶FERNÁNDEZ, 2005, p. 52.

³⁷FERNÁNDEZ, 2005, p. 53.

³⁸SILVA, 2010, p. 43-44.

Fernández³⁹ defende que o agressor goza de maior popularidade entre os seus colegas, mas com sentimentos ambíguos: ele impõe a muitos o respeito ou o medo. Ele acredita que pode exercer o abuso do poder por meio da agressão. Esse traço se mantém na idade adulta e fará parte do público de risco com atos anti-sociais e pré-delinquentes na adolescência. Por não sentir empatia com os sentimentos dos demais, interpreta os seus atos como justificados pela provocação dos outros. A falta de culpa o impede de reconhecer seus próprios atos. Ele precisa treinar o controle de sua raiva, o desenvolvimento da empatia, o autocontrole, etc. e definitivamente as habilidades sociais para saber conviver dentro da sociedade.

Olweus⁴⁰ descreve o agressor como um jovem de temperamento agressivo e impulsivo, e as vítimas de temperamento fraco e tímido, a partir do que se deduz que os agressores costumam ser deficientes em habilidades sociais para comunicar e negociar os seus desejos, enquanto as vítimas acusam uma falta de autoestima e de segurança. Da mesma forma, descobriu que existia uma correlação entre os agressores e a procedência de lares com alto nível de agressões e violência entre os membros da família.

Segundo Elias⁴¹, alunos do sexo masculino ou feminino envolvidos em situações de “bullying” mantêm uma relação ou um vínculo de domínio-submissão. O agressor aprende a dominar a vítima, que, sem forças para escapar ou pedir ajuda, sofre calada essas violências e se submete.

Segundo Silva⁴², os espectadores são aqueles alunos que testemunham as ações dos agressores contra as vítimas, mas não tomam qualquer atitude em relação a isso: não saem em defesa do agredido, tampouco se juntam aos agressores.

Podemos dividir os espectadores em três grupos distintos: espectadores passivos, espectadores ativos e espectadores neutros.

Em geral, os espectadores passivos assumem essa postura por medo absoluto de se tornarem a próxima vítima. Recebem ameaças explícitas ou veladas do tipo: “fique na sua, caso contrário a gente vai atrás de você”. Eles não concordam e até repelem as atitudes dos bullies, no entanto, ficam de mãos atadas para tomar qualquer atitude em defesa das vítimas.

Estão inclusos no grupo dos espectadores ativos os alunos que, apesar de não participarem ativamente dos ataques contra as vítimas, manifestam “apoio moral” aos

³⁹FERNÁNDEZ, 2005, p. 54.

⁴⁰OLWEUS, 1979 apud FERNÁNDEZ 2005, p. 51

⁴¹ELIAS, 2011, p. 18.

⁴²SILVA, 2010, p. 45-46

agressores, com risadas e palavras de incentivo. Não se envolvem diretamente, mas isso não significa, em absoluto, que deixam de se divertir com o que veem.

No grupo dos neutros, podemos perceber os alunos que, por uma questão sociocultural (advindos de lares desestruturados ou de comunidades em que a violência faz parte do cotidiano), não demonstram sensibilidade pelas situações de “bullying” que presenciam. Eles são acometidos por uma “anestesia emocional”, em função do próprio contexto social no qual estão inseridos.

Para Fernández⁴³, enquanto isso, outros colegas se mantêm no limite da agressão e se lhes perguntarmos se sabem o que está acontecendo, disfarçam a informação e ocultam os fatos. Essa atitude simboliza uma falta de solidariedade, uma frieza perante a injustiça, um sentimento de “comigo não acontece, é melhor não me envolver em problemas”.

1.3 LEGISLAÇÃO VIGENTE ACERCA DA VIOLÊNCIA

Segundo Silva⁴⁴, no Brasil não existe legislação específica sobre a violência escolar ou “bullying”. No entanto, podemos contar com uma legislação específica para as crianças e os adolescentes, a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, conhecida como ECA – o Estatuto da Criança e do Adolescente, que prevê de forma clara, medidas de proteção e sócioeducativas a jovens que cometam atos infracionais.

Podemos nos amparar também na Lei maior do país, a Constituição Federal, de 1988 e nas legislações educacionais existentes, tais como, a LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394 de 20 de dezembro 1996, que estabelece as diretrizes da educação no país e ROD- Regulamento da Organização Didática do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará.

1.3.1 Constituição Federal – CF/88⁴⁵

Para esclarecer acerca da legislação da violência na escola e no país, não poderia deixar de fazer referência à Constituição Federal de 1988, onde no seu Art. 5º estabelece que todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos

⁴³FERNÁNDEZ, 2005, p. 51.

⁴⁴SILVA, 2010, p. 168.

⁴⁵BRASIL. *Constituição Federal de 1988*. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 20 fev. 2014.

brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. Cito apenas alguns incisos desse artigo:

- I- Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;
- II- Ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude da lei;
- III- Ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;
- V- É assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral ou à imagem;
- VI- É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias;
- VIII- Ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos os impostos e recusar-se a cumprir prestação alternativa fixada na lei;
- IX- É livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença;
- X- São invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação;
- XLI- A lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais;
- XLII- A prática de racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito a pena de reclusão, nos termos da lei.

1.3.2 Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA⁴⁶

Quando abordamos o tema da violência escolar entre alunos de ensino médio, onde a faixa etária predominante é de adolescentes, se faz necessário nos remetermos à lei vigente que dispõe sobre a proteção do mesmo. Esta lei é conhecida como ECA-Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que no seu artigo segundo estabelece a faixa etária para crianças e adolescentes, sendo considerada criança a pessoa de 12 anos de idade incompletos e adolescentes aquela entre 12 e 18 anos de idade.

De acordo com ECA, a criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (Art. 3º).

O artigo 5º desta lei expressa que nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão,

⁴⁶BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. *Institui o Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília: Senado Federal, 1990.

punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais. Portanto, a lei é clara quanto a proteção à criança e ao adolescente, esses não devem ser vítimas de qualquer forma de violência, devendo ser respeitados em todos os segmentos da sociedade, inclusive no ambiente escolar.

É dever da sociedade denunciar os casos de suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente, esses deverão ser obrigatoriamente comunicados ao Conselho Tutelar da respectiva localidade, sem prejuízo de outras providências legais (Art. 13). Isso significa que embora a escola possua um regulamento próprio, no qual são expressos os direitos e deveres dos discentes, bem como as medidas disciplinares aplicáveis a eles em caso de descumprimento das normas, deverão ser levados em consideração os artigos do ECA, tornando-se indispensável a comunicação aos órgãos competentes os casos de violência contra crianças e adolescentes na escola.

A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis (Art. 15).

O Art. 16 do ECA discorre sobre o direito à liberdade que compreende, entre outros, os seguintes aspectos:

- II – opinião e expressão;
- III – crença e culto religioso;
- V – participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação.

A falta de respeito com estes direitos básicos podem levar ao surgimento de conflitos entre os discentes no ambiente escolar, pois os mesmos apresentam uma diversidade de opiniões, religiões, preferências, comportamentos que precisam ser compreendidos e respeitados por todos aqueles que fazem a escola, sem nenhum tipo de discriminação.

O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais (Art. 17).

Segundo o Art. 18 desta lei é dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor. Assim, a escola como importante segmento da sociedade não pode se omitir de realizar a sua missão, que a formação do cidadão como um todo.

O ECA prevê ainda que, no processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade da criação e o acesso às fontes de cultura. (Art. 58).

O Estatuto da Criança e do Adolescente estabelece medidas de proteção a crianças e adolescentes, bem como as medidas aplicáveis aos mesmos em caso da prática de ato infracional. De acordo com o art. 103, considera-se ato infracional a conduta descrita como crime ou contravenção penal.

Segundo o Art. 104, são penalmente inimputáveis os menores de dezoito anos, sujeitos às medidas previstas nesta Lei.

Aos adolescentes que cometerem ato infracional poderão ser aplicadas medidas sócioeducativas. São consideradas medidas sócioeducativas de acordo com o art. 112:

- I – advertência;
- II – obrigação de reparar o dano;
- III – prestação de serviços à comunidade;
- IV – liberdade assistida;
- V – inserção em regime de semi-liberdade;
- VI – internação em estabelecimento educacional.

Portanto, ao contrário do que muitos pensam o adolescente que cometer algum ato infracional também deverá responder judicialmente por seus atos, por intermédio das medidas citadas acima.

Segundo o Art. 245, deixar o médico, professor ou responsável por estabelecimento de atenção à saúde e de ensino fundamental, pré-escola ou creche, de comunicar à autoridade competente os casos de que tenha conhecimento, envolvendo suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente sob pena de multa de três a vinte salários de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência.

1.3.3 Lei de Diretrizes e Base da Educação – LDB⁴⁷

Outra lei importante que tem relação direta com o tema da não violência escolar é a Lei nº 9.394 de 20, de dezembro de 1996, a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ela estabelece as diretrizes da educação nacional. Em seu segundo artigo, é expresso que a educação é dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. No artigo seguinte, são abordados os princípios básicos sobre os quais o ensino será ministrado, entre eles estão, o respeito à liberdade e apreço à tolerância (IV) e a consideração com a diversidade étnico-racial (XII).

⁴⁷BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional* – LDB 9.394/96. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1996.

A LDB, portanto, ressalta a importância de educação escolar na formação do cidadão como um todo e não apenas em formar pessoas para o mercado de trabalho. Quando relata que a educação deve ser inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, sobre respeito à liberdade e apreço à tolerância e a consideração com a diversidade étnico-racial está estabelecendo princípios fundamentais para que não ocorra a violência escolar, pois é o desrespeito ao próximo, a intolerância, a dificuldade em lidar com a diversidade, que muitas vezes levam os alunos a terem comportamentos violentos na escola.

No inciso I, do artigo 27, que estabelece as diretrizes curriculares, diz que a difusão de valores fundamentais ao interesse social aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática. Esse conceito reforça a ideia de que o coletivo deve se sobressair em relação ao individualismo e que o respeito é condição necessária à boa convivência social.

O artigo 27, que trata do ensino fundamental obrigatório, enfatiza no inciso IV a importância do fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. Esses fundamentos são imprescindíveis nas relações interpessoais dentro do ambiente escolar, onde encontramos grande diversidade de raça, idade, cor, religião, preferências religiosas e sexuais, onde se faz necessário o respeito e a tolerância, não uma tolerância forçada, mas uma tolerância baseada na compreensão.

O ensino médio, abordado no artigo 35, traz no inciso III, como finalidade, o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico. Deixa claro, portanto, que o papel da educação é bastante amplo, além de proporcionar o desenvolvimento intelectual dos indivíduos, também é responsável pela sua formação humana.

1.3.4 Regulamento da Organização Didática do IFCE-ROD⁴⁸

Este capítulo apresenta a legislação interna do IFCE – Instituto Federal do Ceará, denominado ROD – Regulamento da Organização Didática. Esse regulamento foi aprovado pelo Conselho Superior da Instituição, por meio da Resolução nº 033, de 02 de setembro de 2010 e tem como objetivos tornar homogêneas as atividades acadêmicas em todos os 23 Campi e auxiliar o funcionamento da administração institucional.

⁴⁸LIMA, C. R.G de. *Regulamento da Organização Didática*. Disponível em: <<http://www.ifce.edu.br/ensino/rod>>. Acesso em: 24 fev. 2014.

O Regulamento da Organização Didática aborda, entre outros temas, os direitos e deveres do grupo dos discentes. O Artigo 81 descreve o grupo discente do IFCE como sendo os alunos matriculados na formação inicial e continuada de trabalhadores, no ensino técnico, em suas várias formas e modalidades de ensino, na graduação e na pós-graduação, mesmo em regime de parceria com outras instituições.

De acordo com o ROD, em seu Artigo 82, são direitos dos discentes:

- a) receber educação de qualidade, que promova o seu desenvolvimento profissional e humano;
- b) requerer providências aos órgãos que integram a estrutura básica regimental do IFCE, quando se considerar lesado em seus legítimos interesses;
- c) solicitar ao coordenador de seu curso orientação para solução de eventuais dificuldades na vida acadêmica;
- d) organizar-se, por meio de suas entidades representativas, para a intermediação de questões de interesse coletivo do grupo discente;
- e) utilizar a biblioteca e demais dependências de ensino do IFCE, observando as normas que disciplinam seu funcionamento;
- f) receber assistência médica, odontológica, psicológica e de outros serviços durante os períodos letivos, de acordo com as possibilidades e normas do IFCE;
- g) participar das atividades pedagógicas, desportivas, culturais, científicas, tecnológicas e lúdicas organizadas pelo IFCE;
- h) apresentar ao grupo docente ou aos órgãos competentes da gestão do IFCE, sugestões que visem ao aprimoramento da Instituição e à melhoria da qualidade do ensino.
- i) receber, em caso de doença devidamente comprovada, socorro de emergência. Após assistido, ser encaminhado aos seus familiares para continuidade de tratamento;
- j) denunciar, com direito ao anonimato, o mau uso do patrimônio público, depredações e atos de vandalismo.

Os deveres referentes ao grupo discente de IFCE são descritos no Artigo 83

- a) acatar as normas do Regimento Interno e deste ROD;
- b) respeitar e cumprir as deliberações e orientação do Conselho Superior, da reitoria, da direção geral do campus e demais órgãos regimentais da Instituição;
- c) ser assíduo e pontual às atividades de ensino programadas;
- d) cumprir o regulamento do sistema de bibliotecas do IFCE;
- e) tratar com urbanidade e respeito toda comunidade do IFCE;
- f) portar-se sempre de acordo com os princípios da ética e da moral;
- g) contribuir para a manutenção da limpeza das dependências da Instituição e zelar por seu patrimônio;
- h) cooperar, no âmbito de suas atividades, para manter o prestígio e o bom nome do IFCE;
- i) freqüentar as dependências do IFCE com trajas adequados, de acordo com o regimento interno de cada campus.

Os direitos dos alunos residentes são descritos no Art. 85

- a) usufruir de franco acesso à internet nos terminais de computadores da biblioteca em horários pré-estabelecidos;
- b) consultar o acervo da biblioteca, dentro do seu horário de funcionamento;
- c) solicitar empréstimo de itens do acervo da biblioteca, desde que tenha no setor cadastro atualizado;
- d) usufruir da residência estudantil, dos serviços de alimentação e saúde (ambulatório, odontologia, serviço social e psicológico) que a Instituição oferece, dentro das possibilidades de atendimento;

- e) receber orientação e suporte técnico-pedagógico, dentro das possibilidades de atendimento;
- f) ausentar-se da instituição nos dias letivos e não-letivos, desde que não participem da escala de serviços e/ou tenha sido autorizado pelo setor competente de acompanhamento ao aluno residente, registrando em ficha própria os itens: motivo, horário e destino;
- g) ser acomodado na residência estudantil, no início de cada período letivo, verificando, junto com os próprios colegas e seus responsáveis legais, as boas condições de funcionamento das instalações;
- h) ter asseguradas quatro refeições diárias;
- i) dispor de residências estudantis em boas condições de habitabilidade e funcionamento, durante os períodos letivos.

Além dos direitos, os alunos residentes no IFCE possuem deveres específicos que estão descritos no Art. 86:

- a) receber os novos colegas com dignidade e sociabilidade, contribuindo para a adaptação deles à Instituição;
- b) possuir e utilizar o enxoval e material didático conforme determina a Instituição, zelando pela sua conservação e organização;
- c) freqüentar às aulas e atividades correlatas, pelo menos num percentual de 95% durante o semestre, a fim de fazer jus à condição de usuário de residência, caso contrário, perderá o direito a residência, por tempo determinado;
- d) cumprir escalas de atividades;
- e) utilizar trajes compatíveis com o ambiente de refeição, para permanecer dentro do refeitório;
- f) responsabilizar-se pela higienização do ambiente de moradia e de seus arredores, através de escala de limpeza previamente estabelecida;
- g) manter comportamento compatível com as atividades desenvolvidas nas dependências da Instituição;
- h) aceitar a vistoria nas residências destinada a manter organização e as condições de salubridade do ambiente.

São considerados direitos dos alunos semi-residentes, segundo o Art. 88:

- a) receber uma refeição diária;
- b) dispor de boas condições de habitabilidade e de funcionamento das semi – residências estudantis, durante o período letivo;

Os deveres dos alunos semi-residentes são abordados no Art. 89:

- a) frequentar às aulas e atividades correlatas, num percentual mínimo de 90% durante o semestre, a fim de fazer jus à condição de semi-residente;
- b) responsabilizar-se pela higienização do ambiente de moradia e de seus arredores, através de escala de limpeza previamente estabelecida;
- c) utilizar trajes compatíveis no ambiente de refeição;
- d) manter comportamento compatível com as atividades desenvolvidas na biblioteca;
- e) comparecer às atividades pedagógicas, devidamente uniformizado, com assiduidade e pontualidade;
- f) fazer bom uso do material esportivo do IFCE;
- g) zelar pelo patrimônio público existente dentro da sala de aula;
- h) zelar pelo transporte escolar, respondendo solidária, coletiva ou individualmente pelos danos causados em função do mau uso, depredação e/ou atos de vandalismo cometidos contra esse equipamento;
- i) tratar com distinção o motorista, demais servidores, colegas e visitantes quando no uso do transporte escolar;
- j) dar preferência de assento às pessoas idosas gestantes, portadores de necessidades especiais e/ou com dificuldade de locomoção, no transporte escolar.

A seção I do ROD versa sobre as proibições e em seu Art. 90 descreve o que é proibido ao aluno:

- a) aplicar trotes a alunos novatos ou veteranos;
- b) proferir, no âmbito da Instituição, palavras e/ou gestos obscenos;
- c) efetuar transações comerciais dentro da Instituição;
- d) usar e/ou depositar no interior da Instituição, material explosivo, armas, bebidas alcoólicas e/ou entorpecentes, bem como se apresentar embriagado;
- e) colar, pregar ou parafusar ilustrações e outros instrumentos de comunicação em lugares inadequados (armários, banheiros, camas e paredes);
- f) desperdiçar alimentos fornecidos pela Instituição;
- g) usar material pornográfico no âmbito da Instituição;
- h) pichar e/ou sujar as paredes e destruir publicações;
- i) apropriar-se dos produtos produzidos pela Instituição sem a devida autorização;
- j) usar o nome da Instituição em benefício próprio;
- k) promover ou aplicar práticas que causem constrangimento a colegas e servidores;
- l) promover e participar de distúrbios da ordem nos Logradouros e demais áreas do IFCE, assim como no transporte escolar;
- m) usar aparelhos sonoros dentro da biblioteca e proximidades das salas de aulas;
- n) agredir física ou verbalmente o colega, o professor ou técnico administrativo dentro ou fora da sala de aula;
- o) fazer uso de cigarro dentro da sala de aula ou fora dela e no interior do transporte escolar e comparecer à instituição em estado de embriaguez ou sob o efeito de substâncias psicotrópicas, narcóticas ou alucinógenas;
- p) manter dentro das dependências da Instituição animais e/ou objetos de estimação que venham a comprometer o bom andamento do processo ensino-aprendizagem, de convivência e saúde;
- q) usar de palavras de baixo calão dentro do transporte escolar;
- r) dirigir ofensas a transeuntes, pedestres e a populares em geral quando do traslado no transporte escolar;
- s) transitar nos logradouros, nas áreas do IFCE e no transporte escolar com trajas sumários, seminus ou com vestimentas inadequadas para uma Instituição de ensino;
- t) exceder-se na manifestação de apreço aos colegas nos logradouros e demais áreas do IFCE;
- u) promover o acesso a “sites” pornográficos ou fazer parte desse tipo de ação por meio dos terminais de computadores do IFCE, incluídos os da biblioteca.
- v) usar celulares ou outras mídias em sala de aula, a menos que seja devidamente justificado e autorizado pelo docente.

O Art. 91 especifica as proibições ao aluno residente, são elas:

- a) manter sob sua guarda objetos que comprometam a segurança individual e/ou coletiva dos residentes do seu bloco e/ou blocos circunvizinhos;
- b) usar aparelhos sonoros, instrumento musical, televisores, principalmente, após as 22h, exceto utilizando fone de ouvido;
- c) usar e/ou apropriar-se indevidamente de objetos e pertences alheios;
- d) permitir a entrada e/ou permanência de alunos externos e semi-residentes, bem como de pessoas estranhas na residência estudantil e cômodos adicionais;
- e) praticar, dentro da residência estudantil, apartamentos adicionais e vestiários, jogos que envolvam apostas;
- f) transitar com traje sumário em horários de aula nos recintos da Instituição, com exceção no interior da residência e dos alojamentos;
- g) manter luzes acesas, após as 22h, exceto na sala de estudo;
- h) retirar ou trocar os móveis e/ou equipamentos da residência estudantil, apartamentos adicionais e vestiários sem autorização;
- i) transferir-se dos apartamentos sem autorização do setor responsável de Assistência ao Estudante – CGAE.

O título V do ROD, que trata do sistema disciplinar, traz em seu Capítulo III as medidas aplicáveis ao grupo de discentes. De acordo com o Art. 99, os discentes que infringirem os preceitos disciplinares da Instituição, as normas legais e o estabelecido neste ROD poderão receber as seguintes penalidades de acordo com a natureza e a gravidade da infração:

- a) advertência verbal;
- b) advertência por escrito;
- c) pena alternativa de caráter educativo;
- d) suspensão;
- e) mudança do regime de residência para semi-residência;
- f) mudança do regime de semi-residência para não residente;
- g) cancelamento de matrícula.

Como observamos o discente que cometer qualquer ato de violência no ambiente escolar encontra resposta na legislação interna do IFCE por meio das medidas previstas no ROD, ao menos na teoria, pois, apesar da legislação ser bem intencionada, a teoria muitas vezes esbarra na prática, de modo que, os resultados esperados da aplicação das leis nem sempre acontecem. A não aplicabilidade das leis consiste num grande problema do país, onde nos deparamos com a ausência do papel da justiça e este problema é mais complexo do que se imagina. Se as leis existem por que não são cumpridas? O não cumprimento das leis amplia a insegurança das vítimas e potencializam os casos de violência já que os agressores têm certeza da impunidade.

§1º Nos casos de transgressão disciplinar de discente, as providências atinentes às medidas punitivas caberão a Direção Geral que designará uma comissão disciplinar, para colher depoimentos das partes envolvidas e elaborar relatório com sugestão de penalidade.

§2º A comissão disciplinar encaminhará relatório com sugestão de penalidade ao diretor-geral do campus que determinará, mediante portaria, as medidas disciplinares que, ao seu juízo, serão aplicadas.

§4º A aplicação das medidas disciplinares previstas neste ROD não isenta(m) o(s) discente(s) de ressarcimento de danos materiais causados ao patrimônio da instituição.

De acordo com o Art. 100, as medidas disciplinares serão aplicadas de acordo com a gravidade dos atos e considerando-se os antecedentes do aluno.

O Art. 102 relata que a pena de cancelamento de matrícula será aplicada nos casos graves, não podendo o discente retornar à instituição pelo prazo de 02 (dois) anos, contados a partir da publicação do ato de punição.

No Art. 103 são abordados os casos passíveis de cancelamento de matrícula:

- a) portar, usar ou manter, sob sua guarda, qualquer espécie de arma nas dependências da Instituição;
- b) usar ou traficar drogas ilícitas nas dependências da instituição.
- c) atentar contra a integridade física de colegas e servidores;
- d) adulterar notas e documentos oficiais;
- e) praticar furto ou roubo;
- f) promover ou aplicar “trotos” e/ou práticas de atentado à moral e ao pudor;
- g) apropriar-se indevidamente de produtos e subprodutos de origem animal e vegetal.

O parágrafo único desse capítulo explica que o ato de aplicação de qualquer sanção disciplinar mencionará sempre o fundamento legal e a causa.

A Seção I, do capítulo IV, trata do processo disciplinar, esse é o instrumento destinado a apurar responsabilidade do aluno pela prática de violação e de inobservância dos deveres capitulados neste ROD. (Art. 111)

De acordo com o Art. 112, o processo disciplinar aplicado ao aluno regularmente matriculado poderá ter origem por intermédio de:

- a) denúncia feita por colegas, servidores administrativos ou terceiros;
- b) denúncia feita por professores, coordenadores, chefes de departamento, diretorias e diretor geral;
- c) flagrante delito testemunhado pela comunidade escolar ou terceiros.

O processo disciplinar aplicado ao aluno regularmente matriculado deverá ser iniciado na coordenação do curso a qual pertence o aluno que notificará o fato, por memorando, à Direção geral do Campus. (Art. 113)

§1º A Direção geral solicitará à Diretoria/Departamento de Ensino ou DAE os nomes que comporão a Comissão Disciplinar, para formulação da portaria designativa.

A Comissão designada pela Direção geral do Campus será composta por 03 (três) membros titulares do Campus, sendo: 01 (um) professor do quadro efetivo; 01 (um) técnico-administrativo do quadro efetivo e 01 (um) aluno com idade igual ou superior a 18 anos, regularmente matriculado em um dos cursos da Instituição. (Art. 114)

Essa Comissão Disciplinar, depois de formalizada a denúncia, promoverá a tomada de depoimentos, acareações, investigações e diligências cabíveis, objetivando a coleta de provas. (Art. 117)

Parágrafo único – A Comissão Disciplinar analisará a vida do aluno na Instituição, com vistas a sugerir medida proporcional à infração cometida.

O processo disciplinar será concluído no prazo de 20(vinte) dias, contados a partir da instalação da comissão e formalização da denúncia, podendo ser prorrogado por igual período. (Art. 118)

Parágrafo único – O processo disciplinar obedecerá ao princípio do contraditório, assegurada ao aluno à ampla defesa, através da utilização dos meios e recursos admitidos em direito.

O Art. 119 relata que é assegurado ao aluno o direito de acompanhar o processo pessoalmente ou por intermédio de procurador, arrolar e reinquirir testemunhas, produzir provas e contraprovas.

Apreciada a defesa, a comissão elaborará relatório minucioso, onde resumirá as peças principais dos autos e mencionará as provas em que se baseou para formar a sua convicção. (Art. 123)

Parágrafo único – O relatório será sempre conclusivo quanto à inocência ou à responsabilidade do aluno.

O Regulamento da Organização Didática, especificamente no que se refere ao discente, seus direitos, deveres e proibições na instituição são apresentados aos alunos novatos na primeira semana de seu ingresso, com o objetivo de tornar conhecido o referido regulamento, bem como o que permitido ou não ao aluno do IFCE.

A existência das leis citadas neste capítulo não será suficiente para garantir que não existirão mais casos de violência na escola, no entanto, elas são fundamentais para a transformação da realidade vivenciada pelas crianças e adolescentes, afinal, não existe sociedade justa, sem leis que tratem todos com justiça.

No que diz respeito ao ROD, percebe-se que embora ele seja divulgado entre os alunos ainda na primeira semana que ingressam na instituição, se faz necessário dar continuidade ao processo de comunicação acerca dos direitos e deveres dos alunos. Outro aspecto importante se dá no tocante a agilidade e aplicabilidade do regulamento no sentido de apurar os casos de violência.

Esse trabalho de conscientização deve ser realizado com todos os que lidam direta ou indiretamente com os discentes no ambiente escolar, com o objetivo de mudar a maneira de ver, compreender e agir daqueles que lidam com o adolescente, entendendo que o adolescente infrator é responsável pelos seus atos e que as medidas punitivas são necessárias para o processo de reeducação deste indivíduo.

Há inúmeras discussões entre os juristas e membros da sociedade acerca do artigo 228 da CF/88 que define “são penalmente inimputáveis os menores de dezoito anos, sujeitos às normas da legislação especial”.

Surge a partir desse artigo discussões sobre a maioria penal, onde se defende que a impunidade faz com a violência praticada pelos adolescentes aumente. O que precisa ser

esclarecido segundo Faria⁴⁹ é que não se deve confundir imputabilidade com impunidade, já que o adolescente é responsável por seus atos nos termos da lei que dispensa a ele tratamento especial, isto é, o Estatuto da Criança e do Adolescente. Pode-se dizer que a delinquência juvenil encontra no Estatuto da Criança e do Adolescente resposta adequada (ao menos na teoria) como um sistema preventivo-repressivo, com fim de promover a reeducação e a reinserção social do adolescente, que ao cometer um ato infracional, será submetido à aplicação de medidas sócioeducativas previstas no artigo 112 do ECA, que têm por escopo, a reeducação do indivíduo em desenvolvimento.

⁴⁹FARIA, R. A. de. *Responsabilidade penal do adolescente e ato infracional*. Boletim Jurídico, Uberaba/MG, a. 5, no530. Disponível em: <<http://www.boletimjuridico.com.br/doutrina/texto.asp?id=2013>> Acesso em: 15 ago. 2014.

2 A ESCUTA DA VIOLÊNCIA: RESULTADOS E DISCUSSÕES

2.1 Caracterização da Pesquisa

A presente pesquisa está pautada nas abordagens quantitativa e qualitativa. Embora haja diferenças significativas entre essas duas abordagens, optou-se por ambas para que todos os objetivos da pesquisa fossem atingidos e tendo em vista os benefícios de ambas na análise dos dados.

2.1.2 Participantes

Os alunos participantes da pesquisa correspondem a 30% de um universo de 178 alunos matriculados no ensino médio integrado na Unidade II, chegando a um total de 54 alunos, no entanto, os que responderam ao questionário somam 50, pois 04 (quatro) alunos não foram localizados na instituição, por meio de informação dos colegas tomou-se conhecimento de que os mesmos haviam se evadido, mesmo permanecendo com registro de matriculado no setor de Registros Acadêmicos. Os alunos participantes corresponderam aos estudantes do ensino médio integrado dos cursos de Agropecuária e Agroindústria da Unidade II, do IFCE Campus Iguatu, todos estudam em período integral, manhã e tarde. Os alunos participantes foram selecionados por sorteio realizado com o número de matrícula cedido pelo setor de Registros Acadêmicos.

A pesquisa foi realizada com 50 questionários, todos foram devolvidos, apesar de algumas questões não terem sido respondidas.

Os outros participantes desta pesquisa foram: 05 (cinco) servidores que estão ou estiveram como chefes do Departamento de Assuntos Estudantis.

2.1.3 Local da Pesquisa

A coleta de dados ocorreu na Unidade II, do Campus Iguatu. Alguns alunos responderam ao questionário no próprio campus, outros levaram para responder em casa e devolveram posteriormente. Na entrevista com os servidores foi realizada em suas próprias salas no departamento onde trabalham.

2.1.4 Procedimentos

A coleta de dados realizada com os servidores se deu por meio da técnica de entrevista não-diretiva, com os cinco servidores, foi realizado um primeiro contato para solicitar sua participação e esclarecer o objetivo da pesquisa, num segundo encontro foi realizada a entrevista. Para a aplicação dos questionários junto aos alunos também foram necessários dois momentos, no primeiro contato a pesquisadora solicitou a colaboração dos mesmos, esclareceu o objetivo da pesquisa e foi entregue o questionário e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE A), foi apresentado dois termos diferentes, um para os participantes com mais de 18 anos e outro TCLE para os menores (APÊNDICE B). O segundo contato com os alunos foi para receber o material.

O presente projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética e Pesquisa – CEP, para aprovação. A aprovação do comitê foi favorável, conforme parecer de número: 654695 (ANEXO A). Dessa forma, no momento da aplicação do questionário e da entrevista, foram apresentados aos participantes os referidos termos.

A entrevista com os servidores foi realizada individualmente, gravada, transcrita na íntegra para posterior análise. O tempo de cada entrevista teve duração de 16 (dezesesseis) a 45 (quarenta e cinco) minutos aproximadamente.

2.1.5 Instrumentos de Coleta dos Dados

Os instrumentos utilizados foram 01 roteiro de entrevista (APÊNDICE C) contendo uma questão aberta e 01 questionário com 19 perguntas objetivas. O roteiro de entrevista foi aplicado aos servidores e o questionário (APÊNDICE D) aplicado aos alunos que estão matriculados no ensino médio integrado da Unidade II, do IFCE Campus Iguatu.

Buscando investigar a história da cultura de violência na escola, a entrevista foi elaborada com apenas uma pergunta para que o entrevistado ficasse livre para relatar os casos de violência de que teve conhecimento durante o período em que esteve como chefe do Departamento de Assuntos Estudantis.

Segundo Severino⁵⁰, a entrevista não-diretiva permite colher informações dos sujeitos a partir do seu discurso livre. O entrevistador mantém-se em escuta atenta, registrando todas as informações e só intervindo discretamente para, eventualmente, estimular o depoente. De preferência deve praticar um diálogo descontraído, deixando o informante à vontade para expressar sem constrangimentos suas representações.

⁵⁰SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007, p. 125.

O questionário aplicado aos alunos buscou investigar se existem casos de violência na escola, os tipos de violência, descrever as características dos agressores, das vítimas e das testemunhas, detectar se há diferenças nas formas de violência entre os alunos residentes, semi- residentes e não residentes, identificar em que série, local e turno em que as agressões acontecem, com maior frequência. No questionário, foram incluídas perguntas sobre: série, regime de matrícula, sexo, religião, nível sócioeconômico e idade, com o objetivo da caracterização pessoal dos participantes.

Segundo Cervo⁵¹, o questionário possui a vantagem de os respondentes se sentirem mais confiantes, dado o anonimato, o que possibilita coletar informações e respostas mais reais.

2.1.6 Tratamento dos Dados

Os dados coletados a partir das respostas dos questionários e das entrevistas foram analisados através de duas abordagens. As respostas dos questionários foram tabuladas, transformadas em gráficos (APÊNDICE E) e analisadas com base na fundamentação teórica. As entrevistas foram organizadas em categorias, com base na Análise de Conteúdo de Bardin⁵², relacionados e confrontados com o referencial teórico da área.

Segundo Caregnato e Mutti,⁵³ a técnica de Análise de Conteúdo se compõe de três grandes etapas: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados e interpretação.

Para Bardin⁵⁴, a Análise de Conteúdo é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção [...] destas mensagens”.

O conteúdo das entrevistas foi dividido em categorias e subcategorias, estas foram definidas buscando melhor atender aos objetivos do trabalho, e levando em consideração aspectos do discurso que eram comuns a todos os entrevistados, desse modo facilitando a análise dos dados coletados.

⁵¹CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. da. *Metodologia Científica*. 6.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007, p. 53.

⁵²A proposta aqui apresentada é da professora assistente de psicologia na Universidade de Paris V, que aplicou as técnicas da Análise de Conteúdo na investigação psicossociológica e no estudo das comunicações de massas.

⁵³CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. *Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo*. Texto Contexto Enferm. Florianópolis, 2006, p. 683.

⁵⁴BARDIN apud CAREGNATO e MUTTI, 2006, p. 683.

Para Caregnato e Mutti,⁵⁵ a análise por categorias temáticas tenta encontrar “uma série de significações que o codificador detecta por meio de indicadores que lhe estão ligados; [...] codificar ou caracterizar um segmento é colocá-lo em uma das classes de equivalências definidas, a partir das significações, [...] em função do julgamento do codificador [...] o que exige qualidades psicológicas complementares como a fineza, a sensibilidade, a flexibilidade, por parte do codificador para apreender o que importa”.

A análise dos dados foi realizada na mesma sequência em que foram coletados, ou seja, primeiro foi realizada a aplicação dos questionários com os alunos, seguido das entrevistas com os servidores. Dessa forma, serão analisadas as respostas dos alunos, em seguida a análise das entrevistas com os servidores.

2.2 Análise dos Dados dos Questionários Aplicados aos (as) Alunos (as)

Visando conhecer os sujeitos da pesquisa e elucidar nosso objeto de estudo, elaborou-se a primeira parte do questionário, focando na obtenção de dados dos alunos pesquisados. Essa parte foi composta por 06 (seis) questões procurando identificar a série, o regime de matrícula, o sexo, a religião, o nível sócioeconômico e idade.

1. A primeira pergunta se refere à série dos (as) alunos (as):

Verificou-se uma maior predominância de alunos da 2ª série (56%), seguido de alunos da 3ª série, com 28% e com menor percentual estão os alunos da 1ª série com 16%.

2. A segunda pergunta se refere ao regime de matrícula dos (as) alunos (as) pesquisados (as), se são residentes, semi-residentes ou não-residentes.

A residência estudantil se destina preferencialmente aos estudantes de nível socioeconômico menos favorecido e tal benefício se dá após avaliação das Assistentes Sociais da Instituição. Verificou-se que a maioria dos alunos que participou da pesquisa pertence ao regime de matrícula residentes⁵⁶, com 62%, seguidos dos semi-residentes, com 32% e em menor número aparecem os alunos não residentes com apenas 4% dos pesquisados.

3. A questão seguinte se refere ao sexo dos alunos pesquisados. Constatou-se o sexo masculino como predominante com 86%, seguido do sexo feminino com 14%.

⁵⁵CAREGNATO e MUTTI, 2006, p. 683.

⁵⁶Os alunos residentes aqueles que moram na Instituição durante a semana letiva, voltando para casa apenas nos finais de semana, feriados ou férias. O aluno semi-residente é aquele que permanece na instituição nos dois turnos e que retorna a sua residência ao final do dia. O aluno não residente é aquele que permanece na instituição nos dois turnos, mas vai para sua residência no horário do almoço e ao final do dia (ROD, 2014).

É provável que essa predominância do sexo masculino tenha como motivo o local onde a pesquisa foi realizada, o Campus Iguatu possui duas Unidades, na Unidade I é oferecida a residência estudantil feminina e na Unidade II, onde a pesquisa foi realizada, se localiza a residência estudantil masculina.

4. A quarta pergunta abordou a religião e constatou-se que: no que tange à religião 72% são católicos, 12% são evangélicos, 2% são espíritas, 4% são ateus e 10% afirmam não ter religião.

De acordo com o gráfico apresentado no tocante à religião, observa-se uma prevalência da religião católica entre os alunos que participaram da pesquisa, chegando a 72%, em relação às demais religiões, outro fato que chama a atenção é a quantidade de alunos que afirmam não ter religião, cerca de 10%.

5. A quinta pergunta destinada à caracterização dos alunos diz respeito ao nível socioeconômico⁵⁷:

Conforme os dados encontrados, verificou-se que houve prevalência do nível socioeconômico baixo com 52%, seguido do médio com 46% ambos surgiram com percentuais próximos na pesquisa, porém, o nível socioeconômico alto não foi citado pelos alunos pesquisados, e 2% não responderam a essa questão.

Se num primeiro momento o nível de violência poderia ser ligado à predominância de classe baixa, Reis e Conceição⁵⁸ apresentam uma pesquisa realizada no Rio de Janeiro onde foi possível verificar que os jovens dos estratos privilegiados (A e B) relataram maior número de ocorrências de ameaças (19,2% estratos A e B; 18,6%, C, D e E) e de agressões físicas (28% A e B; 23,3%, C, D e E) do que os de origem popular. Portanto, a violência não se limita a classes sociais específicas.

6. A última pergunta da caracterização se refere à idade dos alunos pesquisados, constatou-se que no que tange à idade 2% têm 15 anos, 22%, 16 anos, 36%, 17 anos, 22%, 18 anos, 6%, 19 anos, 8%, 20 anos e 4%, 22 anos.

De acordo com os dados apresentados, nota-se que as idades dos alunos pesquisados encontram-se entre os 15 e 22 anos, sendo que o maior percentual ocorreu com alunos de 17

⁵⁷O nível socioeconômico (NSE) sintetiza as características dos indivíduos em relação à sua **renda, ocupação e escolaridade**, permitindo fazer análises de classes de indivíduos semelhantes em relação a estas características. O NSE foi separado em sete níveis qualitativos: "Mais Baixo", "Baixo", "Médio-baixo", "Médio", "Médio Alto", "Alto", "Mais Alto". (QEDU). A primeira função do nível socioeconômico é auxiliar o entendimento sobre o perfil dos alunos atendidos pela escola. Para facilitar o entendimento, foram apresentados apenas os termos como "Alto", "Baixo" e "Médio."

⁵⁸REIS e CONCEIÇÃO, 2012, p. 137.

anos, com 36% dos casos. Outro fator relevante é o fato da maioria, cerca de 60% dos alunos são adolescentes, ou seja, têm menos de 18 anos.

Segundo Almeida e Aguiar⁵⁹

Na escola, grande parte da problemática ligada ao contexto de atos de violência está ligada aos estudantes adolescentes. Apesar deles não serem os únicos responsáveis. A questão da violência aparece associada ao processo de adolescência e às questões psíquicas e sociais implicadas nessa travessia. Na análise psicanalítica do agir adolescente, a compreensão que se tem é a de que a violência não pode ser atribuída somente ao que é observável, mas ao contrário, trata-se da expressão de um desconforto interno, projetado para fora, para o externo.

Após a caracterização dos alunos que participaram da pesquisa, a seguir, buscou-se investigar o conhecimento que os alunos construíram acerca da violência escolar entre alunos no IFCE Campus Iguatu.

1. Para a primeira pergunta: Acontecem casos de violência nesta escola?

Nota-se a prevalência de alunos que afirmam a existência de violência na escola, representando 68% dos alunos pesquisados, seguido de 32% dos que afirmam que não existe violência.

A pesquisa evidenciou que na Unidade II, do IFCE Campus Iguatu existe violência entre alunos, de acordo com 68% dos alunos que participaram da pesquisa. De acordo com Silva⁶⁰, a violência está presente em todas as escolas, independentemente de sua tradição, localização, ou poder aquisitivo dos alunos sendo considerada democrática, por estar presente em 100% das escolas sejam elas públicas ou particulares.

1.1. A pergunta seguinte sobre quais as violências que mais ocorrem na escola destinava-se apenas aqueles alunos que responderam sim a questão anterior.

De acordo com os dados obtidos dos alunos que responderam ao questionário, 32% afirmam predominância da violência verbal entre alunos, seguida da violência psicológica com 21%, encontram-se empatadas as violências físicas e “bullying” com 17%, as violências material e sexual aparecem com o mesmo percentual, de 4% e em menor proporção apareceu o trote com 3%. Os alunos que não responderam a este item corresponde a 1%.

De acordo com Fernández⁶¹, a violência verbal se refere a ameaças, insultos e expressões maldosas, afirma ainda que esta é, a mais comum, a mais repetida das violências.

⁵⁹ALMEIDA, S. F. C de; AGUIAR, R. M. R. *Adolescência e violência na escola: dispositivos de reconstrução dos laços sociais no cotidiano escolar*. In: AMPARO, D. M. et al (Org). *Adolescência e violência: intervenções e estudos clínicos, psicossociais e educacionais*. Brasília: Liber Livro e Editora Universidade de Brasília, 2012, p. 148.

⁶⁰SILVA, A. B. B. *“Bullying”: mentes perigosas na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010, p. 117.

⁶¹FERNÁNDEZ, I. *Prevenção da violência e soluções de conflitos: o clima escolar como fator de qualidade*. São Paulo: Madras, 2005, p. 44.

Já a violência psicológica que na pesquisa foi identificada como a segunda que mais ocorre entre os alunos, segundo a mesma autora, frequentemente passa despercebida e se refere de forma geral a “jogos psicológicos”, chantagens, gozações, rumores, isolamento e rejeição. A violência física pode tomar a forma de briga, agressão com algum objeto ou simplesmente um dano físico sem importância aparente.

É importante observar que os alunos têm uma ampla percepção do que seja violência e dos seus diversos tipos, embora ao citá-las procuram sempre se referir à ação violenta e não a sua tipificação.

De forma geral, todas as formas de violência acarretam consequências físicas, psíquicas e comportamentais para as vítimas, que perdem seu poder de escolha e sua liberdade como foi abordado anteriormente.

2. A segunda pergunta do questionário busca saber se os alunos já foram vítimas de violência no IFCE Campus Iguatu.

Nota-se que a prevalência de alunos vítimas de violência, representando 52% dos alunos pesquisados, seguido de alunos que não foram vítimas com o menor percentual de 48%.

No entanto, percebeu-se durante a análise que cinco alunos que afirmaram não terem sido vítimas de violência na escola, responderam na questão seguinte os tipos de violência que mais sofreram. Nos questionários de números 01, 30, 41 e 48, os alunos afirmaram que não sofreram violência na escola e na pergunta seguinte que indaga sobre qual tipo de violência sofreu disseram que sofreram violência verbal. No questionário de número 35, ocorre à mesma situação, o aluno respondeu que não sofreu violência na escola e em seguida afirma que sofreu violência psicológica, nota-se, portanto, contradição nas respostas dos alunos, o que pode indicar que o número de violência ocorrido nesta escola pode ser maior do que o apresentado no gráfico.

3. A terceira pergunta indaga sobre qual o tipo de violência que sofreram os alunos participantes da pesquisa:

Percebe-se que o tipo de violência predominante entre alunos nesta escola é a violência verbal, com 38%, em segundo lugar encontra-se a violência psicológica, com 15%, seguida do “bullying” e do trote, com 13% e 12%, respectivamente, em quinto lugar está a violência material, com 8%, seguido da violência sexual, com 7% dos casos relatados, a violência virtual e a física apareceram com percentual menor de 3%.

Os dados encontrados acerca da quantidade elevada da violência verbal corrobora com a descrita por Almeida e Aguiar⁶² e por serem muitas vezes negligenciada requer por parte dos profissionais da educação um olhar mais atento com vistas a identificar os casos e buscar soluções adequadas.

Em relação à violência sexual, Chagnon⁶³ relata que a maioria dos agressores sexuais, na medida em que podem reconhecê-lo ou pensá-lo, afirmam ter cometido os primeiros atos de delinquência sexual na adolescência ou na pós-adolescência e, em alguns casos, com uma escalada que vai do toque até o estupro, algumas vezes com ideias – e mais raramente com a realização – de assassinato.

Por outro lado, é importante saber que certos comportamentos sexuais desviantes podem ser apenas um “acidente de percurso” ou mesmo uma manifestação passageira de uma sexualidade adolescente um pouco ruidosa, ainda comprometida com seus aspectos da sexualidade infantil, ou, ao contrário, o ponto de partida de um comportamento desviante na idade adulta.

4. A pergunta quatro do questionário investiga a quantidade de vezes em que os alunos foram vítimas de violência nesta escola. Notou-se que: 48% foram vítimas de 01 a 02 vezes, 39% de 02 a 03 vezes, 10% todas as semanas e 3% todos os dias.

Percebe-se uma frequência elevada com que os alunos são vítimas de violência na escola, inclusive um motivo de grande preocupação são aqueles que representam 13% de alunos que afirmaram que sofrem violência todas as semanas e todos os dias, esse fato nos leva a refletir a qualidade de vida que esses jovens estão tendo dentro desta instituição.

5. Em relação à série em que foram vítimas de violência, constatou-se que: 66% foram vítimas de violência na 1ª série, 3% na 2ª série, nenhum aluno foi vítima na 3ª série (0%), 19% afirmam ter sido vítima em todas as séries e 13% em mais de uma série.

Esse dado chama a atenção pelo elevado número de alunos que sofreram violência na 1ª série (66%), ou seja, quando ingressaram na escola, e vai diminuindo a vitimização à medida que vão avançando a série, na 2ª série apenas 2% foram vítimas e na 3ª série ninguém foi vítima de violência.

Essa constatação de que os alunos vão deixando de ser vítimas à medida que avançam de série, nos leva a hipótese citada no capítulo dois acerca da vítima agressora, ou

⁶²ALMEIDA e AGUIAR, 2012, p. 147.

⁶³CHAGNON, J-Y. *As agressões sexuais na adolescência*. In: AMPARO, D. M. et al (Org). *Adolescência e violência: intervenções e estudos clínicos, psicossociais e educacionais*. Brasília: Liber Livro e Editora Universidade de Brasília, 2012, p. 58.

seja, aquele aluno que sofreu violência na 1ª série, posteriormente reproduz os maus tratos sofridos com os alunos ingressos, perpetuando assim o ciclo da violência.

6. A questão seis investiga acerca do sexo dos agressores: de acordo com os resultados encontrados, percebe-se que existe predominância de agressores do sexo masculino, atingindo 58% dos casos relatados, seguido de 35% de agressores de ambos os sexos e aparece com menor percentual, o sexo feminino com 6%.

Esse dado pode estar relacionado ao maior número de alunos do sexo masculino que estudam na Unidade II, onde a pesquisa foi realizada, podendo não refletir a realidade de todo o Campus.

7. A sétima pergunta do questionário investiga se no momento da agressão, o agressor estava sozinho ou em grupo.

Observa-se que no momento da agressão a maioria dos agressores estava em grupo, com 77% dos casos relatados, seguido de 23% que afirmam que os agressores estavam sozinhos.

Esse dado corrobora com o que afirma Fernández⁶⁴

O grupo reforça seus vínculos de união pela hostilidade compartilhada, criando um campo de influência agressiva que, em caso de não ser combatida a tempo, pode contagiar o relacionamento dos colegas de classe e estender-se a outros jovens.

Entende-se que a constituição de grupos não pode ser considerada como algo negativo, no entanto, é preciso estar atento, pois o grupo de colegas pode influenciar de forma positiva ou negativa, inclusive a práticas de violência entre alunos.

8. A oitava pergunta busca identificar quem são os agressores: nota-se que os agressores predominantes são os colegas mais velhos da mesma escola, com 64%, em segundo lugar estão os colegas de turma, com 33%, seguido de alunos de outra escola com 3%. Não apareceu nas respostas a participação de estranhos nas agressões.

Novamente aqui se reforça a hipótese de que os alunos que são vítimas se transformam em agressores quando estão em séries mais elevadas, por esse motivo os agressores apresentados aqui com maior notoriedade são colegas mais velhos da mesma escola.

Em relação aos agressores apresentar mais idade do que às vítimas, podemos relacionar esse dado ao modelo domínio-submissão apresentado por Fernández⁶⁵

Trata-se de um matiz de poder e de controle interpessoal que se pratica inserido no processo natural de socialização e que deve ser explorado de forma adequada, senão o aluno fica à mercê do colega que, sentindo-se mais forte ou com maior habilidade,

⁶⁴FERNÁNDEZ, 2005, p. 51.

⁶⁵FERNÁNDEZ, 2005, p. 28

pode submetê-lo a um tipo de relacionamento que inclui de certa forma o poder social e o controle de uma personalidade por parte de outra.

Na instituição existem regras que “legitimam” esse poder dos alunos sobre aqueles de idades e séries inferiores à medida que os colocam em funções de monitoria em que estão em condições de “poder” ou “vantagem” em relação aos demais alunos que estão em condição desfavorável, tendo apenas que obedecê-los.

9. A nona pergunta diz respeito ao local na escola em que você foi vítima de agressão: em relação ao local das agressões, vários locais foram citados pelos alunos que responderam ao questionário, apresentando como locais mais frequentes os corredores e os alojamentos, ambos com 20%, em segundo lugar aparece o pátio com 14%, em terceiro lugar estão o refeitório e o transporte escolar, ambos com 8%, em seguida vem a sala de aula na ausência do professor, com 7%, na sala de aula na presença do professor, com 5% e com menor frequência aparece no caminho da escola com apenas 1% dos casos relatados.

É possível observar que a violência está presente nos diversos espaços da escola e que ocorre com ou sem a presença de servidores, no entanto, verifica-se uma maior incidência de violência nos locais onde não há servidores presentes como é o caso dos alojamentos e corredores.

Tal constatação reforça o que defende Elias⁶⁶ de que

A violência pode ocorrer, nos diversos espaços dentro dos muros da escola-incluindo salas de aula, banheiros, corredores, pátios etc. – mas também nos arredores, no bairro, nas ruas, no centro comunitário, na quadra esportiva. E, ainda, em atividades extra escolares ou não diretamente educativas, no jogo de futebol, no ensaio de música etc.

Diante de tal constatação faz necessário que a escola disponha de servidores suficientes para acompanhar os alunos em suas atividades escolares e capazes de orientá-los acerca da cultura de paz.

10. A décima pergunta indaga se o aluno disse a alguém que foi vítima de violência nesta escola, percebeu-se que 24% dos alunos pesquisados afirmam que nunca foram vítimas, 18% nunca contaram a ninguém e 58% contaram a alguém.

Percebe-se que a maioria dos alunos que afirma ter sido vítima de agressão na escola contactou a alguém da violência sofrida. A princípio considera-se como positivo o fato de o aluno ter com quem contar, em seguida surge um questionamento sobre o tipo de apoio que recebeu, ou quais os encaminhamentos realizados a partir dessa revelação. Em segundo lugar estão os alunos que nunca contaram a ninguém a violência sofrida, para esses parece que a

⁶⁶ELIAS, M. A. *Violência escolar: caminhos para compreender e enfrentar o problema*. São Paulo: Ática educadores, 2011, p. 12.

situação é ainda mais difícil, pois, possivelmente não tenham alguém em quem confiar. Isso também indica que os funcionários da escola não são vistos como confiáveis para escutarem essas experiências, nem para tomarem providências a respeito.

Ainda é grande o número de alunos que não contam a ninguém que foram vítimas de violência na escola, muitas vezes por medo das ameaças e de que o problema piore ainda mais caso compartilhe essa informação, o que certamente vai fazer com que este continue sofrendo.

11. Na décima primeira pergunta foram indagados se já tinham visto algum aluno ser maltratado nesta escola.

Em relação a ter presenciado algum colega ser maltratado na escola, a maioria afirmou que sim, com 68%, em seguida 30% afirmaram que não e 2% não responderam a pergunta.

Esses alunos que presenciam atos de violência com os colegas entram na categoria de espectadores e nestes poderão ser despertados diversos sentimentos e reações específicas, como veremos adiante.

12. A pergunta doze se refere ao sexo das vítimas, onde evidenciou que as vítimas de violência são de ambos os sexos, com 46%, seguido do sexo masculino, com 43%, e com menor percentual encontram-se as vítimas do sexo feminino, com 8%. Nota-se ainda 3% que não responderam esta questão.

13. A pergunta décima terceira do questionário indaga se os alunos ajudam outros alunos que são vítimas de violência, constatou-se que: 5% sempre ajudam, 5% frequentemente ajudam, 55% às vezes, 14% quase nunca, 16% nunca, 7% não responderam este item.

Em relação à ajuda vinda dos colegas percebeu-se que os alunos que às vezes ajudam outros alunos vítimas de violência são 55%, no entanto se somarmos aqueles que responderam que quase nunca ajudam e os que nunca ajudam soma-se 30%, ou seja, é um elevado índice de omissão.

A ajuda a colegas vítimas de violência demonstra um sentimento coletivo de bem-estar nas relações com seus semelhantes, presença de solidariedade, empatia e senso de justiça, por outro lado, a ausência de ajuda significa também a ausência de todos os sentimentos citados acima.

A escola que também é responsável pela formação do caráter dos discentes tem se dedicado à mera transmissão do conjunto de conteúdos curriculares e negligenciado a educação pautada em valores tão importante para a formação cidadã, onde os princípios básicos consistem no diálogo, na justiça e no respeito mútuo.

A respeito da ausência de ajuda aos outros, Fernández⁶⁷ afirma que:

Na vida escolar existem processos de atividade e comunicação que não se produzem no vazio, mas na trama de uma microcultura de relações interpessoais, em que se incluem, com maior frequência do que se supõe, a falta de solidariedade, a competitividade, a rivalidade e às vezes o abuso dos socialmente mais fortes contra os mais fracos.

14. A décima quarta questão se refere ao que o aluno sente quando vê um colega sendo vítima de algum tipo de violência: com relação ao sentimento dos alunos ao ver um colega sendo vítima de violência, pode-se constatar que a maioria sente pena e quer ajudar, com 64%, em segundo lugar estão aqueles que sentem pena, com 25%, 5% afirmam não sentir nada, 6% não responderam e ninguém, 0% respondeu que sente que ela deve ter feito algo para merecer.

Dado considerado preocupante, embora tenha aparecido em menor percentual é o de alunos que afirmam não sentir nada quando veem um colega sendo vítima de violência. Tal postura mostra completa falta de empatia, de solidariedade, uma ausência de sentimento diante do sofrimento alheio, completa falta de consciência do bem-estar coletivo.

De acordo com Silva⁶⁸

No grupo dos neutros podemos perceber os alunos que, por uma questão sociocultural (advindos de lares desestruturados ou de comunidades em que a violência faz parte do cotidiano), não demonstram sensibilidade pelas situações de “bullying” que presenciam. Eles são acometidos por uma “anestesia emocional”, em função do próprio contexto social no qual estão inseridos.

Essa atitude simboliza uma falta de solidariedade, uma frieza perante a injustiça, um sentimento de, “se não é comigo não devo me envolver.” Tal atitude de indiferença em relação ao outro pode ser trabalhada e modificada por meio de efetivas da escola, não só pelo combate à violência, mas também por meio do cuidado dispensado a todos os discentes, prevenindo que essa atitude se perpetue.

Por outro lado é possível ter esperança, a partir dos dados encontrados daqueles que sente pena e querem ajudar, para tanto, é preciso envolvê-los em uma política de enfrentamento e busca de uma cultura de paz, tendo estes como aliados.

15. A décima quinta pergunta do questionário indaga se o aluno já maltratou alguém na escola, dos alunos que responderam, 62% afirmam que não, 26% de 01 a 02 vezes, 6% de 02 a 03 vezes, todas as semanas e todos os dias, ambos com 0%, 6% não responderam este item.

⁶⁷FERNÁNDEZ, 2005, p. 30

⁶⁸SILVA, 2012, p. 46.

Constatou-se, durante a análise, que em cinco questionários alunos que afirmaram nunca ter maltratado alguém na escola responderam na questão seguinte o tipo de agressão que praticou. No questionário de número 01, embora o aluno tenha respondido que nunca maltratou alguém na escola, na pergunta seguinte sobre qual o tipo de agressão que praticou afirma que praticou violência psicológica. Nos questionários 22 e 41, os alunos afirmaram que praticaram violência verbal, nos questionários 10 e 30 disseram que praticaram o trote e no questionário de número 18 ocorre a mesma situação, o aluno respondeu que nunca maltratou ninguém na escola e em seguida afirma que praticou violência material. Nota-se, portanto, contradição nas respostas dos alunos, o que pode indicar que o número de alunos que maltratou alguém nesta escola seja maior do que o apresentado.

16. A décima sexta questão indaga qual o tipo de agressão praticou, nota-se 65% dos alunos afirmam ter praticado violência verbal, 0% física, 4% psicológica, 0% sexual, 0% virtual, 4% material, 8% “bullying”, 8% trote e 12% não responderam a esta pergunta.

Dos alunos que responderam a essa questão percebe-se que ocorre predominância da violência verbal, com 65%. Observou-se também um elevado número de alunos que não respondeu a este item, 12%.

Constata-se que, quando se trata de assumir a agressão que praticou, vários tipos não foram citados, como a física, a sexual e a virtual.

Esse resultado nos leva a refletir se os alunos estão diante do fenômeno da negação, se não têm consciência de que suas atitudes podem estar prejudicando alguém ou têm medo de relatar que são agressores e sofrer alguma consequência por terem feito tal revelação.

17. A décima sétima pergunta indaga se o aluno visse maltratar um colega de quem não gosta se também participaria. De acordo com as respostas dos alunos, evidenciou-se uma predominância de alunos que não participariam de maus-tratos a um colega de quem não gostasse, com 86%, seguido de alunos que afirmam que talvez participassem, com 8% e em menor proporção estão os alunos que afirmam que participariam sim de maus-tratos a um colega de quem não gosta, com 4% e 2% não responderam a questão.

Evidencia-se que mesmo não gostando do colega que está sendo maltratado, a maioria dos alunos não se aproveitaria da situação de agressão para participar. No entanto, 8% dos alunos ficaram em dúvida, afirmando que talvez participassem e os demais assumiram que participariam sim de uma agressão a um colega de quem não gostassem.

Essa maioria que afirma que não participaria de maus-tratos a um colega é de fundamental importância para a construção de estratégias de enfrentamento da violência escolar e de mudança na instituição.

18. A décima oitava pergunta indaga sobre como reagem quando veem um colega ser maltratado por outros colegas, os alunos responderam que: não faço nada, mas acho que essas situações não deveriam existir, com 42%, em segundo lugar aparecem aqueles que tentam ajudar a vítima, com 34%, seguido daqueles que não fazem nada, ficam apenas assistindo, com 6%, nenhum aluno afirmou que participa de maus-tratos, ou seja, 0%, 2% não responderam a essa pergunta e 16% afirmam nunca ter visto um colega ser maltratado.

Os alunos que se omitem, não tomando nenhuma atitude diante de casos de violência presenciados, podem ser considerados cúmplices. Tal atitude só contribui para a impunidade e para o crescimento dos casos de violência.

Segundo Fernández⁶⁹

Essa atitude simboliza uma falta de solidariedade, uma frieza perante a injustiça, um sentimento de “comigo não acontece, é melhor não me envolver em problemas”. É muitas vezes a força do outro colega que vai determinar se uma agressão aumenta ou diminui.

Por outro lado, se somarmos os alunos que disseram que essa situação não deveria existir e aqueles que afirmam que tentam ajudar a vítima, temos um elevado número de alunos, 76%, que podem colaborar com a mudança dessa realidade de violência na instituição.

19. A décima nona pergunta se refere aos turnos em que a violência ocorre com maior frequência, constatou-se que: a violência na referida escola ocorre predominantemente nos turnos da tarde e noite, ambas com 34% dos casos, seguido do turno da manhã com 20% e com menor frequência os fins de semana, com 8%, 4% dos alunos não responderam a esse item.

Verificou-se que a violência ocorre nos três turnos, com predominância nos turnos da tarde e noite. Dado que chamou a atenção foi o baixo índice de violência ocorrido nos fins de semana, já que os alunos residentes, que são a maioria dos alunos pesquisados (62%) ficam sozinhos nos fins de semana, sem a presença dos servidores do Departamento de Assuntos Estudantis. Essa constatação reforça a idéia de que a agressividade dos adolescentes pode funcionar como espetáculo de afirmação.

2.3 Análise das Entrevistas com os Servidores

Levando-se em conta o objetivo de investigar a história da cultura de violência na escola, a entrevista com os servidores se iniciou com apenas uma questão, solicitando que o mesmo relatasse os casos de violência que teve conhecimento durante o período em que

⁶⁹FERNÁNDEZ, 2012, p. 51

esteve como chefe do Departamento de Assuntos Estudantis. No decorrer dos relatos, a pesquisadora realizou outras perguntas com o intuito de esclarecer comentários feitos pelos entrevistados.

A partir das diversas respostas obtidas durante as entrevistas foram elaboradas quatro categorias, segundo o método de análise de conteúdo de Bardin. São elas: concepção sobre violência na instituição, caracterização dos tipos de violência, relações de poder entre os alunos e procedimentos adotados pela instituição diante dos casos de violência. A terceira categoria se dividiu em cinco subcategorias, violências em expressões – capa gato, fobó e vet's, violência no ritual de banho de lama, violência em escalas de trabalho e monitoria, violência no refeitório e gola alta como símbolo de poder.

2.3.1 Categoria 01: Concepções sobre violência na instituição

Os cinco servidores entrevistados afirmaram que a violência está presente na escola e no decorrer do discurso relatam diversos tipos de violência existentes na instituição. No entanto, percebe-se discordância entre os entrevistados acerca da intensidade da violência ao longo do tempo.

A entrevistada 01, no que se refere ao trote afirma que a violência aumentou ao longo dos anos, a esse respeito diz que: *“eu entrei... então até dez anos,(de instituição) eu nunca tinha ouvido falar em uma situação tão drástica, eu ouvia falar de trote, mas alguns trotes de botar o pessoal pra desfilar, de vestir roupas de mulher, algumas coisas que... mas não era uma coisa tão grave e quando eu cheguei (após período fora da instituição) foi um choque muito grande, eu assim, me assustei realmente por causa da forma como era feito”*.

Já o entrevistado 02 afirma que a violência vem diminuindo com o passar dos anos: *“ao longo desse tempo a gente tem observado graças a Deus uma diminuição gradativa da violência”. [...] “ela ainda existe, mas não na intensidade de antes”*.

O mesmo atribui a diminuição dos casos de violência na escola ao aumento de profissionais, tais como: psicólogos, assistentes sociais, pedagogos e assistentes de alunos com formação em educação.

A respeito dessa categoria, a entrevistada 04 relata que apesar de ter diminuído, a violência sempre esteve presente: *“a gente foi combatendo, conscientizando, mas... diminuiu mais nunca se conseguiu erradicar isso”*.

No que se refere à violência na escola, o entrevistado 05 considera que nos dias atuais é mais difícil lidar com esse problema em função de algumas questões que ele relata:

“eu acho que hoje a gente corre um risco bem maior da própria questão da violência, da questão sexual e da questão das drogas, eu acho hoje que se mistura muito as próprias questões de liberdade é... às normas não, não há respeito aliás.”

As falas dos servidores entrevistados revelam que a violência entre alunos sempre esteve presente na instituição e que este é um problema identificado ao longo dos anos, embora para alguns hoje o problema da violência tenha melhorado, para outros, atualmente ele está mais intenso e mais difícil de solução.

É possível que os servidores ao afirmarem que a violência diminuiu ao longo do tempo estejam utilizando o mecanismo de defesa da negação, idealização, mostrando uma incapacidade de lembrar-se corretamente dos fatos do modo como realmente aconteceram.

A negação é definida por Fadiman e Frager⁷⁰ como:

A tentativa de não aceitar na realidade um fato que perturba o ego. Os adultos têm a tendência de “fantasiar” que certos acontecimentos não são assim, que na verdade não aconteceram. Este vôo de fantasia pode tomar varias formas, algumas das quais parecem absurdas ao observador objetivo.

Segundo Fernández⁷¹, a agressão acontece em todos os centros escolares com maior ou menor intensidade e reclama o nosso interesse por quanto pode representar grande dano psicológico, social e físico para o aluno que o sofre, a exerce ou a presencie. Portanto, é um fenômeno altamente complexo que requer estudos e reflexões.

2.3.2 Categoria 02: Caracterização dos tipos de violência

Os entrevistados foram incentivados a falar livremente acerca dos casos de violência entre alunos que tiveram conhecimento, sem, no entanto, se preocupar em categorizar os tipos de violência, tarefa que foi realizada posteriormente pela pesquisadora. Dentre os relatos apresentados, foram citados casos de violência verbal, violência psicológica, violência material, violência física, violência sexual, “bullying”, “cyberbullying”, o trote e as relações de poder entre os alunos de diferentes séries, por este último aspecto ter sido abordado muito enfaticamente por todos os entrevistados, optei por transformá-lo em uma categoria para que fosse mais discutido.

Violência verbal: a esse respeito a entrevistada 01 expressa: *“a gente escuta de vez em quando chegar um aluno em minha sala, tipo assim, o menino me chamou disso ou o*

⁷⁰FADIMAN, J.; FRAGER, R. *Teorias da personalidade*. São Paulo: Harbra, 1986, p. 20.

⁷¹FERNÁNDEZ, I. *Prevenção da violência e solução de conflitos: o clima escolar como fator de qualidade*. São Paulo: Madras, 2005, p.46.

menino me chamou daquilo né, de vez em quando a gente escuta [...] um grupo de colegas que xingavam constantemente um colega de mulherzinha, [...] com o tempo ele chegou a cortar o cabelo”. Quando foi questionado sobre o motivo que o levou a cortar seu cabelo o aluno respondeu: “porque os meninos ficam me chamando de mulherzinha então eu acho que... pra mim eu resolvi [...] foi o que mais me levou a cortar o cabelo, porque realmente eu perdi meu cabelo em função de um xingamento que eu não merecia ter passado”.

O entrevistado 02 aborda os casos de apelidos maldosos e relata: *“um apelido maldoso impactante pra vítima, né, ‘resto de ...’, por exemplo, é um apelido aqui de um grupo de alunas que estão dirigindo a uma determinada aluna”.* Ainda acerca de apelidos depreciativos, o entrevistado relata outros casos de nomes pejorativos que são evocados em brincadeiras humilhantes.

A entrevistada 03 relata a violência verbal direcionada aos alunos gays, segundo ela: *“tem agressões que nossos alunos que são gays, eles sofrem muita agressão, é... verbal, não é agressão física, é... eles dizem que principalmente aqueles que à noite saia com eles, pra nunca ser descoberto eram quem mais agrediam, quando eles passavam era quem dava piada, era quem ficava dizendo palavrões, chamando de veado, palavras que chocavam e eles sentiam muito isso, eles se sentiam discriminados aqui dentro.”*

A entrevistada 04 fala da frequência com que ocorrem os apelidos: *“todo aluno, com raríssimas exceções eles tratavam por apelidos, [...] eles já arranjavam apelido para aquele menino, alguns por cidade e outros por forma até de “bullying” mesmo, de depreciação, mas todo aluno tinha seu apelido... muitas vezes a gente de tanto conviver com eles a gente não associava nem o nome, a gente tinha que lembrar do apelido pra associar quem era a pessoa porque o apelido sempre dominou no meio deles”.*

Dos casos de violência verbal apresentados pelos entrevistados houve uma predominância do uso de apelidos pejorativos e xingamentos entre os alunos. As agressões verbais descritas podem revelar intenções distintas, tais como, magoar, demonstrar desprezo, denegrir, atingir a “masculinidade” ou “virilidade” do colega ou omitir seus verdadeiros desejos e preferências sexuais.

Segundo Silva⁷², a violência verbal pode se apresentar de diversas formas, tais como: insultar, ofender, xingar, fazer gozações, colocar apelidos pejorativos, fazer piadas ofensivas, zoar.

⁷²SILVA, A. B. *“Bullying”*: mentes perigosas na escola. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010, p. 23.

Para Almeida e Aguiar⁷³, a violência verbal constitui uma das expressões de violência que mais acontece na escola. Pesquisa realizada pelos mesmos (2008, p.64) registra que as violências verbais são as mais usadas entre pais e professores, alunos e professores e até mesmo entre colegas. São difíceis de serem registradas e, na grande maioria das vezes, são negligenciadas.

Outro tipo de violência relatado por alguns dos entrevistados foi a violência psicológica, para o entrevistado 02 esse tipo de violência é mais comum entre as meninas, a esse respeito afirma: *“a gente observa as duas características na menina, a menina existe muito isso, por exemplo, a colega ela humilha a outra colega, por exemplo, é comum ela pegar as colegas daquela colega e passar para o lado dela, né, para que aquela colega fique no isolamento, também existe, né”* [...] *“um aluno nosso, né, se dizia apaixonado por outro aluno, né, e que este outro aluno é... o estava traindo com uma determinada pessoa então em um momento de loucura esse aluno é... em uso de uma faca de mesa, né, ameaçou o seu colega”*.

A entrevistada 03 relata um dos casos que considera grave: *“foi um aluno que veio da cidade X, ele era um aluno mais velho e com experiência de vida grande, então ele era homossexual e ele fazia... ele chegou aqui, ele saía com os meninos e depois ele ficava chantageando, se você não me der isso eu conto que você é gay”*.

Um caso de violência psicológica chamou a atenção da entrevistada 05: *“eram dois alunos, um era nesse perfil que gostava de ser o bonito, o gostoso e o outro muito calmo, muito tímido e ele por várias vezes, uma foi essa e por outras vezes quis praticar violência psicológica contra esse colega porque não se enquadrava no padrão dele”*.

Segundo Fernández⁷⁴, a violência psicológica frequentemente passa despercebida e se refere de forma geral a “jogos” psicológicos, chantagens, gozações, rumores, isolamento e rejeição.

As formas de violência psicológica descritas pelos entrevistados foram a humilhação, o isolamento, ameaça, chantagem e a discriminação, tais comportamentos são difíceis de identificar, o que torna o problema ainda mais grave, podem não deixar marcas físicas, mas não é menos danosa que outras formas de violência, podem deixar marcar intensas nas vítimas sem que ninguém tome conhecimento.

⁷³ALMEIDA, S. F. C de; AGUIAR, R. M. R. *Adolescência e violência na escola: dispositivos de reconstrução dos laços sociais no cotidiano escolar*. In: AMPARO, D. M. et al (Org). *Adolescência e violência: intervenções e estudos clínicos, psicossociais e educacionais*. Brasília: Liber Livro e Editora Universidade de Brasília, 2012, p.147.

⁷⁴FERNÁNDEZ, I. *Prevenção da violência e solução de conflitos: o clima escolar como fator de qualidade*. São Paulo: Madras, 2005, p. 44.

Todos os entrevistados fizeram relatos a respeito da violência material como sendo muito comum na instituição, conforme observamos na fala da entrevistada 01: *“acontece muito, é muito comum é... sumir material das pessoas, já tem sumido notebook, já tem sumido celular, já tem sumido produtos de sala de aula, já tem sumido... os alunos começam a fazer uma aula prática de repente some o material que foi solicitado pra aquela aula prática, né, fone de ouvido aqui é comum sumir, celular, é... faca de aula prática [...] numa aula de processamento de leite e sumiram 05 facas da professora [...] duas semanas depois a gente encontrou um coalho da mesma professora num armário de um aluno lá no internato [...] livro, livro sabe o que acontece, eles perdem os livros deles, pra que eles renovem a matrícula tem que ta quite com a biblioteca, então eles pegam de outro colega e vão lá e dá baixa como se fosse dele [...] blusa de farda eles levam com a maior facilidade, inclusive eu recebi denúncias de aluno que fala assim ‘fulano eu to precisando de uma blusa descola aí pra mim’, o cara vai lá e cata e dá pra ele, então é um hábito deles [...] a denúncia, mas comum é uma bota que é EPI (equipamento de proteção individualizado), eles dizem, eu preciso de uma bota pra aula de amanhã e o cara vai lá e cata e dá pra ele e vende, tipo assim, uma bota é 30 reais ele vende por 8 por 5 e isso é muito comum aqui dentro”*.

Com relação à violência material, o entrevistado 02 faz o seguinte relato: *“um outro tipo de... de... agressão que também acontece aqui que não é diferente de outras instituições é a questão do material, do roubo, nós é... que também tem diminuído mas ainda acontece, né, muitas vezes por displicência do próprio estudante [...] então vez por outra acontece um furto de um celular, um furto de uma câmera digital, né, e o furto de notebook inclusive aconteceu ultimamente”*.

Para corroborar com o que foi relatado pelos entrevistados acima, a entrevistada 03 afirma: *“Outro tipo de agressão é o furto, furto de merenda, quando vem do final de semana que vai pra casa normalmente traz lanche, então quando sai pra aula, vinha e roubava as merendas, furto de celular, furto de é... é tanto que agente guardava objeto de valor num cofre na coordenação, e dinheiro porque quando permanecia, o armário não apresenta essa segurança, é fechado com um cadeado e eles abrem cadeado com a maior facilidade, então ocorre muito o furto nos alojamentos”*.

A violência material é abordada pela entrevistada 04 da seguinte maneira: *“A outra questão era os furtos, ta certo, então os furtos é... eles aconteciam muito nos alojamentos, e assim... a gente notava que era de alguém que tinha acesso aquele quarto, porque se o menino chegava de casa e trazia um dinheiro, era só o armário dele que tinha sido arrombado [...] e quando deixava lá era roubado, isso doía muito porque o nível econômico*

dos nossos alunos é um nível muito baixo e às vezes era o dinheiro que a mãe tinha mandado pra pagar o macacão, pra pagar a farda ou então alguma coisa que ele tinha que resolver, era o único dinheirinho que eles tinham [...] teve dois alunos basicamente que eu lembro nesse período que parecia que era doença por roubo, três parecia que era doença por roubo porque roubavam tudo a qualquer custo [...] e com isso era todo dia um problema [...] eles roubavam dinheiro, roubavam objetos, roubavam até o lanche dos colegas [...] um dos roubos ele se auto dizia filho de gente importante e roubava pra se manter com dinheiro pra sair, pra ter roupa diferenciada porque ele se dizia que era rico e não queria aceitar que era pobre”.

O entrevistado 05 também cita a incidência desse tipo de violência: *“o maior roubo era de botas, bota era terrível né, mas assim o roubo maior era entre eles, eles não roubavam muito a escola”.*

As falas revelam que a violência material na instituição constitui-se basicamente do furto entre alunos, é considerado um problema muito frequente e de difícil identificação dos infratores.

De acordo com Fernández⁷⁵

Os roubos de pequenos instrumentos e de objetos importantes de laboratórios, oficinas, etc. representam outro tipo de conflito. Também há muita incidência de pequenos roubos entre colegas (Fernández e Quevedo, 1991), principalmente entre os menores de idade. Os roubos de material escolar precisam de uma supervisão cuidadosa nas aulas específicas por parte do professor e de um clima de responsabilidade entre os alunos, que podem ajudar a evitar as ocorrências de roubos entre alunos.

A escola que deveria ser responsável por uma educação pautada em valores tem se mostrado ausente no cumprimento de suas responsabilidades e de seu próprio regulamento, com isso encoraja esse tipo de conduta.

Por um lado a família que é a principal responsável pela formação moral dos filhos, pela transmissão de valores, tais como, honestidade, solidariedade, respeito, tolerância, tem se mostrado negligente nessa tarefa ou a tem delegado à escola, esta por sua vez tem demonstrado não estar preparada para esta função. Por outro lado, os valores conflitantes presentes na nossa sociedade fazem com que o jovem esteja em contato direto com a violência.

Outro fator que é importante ressaltar é a característica do nosso Campus, onde os alunos pesquisados estudam em tempo integral, ou seja, passam o dia na escola e 62% deles

⁷⁵FERNÁNDEZ, 2005, p. 45

moram nela, são alunos oriundos de diversos municípios ficam distantes de suas familiares num período da vida que requer muita orientação por parte dos mesmos.

Em relação à presença da violência física na instituição foi comum a todos os entrevistados afirmar que é pouco frequente a sua ocorrência, apenas alguns casos foram citados.

A entrevistada 01 faz o relato de uma aluna que se recusou a participar do banho de lama: *“a colega puxou ela de costas, virou de frente e jogou lama nela e a outra colega avançou no rosto dela chegando a ferir em vários pontos, né, chegando a sangrar, a garota chegou aqui sangrando”, [...] “chegamos a presenciar uma briga, briga mesmo, assim física, né, e até por um motivo praticamente banal” [...] “também foi realmente um caso isolado, mas assim foi uma briga mesmo, uma briga mesmo de pancada, além desse caso também eu já vi também, físico nas escalas, um colega jogou um cabo de rodo no outro, então ele chegou a fazer sangue, é jogou, bateu, machucou o menino”.*

A esse respeito, a entrevistada 03 afirma que: *“não tem agressões físicas, já ocorreu é... dentro de quadras, quando ia formar times, mas é... Em seguida relata o seguinte caso: “teve um aluno aqui “X” que ficou muito dependente dele, então ele agrediu “X” fisicamente e devido à chantagem, ele... “X” negava que tinha sofrido agressão por “Y”, ele dava, queimava, queimou até o menino de cigarro, mas ele negava a todo custo porque ele fazia chantagem dizendo que ia dizer que ele era gay”.*

A entrevistada 04 confirma a baixa incidência desse tipo de violência afirmando: *“o incidente de briga, de agressão física são raros que nem me lembro, eles terem uma disputa corporal, que houve, houve, mas assim eu não lembro assim os detalhes, mas os casos eram tão raros que a gente até esquece”.*

O entrevistado 05 relata apenas um caso de violência física: *“um dia uma briga com o pessoal da 1ª série, acabou entrando a 2ª série e aí foi tapa, diversas... foi confusão, murro”.*

Para Silva⁷⁶, as formas de manifestação da violência física são: bater, chutar, espancar, empurrar, ferir, beliscar. De acordo com os relatos de todos os entrevistados esse tipo de violência é raro acontecer dentro da instituição. Entretanto, o questionário aplicado aos alunos revelou que a violência física é o terceiro tipo de violência mais frequente na instituição, chegando a ser citada por 17% dos alunos participantes.

⁷⁶SILVA, 2010, p. 23

Houve relatos de abuso sexual entre alunos, os casos considerados graves foram citados por três dos entrevistados. Nas falas dos entrevistados 02 e 03: *“um caso de uma aluna nossa, né, a ‘Y’ em que essa aluna em um determinado momento festivo da instituição aqui era jogos estudantis e esta aluna veio é... a unidade, os jogos aconteciam na unidade I do nosso campus e ela veio com o time masculino até a unidade II, num determinado momento essa aluna chegou a... a... próximo de um alojamento masculino e essa aluna foi puxada é... pelos seus colegas para o quarto deles, né, e ela entrou em pânico e ela acenou, ela gritou e... e... enfim não aconteceu nada com ela, mas ela entrou... ela disse que iria acusar esses alunos por tentativa de estupro”*.

A entrevistada 03 relata o mesmo caso de maneira mais detalhada: *“um dos graves que achei aqui foi ‘Y’ era uma aluna, ela já estava no 3º ano, quando foi época de uns jogos aqui na escola dos outros campi aqui, e devido a isso, as alunas... ela era semi-interna, morava na ‘X’ e no caso jantavam aqui, quando foi à noite já após o jantar, tava somente as cozinheiras e tava a maioria dos alunos já na outra área para o jogo, quando essa aluna foi até próximo aos alojamentos do 3º ano e uns alunos do 3º ano é... agrediram assim, é... fizeram uma brincadeira muito pesada, não chegaram a nenhum ato”*.

Quando solicitei que me explicasse melhor o que foi essa brincadeira muito pesada, a entrevistada respondeu: *“ela sofreu um abuso sexual, não foi um estupro, mas ela foi tocada, foi agredida com palavras de baixo calão, foi vamos supor... beijada à força... e eram três alunos aí ela gritou e as cozinheiras do refeitório correram e que tiraram essa menina”*. Em seguida a entrevistada justificou a motivação dos colegas para cometer tal atitude: *“É e teve muita defesa porque era uma menina é... ela era bonita e era muito cobiçada pelos meninos, então acho que isso incentivou os alunos, e ela era expansiva, tinha amizade e isso levou eles a fazer isso”*.

Percebe-se na fala da entrevistada uma intenção de amenizar a atitude dos agressores, que normalmente é justificada pela cultura machista, na qual as questões de gênero são desiguais, em regras que valorizam o papel masculino sobre o feminino, chegando até mesmo, a culpar a vítima pela violência sofrida. No caso da aluna citada, ela “provocou” os agressores pelo simples fato de ser bonita, expansiva e amiga.

Teles e Melo⁷⁷ consideram importante destacar que,

A prática da violência de gênero é transmitida de geração em geração tanto por homens como por mulheres. E ela torna-se de tal forma arraigada no âmbito das relações humanas que é vista como se fosse natural, como se fizesse parte da natureza humana.

⁷⁷TELES, M. A. de A.; MELO, M. de. *O que é violência contra a mulher*. Editora brasiliense, 2002, p.25.

O quadro de discriminação e violência contra a mulher é histórico e é comum encontrar atitudes preconceituosas e machistas que consideram a mulher como sexo frágil, dependente, volúvel e fútil, esta visão perpassa gerações.

O relato do entrevistado 05 diz: *“outro fato que me chamou atenção foi na época não tinha muito essa questão de homossexualismo, não tinha muito, né, mais aí teve um caso de um menino que quis beijar outro e na realidade o menino não quis e criou-se aquela coisa, eu acho que, criou-se um clima entre eles e aí mais dois colegas da cidade dele seguraram o menino e o outro beijou na boca e cuspiu na boca do colega e aquilo pra mim foi uma agressão muito forte, né.*

Ele relata ainda abuso sexual por parte dos alunos mais velhos com os alunos novatos, de menor idade: *“o aluno quando chegava novo e a 3ª série era uma turma mais é... como se diz... mais velha, né, do que o pessoal da 1ª série e aí às vezes o menino chegava se tornando rapaz e às vezes eles eram expostos pelos alunos de 3ª série, de puxar a roupa do aluno na frente do povo, de... em forma de brincadeira mais acabava às vezes tendo um certo constrangimento em relação aquelas atitudes, havia desistência por essas questões é... alunos que tinham experiências de casa noturnas, mais velhos, que acabavam querendo levar os alunos para participar desse tipo de ação sem nenhuma preparação, né”.*

Percebeu-se que as falas que revelam o abuso sexual entre os alunos são veladas, sobretudo no abuso cometido contra a aluna, como se os entrevistados tivessem com receio de falar sobre o assunto, buscando as palavras adequadas ou tentando suavizar a gravidade dos acontecimentos.

É preciso ficar claro que violência é diferente de brincadeira. A esse respeito Silva⁷⁸ afirma que há diferença entre brincadeiras saudáveis, daquelas “falsas brincadeiras” que camuflam sentimentos pouco nobres, de intolerância, de preconceito, de ignorância e de “maldade” consciente.

De acordo com a ABRAPIA⁷⁹, a violência sexual acaba por englobar o medo, a vergonha e a culpa sentidas pela vítima, mesmo naquelas que acabam por denunciar o agressor. Por essa razão, a ocorrência destes crimes tende a ser ocultada.

Outra observação importante acerca dos casos de abuso sexual apresentados pelos entrevistados é o fato de todos terem ocorrido em grupo, fato que, segundo Chagnon⁸⁰, teria

⁷⁸SILVA, 2010, p. 23.

⁷⁹ABRAPIA. Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescência. Disponível em: <<http://www.abrapia.org.br/>>

um efeito desinibidor e concederia de um modo violento e transgressivo, uma possibilidade de afirmação de si e de identificação pela dominação possessão da vítima, frequentemente próxima dos autores.

Casos como a prática do “bullying” também foi abordado pelos entrevistados, em suas falas podemos identificar ações que caracterizam o “bullying”:

- *“um grupo de colegas que xingavam constantemente um colega de mulherzinha, né”.*

- *“teve muitas épocas que o quarto da menor idade era época da Xuxa que era um programa de criança, eles chamavam era a turma da Xuxa e faziam... então além do trote, de chamar os ‘capa gato’ por ser do 1º ano eles ainda tinham a questão da idade, da turminha da Xuxa porque era muito diferente das outras”.*

- *“eles já arranjavam apelido pra aquele menino, alguns por cidade e outros por forma até de “bullying” mesmo, de depreciação, mas todo aluno tinha seu apelido”.*

- *“a gente observou também existia é algumas paródias com algumas músicas que o aluno do 3º também para ironizar e para criticar o aluno do 1º ano”.*

- *“mas é claro é... que existe assim o “bullying”, por exemplo, aqui você sempre é..., por exemplo, o último agora, ontem conversando com a menina que foi tratada como resto de aborto, né, ela é... menciona ali de imediato a desistência da instituição, né, e... tá sobrevivendo”.*

Segundo Elias⁸¹

Alunos do sexo masculino ou feminino envolvidos em situações de “bullying” mantém uma relação ou um vínculo de domínio-submissão. O agressor aprende a dominar a vítima, que, sem forças para escapar ou pedir ajuda, sofre calada essas violências e se submete.

Além do “bullying” foi citado também um caso de “cyberbullying”, pelos entrevistados 02 e 03: *“então tinha uma aluna tomando banho no semi-internato e uma amiga chegou com o celular, uma colega de semi-internato e bateu as fotos tomando banho, depois saiu mostrando, então é outro caso de agressão”.*

Segundo Beane⁸², o “cyberbullying” ou “bullying” eletrônico envolve o uso de informação e tecnologias de comunicação como e-mail, celular, mensagens instantâneas de

⁸⁰CHAGNON, J-Y. *As agressões sexuais na adolescência*. In: AMPARO, D. M. et al (Org). *Adolescência e violência: intervenções e estudos clínicos, psicossociais e educacionais*. Brasília: Liber Livro e Editora Universidade de Brasília, 2012, p. 61.

⁸¹ELIAS, M. A. *Violência escolar: caminhos para compreender e enfrentar o problema*. São Paulo: Ática educadores, 2011, p.19.

⁸²BEANE, A. L. *Proteja seu filho do “bullying”*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2011, p.131.

texto, sites de difamação pessoal e sites de difamação on-line para apoiar comportamento hostil deliberado e repetitivo por um indivíduo ou grupo, com intenção de ferir outras pessoas.

Por se tratar de violências que ocorrem de forma repetida, com intuito de denegrir a imagem pessoal, tanto o “bullying” como o “cyberbullying” podem trazer consequências drásticas para as vítimas, inclusive o suicídio. Diante disso, se observa que tanto nos relatos acerca da violência verbal, psicológica, física e sexual que elas estão em parte direcionadas aos alunos gays.

Todas as formas de violência aqui apresentados vão contra os direitos humanos, pois anulam o ser humano, tornando-o objeto de outro ser dominador, por vezes em regime de escravidão.

2.3.3 Categoria 03: Relações de poder entre os alunos

O enfoque dado pelos entrevistados sobre as relações de dominação e poder entre os alunos de diferentes séries, permitiu nomeá-la como uma categoria e subdividi-la nas seguintes subcategorias: violências nas expressões (capa gato, fobó e vet’s), violência no ritual do banho de lama, violência nas escalas de trabalho e monitoria, violência no refeitório e gola alta como símbolo de poder.

A relação de poder relatada pelos entrevistados acontece entre os alunos da 3ª, 2ª e 1ª séries, onde os alunos da 3ª série por estarem há mais tempo na instituição se acham os donos do poder, inclusive de praticar atos de violência contra os alunos da 2ª e principalmente da 1ª série, conforme relata a entrevistada 01: *“existe ainda uma espécie de rivalidade entre alunos de série diferentes, é como se a 3ª série tivesse no poder, tivesse no comando, porque de qualquer modo a 3ª série são os alunos mais experientes” [...] “um na verdade era um aluno teoricamente de um nível inferior com deboche com um de um nível superior, o do superior se achou que estava sendo agredido por conta disso e resolveu revidar”*.

Quando questionei acerca do termo nível inferior, inferior em relação a quê? Ela me respondeu: *“a série, não, porque assim, a 3ª série se acha superior a 2ª série, então, quando um aluno de 2ª série desafia um aluno de 3ª série é como se fosse uma agressão pros níveis mais altos, porque eles acham que só quem pode fazer aquilo é a 3ª série, só quem tem o direito de fazer é a 3ª série, né, quem tá no poder é a 3ª série, então não funciona assim, mas na cabeça deles isso é muito definido, o que é coisa de 1º, de 2º e de 3º, então geralmente o 2º ano quando já terminou, quando não é mais capa gato, não é mais marinheiro de primeira viagem, se acha no direito de fazer algumas coisas e a 3ª série vai lá e sucumbe esse direito”*.

A esse respeito, o entrevistado 02 afirma: *“nós temos aqui muito bem definido é 3º ano, 2º ano, 1º ano, onde 3º ano tinha uma liderança sobre os outros, né”*.

A entrevistada 03 afirma que, por causa dessa rivalidade entre as turmas, muitos problemas surgiam na instituição e relata: *“os alunos quando chegam ao 3º ano eles criam um poder, eles passam a se sentir o dono da escola” [...] “os veteranos então são os donos do poder”*. Esse discurso é consonante com o que diz o entrevistado 05: *“1º defendia 1º, 2º defendia 2º e 3º defendia 3º, né, e 3º mandava em todo mundo”*.

De acordo com Fernández⁸³

Um dos modelos que se aprende no âmbito dos semelhantes é o esquema domínio-submissão. Trata-se de um matiz de poder e de controle interpessoal que se pratica inserido no processo natural de socialização e que deve ser explorado de forma adequada, senão o aluno fica à mercê do colega que, sentindo-se mais forte ou com maior habilidade, pode submetê-lo a um tipo de relacionamento que inclui de certa forma o poder social e o controle de uma personalidade por parte de outra.

Essa relação de poder entre os alunos é manifestada de diversas maneiras dentro da escola, como veremos nas subcategorias.

2.3.3.1 Subcategoria: Violência em expressões – capa gato, fobó e vet’s

Todos os entrevistados relataram essas expressões, que são utilizadas para identificar os alunos de 1ª, 2ª e 3ª séries respectivamente.

Segundo relatos os “capa gato” são os alunos de 1ª série, os alunos novatos, que acabaram de ingressar na instituição, o termo é abreviado para “cap’s” e os alunos permanecem sendo chamados dessa forma durante toda a 1ª série.

Os “fobó” são os alunos da 2ª série, nessa fase eles são chamados de fobó ou fob’s e vet’s são os veteranos, os alunos de 3ª série.

Essas expressões continuam sendo usadas ao longo dos anos e têm o intuito de definir em níveis hierárquicos ou de importância os alunos de acordo com a série que cursa. Dentro dessa relação de poder quanto maior a série maior o poder. Nesse sentido, o entrevistado 02 relata: *“existia os mandamentos dos “capa gato”, por exemplo, os “capa gato” chegavam que eram os alunos do 1º ano e no quarto aonde ele ia residir eles colocavam lá por exemplo os mandamentos dos “capa gato”, só pra ilustrar eu vou citar quatro, né: o 1º mandamento é elogiar os veteranos, 2º mandamento dar merenda aos*

⁸³FERNÁNDEZ, I. *Prevenção da violência e solução de conflitos: o clima escolar como fator de qualidade*. São Paulo: Madras, 2005, p. 28.

veteranos, 3º mandamento fazer tudo que os veteranos querem, 4º mandamento nunca entregar um veterano”.

O entrevistado 05 acrescenta outra expressão que era usada em sua época para alunos da 3ª série, que era *terceirão* ou *doutor*.

Foi encontrada discordância entre os entrevistados acerca da origem das expressões e do seu significado.

2.3.3.2 Subcategoria: Violência no ritual de banho de lama

O banho de lama é o trote mais utilizado na instituição pelos alunos da 3ª série, segundo relatos dos entrevistados, eles cavam um buraco e enche de água, formando assim uma espécie de lama para dar banho nos alunos novatos, da 1ª série, como uma forma de iniciação, batismo ou de demonstração do seu poder. De acordo com o relato da entrevistada 01: *“convidavam alguns alunos para participar do banho de lama, eles banhavam os alunos, alguns pulavam sozinho, outros eles iam chamar e, os que não vinham sozinhos eles buscavam, e às vezes à força, o aluno era arrastado, o aluno era... vinha às vezes aos gritos, eles... uns pegavam pelas pernas, pelos braços e jogavam dentro do poço, que dizer, era uma espécie, uma forma de agressão muito grande porque eles não queriam participar daquilo, eles não queriam ta no banho de lama, eles obrigavam a fazer isso”.*

A entrevistada acrescenta em sua fala outras atitudes humilhantes durante o banho de lama: *“alunos da 3ª série colocavam eles no buraco e faziam xixi na cabeça deles, né que torna a ser... passa a ser uma, uma atitude humilhante, né, [...] pro aluno que além de passar pela aquela agressão de ser arrastado, colocado ali à força, ainda tem um pessoa que ele não sabe nem quem é fazendo xixi na cabeça dele”.*

Sobre a forma violenta com que os alunos eram conduzidos ao banho de lama, a entrevistada relata: *“os alunos de 3ª série subiam nas grades, quebraram as janelas inteiras e subiam pelas grades, pelas janelas e arrastavam eles de dentro dos quartos, né, a gente soube também de relatos de alunos que colocavam cadeiras, camas escorando as portas com medo dos alunos de 3ª série, o que eles diziam pra mim é que eles pareciam animais enjaulados, eles saiam de uma forma como se fosse leões para atacar um pinto, pra você ver o tamanho da agressão, como se fosse um leão atacando um pinto, ou seja, era uma coisa muito poderosa em cima de alguém tão pequeno, eles sentiam que vinham em bandos e saiam arrastando, gritando”. [...] alunos da 1ª série chegam a pedir pelo amor de Deus qualquer coisa mas não deixe ter o banho de lama, porque realmente é constrangedor”.*

De acordo com a entrevistada, esse é um tipo de violência vem se perpetuando ao longo dos anos na instituição, tornando-se “cultural”, pois os alunos que foram vítimas na 1ª série, em sua maioria, quando chegam a 3ª série, querem reproduzir esse comportamento com os alunos novatos, conforme relata: *“alunos de 3ª série fazem iniciação com os alunos de 1ª e aí vira uma bola de neve, aquele aluno quando chega na 3ª série se sente na obrigação de fazer com os alunos que estão chegando, né”*. [...]

Segundo Silva⁸⁴, as vítimas agressoras reproduzem os maus tratos sofridos como forma de compensação, ou seja, ela procura outra vítima, ainda mais frágil e vulnerável, e cometem contra esta todas as agressões sofridas.

De acordo com os entrevistados, o banho de lama também está associado a outras formas de violências, tais como a violência física, psicológica e a danificação do patrimônio público, conforme relata a entrevistada 01: *“em função do banho de lama, teve muita queima de desodorante, colocaram queima em material, beberam demais, quer dizer... pra mim hoje em forma de agressão física, pra mim hoje é o banho de lama, assim, é o pior que encontrei”*.

Acerca da cultura do banho de lama na instituição percebe-se discordância entre os entrevistados, alguns afirmam que ele existe desde sempre e dois dos entrevistados afirmam que ele não existia na época em que foram chefes. A esse respeito, a entrevistada 03 afirma: *“eles dizem, quando eu entrei no 1º ano tive o banho de lama, então quando ele tá no 3º ele acha que tem o direito de fazer o banho de lama porque ele passou pelo banho de lama, é uma coisa... uma cultura aqui é a mesma coisa dos trotes nas universidades, aqui a gente tem o banho de lama”* [...] *“fica como uma cultura e no início das aulas já é uma coisa que vem passando, quando eles chegam eles já ficam com medo: e o banho de lama? E o banho de lama? A gente tem que ficar controlando isso aí com os alunos”*.

Segundo a entrevistada 01: *“chegaram a dizer pra mim agente não podia sair sem fazer, ou seja, é como se fosse uma cultura, né, assim doentia, mas eles se sentiram na obrigação de fazer o banho de lama”*.

Os relatos acima revelam que a cultura do banho de lama realizado pelos alunos envolve um quadro histórico de violência e discriminação com os alunos novatos, gerando relações interpessoais cheias de agressividade que ao longo dos anos parece se perpetuar passando por gerações.

É possível que com tais atitudes violentas contra seus semelhantes, esses jovens estejam dando vazão às suas pulsões agressivas e por meio da atuação em grupo diluam a sua

⁸⁴SILVA, 2010, p. 42

responsabilidade diante dos fatos. Outra hipótese complementar a essa, é que tais manifestações podem expressar carência de reconhecimento, como uma forma de chamar a atenção para si, para suas necessidades ou para suas queixas.

2.3.3.3 Subcategoria: Violência em escalas de trabalho e monitoria

Outro momento dos alunos demonstrarem seu poder é durante as escalas e monitorias. As escalas são atividades de trabalho realizadas pelos alunos residentes e semi-residentes, durante a semana e nos fins de semana para os que permanecem na instituição. As atividades se resumem basicamente na limpeza das residências e seus arredores, para realizar as tarefas são divididos por escalas. Já a monitoria é atividade realizada pelo aluno para o aperfeiçoamento intelectual e pessoal. Os alunos da terceira série são monitores permanentes, sem remuneração constituindo essa atividade como horas de estágio para o seu currículo.

Com relação às escalas e monitoria, alguns alunos utilizam da situação de “poder” para se vingar dos colegas, castigar, causar medo ou para explorá-los, conforme relatos a seguir: *“como muitos ainda são imaturos... de vez em quando acontece uma coisa assim, por exemplo, se ele se chatear com ele no corredor, quando chega no final de semana na hora da escala, ele coloca os piores serviços pra ele, por exemplo, eles tem que fazer final de semana, tem que cuidar dos animais, colocar comida pros animais, dar banho nos animais, colocar água, então aquele aluno que fizer alguma coisa com ele durante a semana, ele aproveita isso e bota pra banhar os porcos, como se fosse um castigo, então ele não vê como uma atividade pedagógica, ele vê como um castigo pro aluno, outra coisa que eles fazem, por exemplo, tão lá na agricultura um, que é ... é...pra fazer pequenas culturais em alguns canteiros, então o que é que eles fazem, ele pega aquele aluno da 1ª série e bota pra fazer a capina, que é pra encher a mão dele de calo como um castigo, então, o aluno de 3ª série tem esse poder sobre o aluno de 1º ano que aí constrange o aluno e ele acaba indo embora todo final de semana pra não ter que ficar na escala do fulano porque sabe que o fulano vai pegar ele quando chegar lá”*.

Segundo relata o entrevistado 02: *“o fato de um aluno da 1ª série ousar sentar em uma mesa do 3º ano seria o suficiente para que numa escala de final de semana esse aluno do 3º ano que está naquele momento como monitor usar, colocar o menino do 1º ano pra fazer um trabalho mais pesado, um trabalho em que ele não gostasse” [...] uma monitora né junto com mais é... uns dois monitores masculinos, né, é convenceram na nossa ótica forçadamente*

os alunos do 1º ano a vestirem roupas de mulher, né, e dançarem na praça dentro da instituição, né”.

“Outra forma que se observa ao longo dos anos é... de punição, por exemplo, para um aluno ou aluna caloura, né, capa gato ou fobó também que é o aluno ou aluna de 2ª série é o castigo na escala, é uma forma onde o aluno e aluna do 3º ano encontra de realmente causar medo aos escalados, por exemplo, se você me entregar ao chefe X ou então a Y, é se entregar na coordenação, né, eu te pego na escala, o que é esse te pego na escala? É colocar pra fazer o trabalho mais penoso”.

A esse respeito, a entrevistada 03 afirma: *“ele bota os alunos pra capina que às vezes... não é atividade dele, pro aluno, mas o monitor devido ao poder... e se esse aluno não for ele coloca falta”.* Com relação às escalas relata: *“eu sei que um aluno que eu não gosto é quem ta escalado pra limpeza, eu vou lá sujo de propósito pra que meu colega faça aquela limpeza, isso ocorria muito. Com o intuito de o aluno ir limpar uma sujeira que não gosta, deixar o aparelho sujo, as meninas deixar “modes” espalhado no chão, “modes” no boxe do banho e os meninos fazem uma sujeira grande no sanitário pros outros limparem”.*

Os entrevistados 04 e 05 confirmam essa situação de exploração durante as escalas com a seguinte fala: *“existia o exagero de colocar pra capinar horas a fio sem necessidade só porque queria se sobrepôr enquanto autoridade e isso acontecia principalmente em relação aos alunos de 1º ano, os do 2º ano a escala era tranqüila, mas em relação a escala de 1º ano era preciso sempre se ter cuidado”.*

“Às vezes criava-se alguns problemas entre é... 3ª série que acabava querendo explorar demais os alunos “capa gato”, os alunos da 1ª série, isso era comum, então sempre tinha aquela tradição”. [...] “acontecia esse tipo de brigas entre eles que era justamente não querer fazer a atividade porque achava que o outro “tava” mandando e tinha esse tipo de exploração pela 3ª série”.

De acordo com os relatos, revelou-se que a finalidade pedagógica das atividades de monitoria e escala é desperdiçada pelos alunos, já que muitos a utilizam a serviço da agressividade e manifestação de poder em relação aqueles que consideram mais fracos.

Nas relações interpessoais eficientes, o cuidado pelo outro deve sempre estar presente, no entanto, nos casos relatados, bem como na sociedade atual, a ausência do cuidado tem sido uma característica marcante, onde as relações são baseadas em atritos, disputas, competições e baixa tolerância ao diferente.

2.3.3.4 Subcategoria: Violência no refeitório

Outro momento que os alunos utilizam para demonstrar seu poder é no refeitório, durante as refeições ou nas escalas do refeitório. A esse respeito, a entrevistada 01 relata: *“a 3ª série separa mesas pra eles, só se senta naquela mesa quem tem o poder”*. A respeito da hierarquia das mesas no refeitório, o entrevistado 02 afirma: *“existe também uma hierarquia no refeitório, né, por exemplo, lá existiam bem definidos antigamente três filas de mesa, né, onde eram bem definidos mesa do 3º ano, mesas do 2º ano, mesas do 1º ano, então era inadmissível, por exemplo, um aluno de 1º ano ou de 2º ano sentar na fileira de mesa do 3º ano, então isso era o motivo primeiro de ameaça incisiva, né, ali no pé do ouvido do aluno, né, que depois se configurava verdade no alojamento, num jogo de futebol, numa pancada num jogo de futebol ou então numa escala”*.

Outro problema no refeitório foi relatado pela entrevistada 03: *“tem também no refeitório, nós passamos por problemas, principalmente no lanche noturno, em que o lanche, não tinha funcionário suficiente pra noite é... quem distribuía o lanche era os alunos do 3º ano, os monitores, então muitas vezes o aluno do 3º ano repetia à vontade enquanto o do 2º devido a rivalidade ficava sem lanche, aí no outro dia era problema pra gente resolver no departamento”*.

Outro ponto abordado referente ao refeitório foi a falta de respeito às filas, conforme relata a entrevistada 04: *“em relação à fila no refeitório, os alunos tavam todos em fila na hora de pegar sua bandeja, chegava um do 3º ano entrava e entravam vários na frente dos de... entravam principalmente na frente dos de 1º, eles não furavam fila nos de 3º, nem nos de 2º, mas na frente dos de 1º, que se chegou a um ponto, de que se teve épocas de se organizar fila em 3º e 2º ano e 1º do outro lado e entrar parte de uma fila parte de outra pra não existir isso”*.

Percebe-se a partir dos relatos, a dificuldade dos alunos da 3ª série de se integrar com outros, principalmente com alunos da 1ª série. Não desejam se misturar, ao contrário, pretendem defender seu status de aluno de 3ª série e qualquer ameaça a este status pode desencadear comportamentos agressivos.

É possível perceber também que a relação entre os alunos é marcada pela ausência de cidadania, pela falta de respeito ao direito dos outros, tais situações são reveladas nas atitudes de furar a fila e deixar os colegas sem o lanche noturno, enquanto ele (aluno da 3ª série) come à vontade.

2.3.3.5 Subcategoria: Gola alta como símbolo de poder

Um comportamento característico dos alunos da 3ª série é levantar a gola da camisa para ser identificado como aluno da 3ª série e como símbolo de poder, desse modo, somente alunos dessa série tem esse “privilégio”, conforme relata a entrevistada 01: *“outra coisa também que é comum por exemplo, a 3ª série geralmente usa a gola alta, porque é poder, só usa gola alta quem tem o poder”*.

De acordo com o entrevistado 02, o uso da gola levantada funciona como um código para os demais alunos, em sua fala: *“mas existiam os códigos, por exemplo, o 3º ano era identificado pela gola da camisa, né, então, ele levantava a gola então para o menino do 1º ano e do 2º ano, né, era bem claro o recado, eu sou “Vet’s” quem manda aqui sou eu, né”*.

A entrevistada 03 reforça a ideia da gola alta como símbolo de poder: *“os alunos quando chegam ao 3º ano eles criam um poder, eles passam a se sentir o dono da escola, então eles usam a camisa, a gola da camisa levantada, é tanto que foi retirada a gola do fardamento, como símbolo de poder”*.

O grupo de aluno que usa a gola levantada parece ter necessidade de reforçar sua identidade de 3º ano e reproduzir comportamentos de alunos de anos anteriores, criando um clima de tensão nada favorável a relações interpessoais satisfatórias. Por outro lado, a medida adotada pela direção de retirar a gola da farda para solução desse problema não parece a mais adequada, já que sem um trabalho de conscientização essa agressividade gerada por esse motivo será desviada para outro.

2.3.4 Categoria 04: Procedimentos adotados pela instituição diante dos casos de violência

Foram vários os procedimentos relatados pelos entrevistados no sentido de combater atos de violência na instituição, tais procedimentos foram desde uma advertência verbal até desligamento da instituição, como veremos a seguir:

“e a gente chama os dois e conversa, a gente pede pra não fazer mais e geralmente não se repete, quando o caso é mais assim, que chama atenção a gente geralmente encaminha para o pessoal da psicologia e a gente pede pra conversar, pede pra alguém mais experiente pra conversar, pra um professor que tem mais afinidade pra chamar atenção e pede também pra os professores ficarem de olho em sala de aula”.

Segundo o entrevistado 02, são diversas as medidas adotadas pela instituição dependendo da gravidade de cada caso, conforme seu relato: *“pode ser, por exemplo, normalmente o chamado dos pais, né, a família é chamada à Instituição, né, dependendo do*

diálogo com essa família que já não acontece aqui no nosso departamento já tem acontecido envolvendo mais setores, a Direção de Ensino e dependendo da gravidade sobretudo junto com violência física também, com machucado, com sangramento envolve também a Direção Geral e instalação de processo disciplinar. Já aconteceu caso de desligamento da residência estudantil, né, em alguns casos mas na maioria das vezes, né ao longo do tempo em que eu venho observando a família, a vinda da família a instituição, né e o registro em ficha disciplinar é o que normalmente acontece, né, só em caso mais extremo já acontece o desligamento do regime de residência”. [...] “o aluno agressor, ele também perdeu algumas coisas assim benesses que ele tinha, né, ele era um aluno bolsista e ele perdeu a bolsa dele, ele era um aluno que era semi-residente, né, na instituição ele perdeu a semi-residência, né” [...] “como o mentor foi um aluno interno, ele também foi desligado da residência estudantil”. [...] “o departamento fez o mesmo procedimento, convocou esses alunos envolvidos, todos que foram citados para depoimento, né e as outras informações e encaminhou para direção de ensino e foi solicitado instalação de processo disciplinar e que o aluno agressor também foi desligado da residência estudantil”.

Sobre essa categoria, a entrevista 03 afirma: *“teve denúncia de outros alunos aí foi tomada as providências, foi aberto um processo disciplinar, onde foi colhido depoimento e esse menino foi fora da escola” [...] “a gente só tomava providência daqueles que tinha realmente prova, então teve caso de aluno perder internato por ser comprovado roubo”.*

Conforme a entrevistada 04 relata: *“muitas vezes nós suspendemos alunos, até chegamos a expulsar alunos porque o grau do trote era muito grande”.*

A respeito das providências adotadas, o entrevistado 05 afirma: *“quando chegava essas coisas assim, essas denúncias, o coordenador de internato geralmente já detectava, já fazia assinar ficha e aí tinha as medidas, uma ficha assinada é tanto, duas fichas tanto, três vai pra fora, quatro chama os pais e tira do internato, além disso, era formada uma comissão pelo próprio DAE, o diretor baixava a comissão e essa comissão fazia a apuração dos fatos, quando não fazia a apuração dos fatos, o próprio diretor dependendo do caso, junto com DAE decidia a penalidade baseada nesse regulamento que já era das escolas agrotécnicas”.*

Ele afirma que *“as regras eram mais fortes também, né, não tinha... hoje já se conversa mais antes não tinha, era bem mais forte”.*

De acordo com os relatos, as medidas adotadas para combater a violência são variadas e de acordo com a gravidade. O diálogo com os envolvidos foi colocado como uma ferramenta utilizada mais nos dias atuais, outra alternativa seria buscar o envolvimento da família, a aplicação de fichas disciplinares, em casos mais graves pode ocorrer mudança no

regime de matrícula, perda de bolsa e até expulsão. Verificou-se também que outros departamentos, além do Departamento de Assuntos Estudantis podem se envolver na aplicação de medidas disciplinares aos alunos.

As medidas disciplinares relatadas pelos entrevistados estão em conformidade com as previstas no ROD, no entanto, a busca pelo diálogo que foi apresentada como a principal opção para resolução de conflito parece ser um poderoso recurso pedagógico antes de iniciar medidas mais severas.

CONCLUSÃO

No decorrer deste trabalho de pesquisa buscou-se conhecer o fenômeno da violência entre alunos do ensino médio integrado da Unidade I, do IFCE Campus Iguatu. Para tanto foi realizado um pequeno histórico da instituição e uma caracterização do Campus, seguida do conceito de violência, tipos, consequências e características dos envolvidos com essa temática. Foram abordadas ainda as legislações vigentes acerca da violência. Para atender aos objetivos propostos, foi realizada pesquisa de campo, tendo como participantes alunos e servidores.

Após a aplicação da pesquisa com alunos e servidores da instituição, concluiu-se que a violência entre alunos está presente na Unidade II do Campus Iguatu e essa se manifesta de diversas maneiras.

Por meio das entrevistas realizadas com os servidores que estão ou estiveram como chefes do Departamento de Assuntos Estudantis, pode-se constatar que existe uma cultura de violência na escola que se manifesta por meio do trote aos alunos novatos e nas relações de poder entre os alunos da 3ª, 2ª e 1ª séries. Essa relação de dominação-submissão está presente no uso das expressões “capa gato”, “fobó” e vet’s utilizadas para se referir aos alunos da 1ª, 2ª e 3ª séries respectivamente. Essa relação de poder exercida por alunos que estão em séries mais avançadas também está presente na violência nas escalas de trabalho e monitoria, no refeitório e no uso da gola alta como símbolo de poder.

Na caracterização dos alunos participantes da pesquisa, identificou-se a predominância de alunos da 2ª série, com regime de matrícula residente, do sexo masculino, da religião católica, nível sócioeconômico baixo e idades entre 15 e 22 anos.

Por meio dos questionários aplicados aos alunos, constatou-se que a violência entre os alunos se manifesta principalmente nas formas de violência verbal, psicológica, física, material, sexual, virtual, “bullying” e trote.

A pesquisa nos conduziu ainda a concluir que existem diferenças nas características das vítimas e dos agressores e das testemunhas:

- as vítimas frequentes são de ambos os sexos, são alunos de 1ª série e à medida que vão avançando a série também vai diminuindo a vitimização. Foram vítimas de 01 a 02 vezes e na maioria delas comunicam a alguém a violência ocorrida.

- os agressores são predominantemente alunos do sexo masculino, agem em grupo e são colegas mais velhos da mesma escola.

- dentre os alunos que presenciam maus-tratos a um colega, ou seja, são testemunhas, pode-se observar que a maioria não faz nada, mas acha que essas situações não deveriam existir, outros afirmam sentir pena e querer ajudar e dizem que não participariam de maus-tratos a um colega.

Pode-se ainda perceber que a violência se manifesta em diversos espaços da escola com equivalência para os corredores e os alojamentos. E em relação aos turnos em que a violência mais acontece, encontrou-se o mesmo percentual para os turnos tarde e noite.

A respeito da diferença nas formas de violência entre alunos residentes, semi-residentes e não residentes a pesquisa não deixou claro, pois embora o local onde as agressões predominantemente ocorram sejam os corredores e alojamentos não fica evidente se ela ocorre apenas entre os alunos residentes ou de outros regimes de matrícula. Imagino que seria necessária nova pesquisa para esclarecer este objetivo.

Outro aspecto investigado nesta pesquisa foi sobre a legislação acerca do tema e constatou-se que não existe uma legislação específica acerca da violência, sendo necessário recorrermos primeiramente à lei suprema que é a Constituição Federal⁸⁵, segundo a qual em seu Artigo 5º estabelece que todos são iguais perante a lei e nos incisos I e II estabelece que:

- I- Ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude da lei;
- II- Ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante.

Foram pesquisadas também outras leis, tais como o Estatuto da Criança e do Adolescente⁸⁶, que estabelece medidas protetivas para crianças e adolescente, onde em seu Artigo 5º expressa que nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais. Outra Lei abordada foi a LDB⁸⁷ garante que educação deve ser inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, sobre respeito à liberdade e apreço à tolerância e a consideração com a diversidade étnico-racial estabelecendo princípios fundamentais para que não ocorra a violência escolar. E por fim, foi abordado o Regulamento da Organização

⁸⁵BRASIL. *Constituição Federal de 1988*. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 20 fev. 2014.

⁸⁶BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. *Institui o Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília: Senado Federal, 1990.

⁸⁷BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional – LDB 9.394/96*. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1996.

Didática⁸⁸ do IFCE que estabelece entre outros temas, os direitos e deveres do grupo dos discentes, bem como as medidas disciplinares em caso de descumprimento deste regulamento.

Após a conclusão desta pesquisa, acredita-se que ela possibilitou uma visão mais real do fenômeno da violência entre alunos da Unidade II, do IFCE Campus Iguatu e que por meio dela a instituição possa nortear o planejamento de políticas públicas voltadas para a prevenção e redução desse fenômeno, bem como o enfrentamento do problema com maior lucidez, cumprindo assim com nossa missão de educar os jovens para serem cidadãos éticos e responsáveis.

⁸⁸LIMA, C. R.G de. *Regulamento da Organização Didática*. Disponível em:<<http://www.ifce.edu.br/ensino/rod>>. Acesso em: 24 fev. 2014.

REFERÊNCIAS

ABRAPIA. *Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescência*. Disponível em: <<http://www.abrapia.org.br/>> Acesso em: ago de 2014.

ALMEIDA, S. F. C de.; AGUIAR, R. M. R. Adolescência e violência na escola: dispositivos de reconstrução dos laços sociais no cotidiano escolar. In: AMPARO, Deise Matos do et al. *Adolescência e violência: intervenções e estudos clínicos, psicossociais e educacionais*. Organização de Brasília: Liber Livro e Editora Universidade de Brasília, 2012.

BEANE, A. L. *Proteja seu filho do “bullying”*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2011.

BRASIL. *Constituição Federal de 1988*. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 20 fev. 2014.

BRASIL. *Lei 8.069, de 13 de julho de 1990*. Institui o Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília: Senado Federal, 1990.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional – LDB 9.394/96*. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1996.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto Contexto Enferm*. Florianópolis, 2006.

CARPENTER, D. *Cuidado! Proteja seus filhos dos bullies*. São Paulo: Butterfly, 2011.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. da. *Metodologia Científica*. 6 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CHAGNON, J-Y. As agressões sexuais na adolescência. In: AMPARO, D. M. et al (Org). *Adolescência e violência: intervenções e estudos clínicos, psicossociais e educacionais*. Brasília: Liber Livro e Editora Universidade de Brasília, 2012.

ELIAS, M. A. *Violência escolar: caminhos para compreender e enfrentar o problema*. São Paulo: Ática educadores, 2011.

FADIMAN, J.; FRAGER, R. *Teorias da personalidade*. São Paulo: Harbra, 1986.

FARIA, R. A. de. Responsabilidade penal do adolescente e ato infracional. *Boletim Jurídico*, Uberaba/MG, a. 5, no530. Disponível em: <<http://www.boletimjuridico.com.br/doutrina/texto.asp?id=2013>> Acesso em: 15 ago. 2014.

FERNÁNDEZ, I. *Prevenção da violência e solução de conflitos: o clima escolar como fator de qualidade*. São Paulo: Madras, 2005.

HISTÓRIA, visão, missão e valores. Disponível em: <<http://www.ifce.edu.br>>. Acesso em: 11 ago. 2014.

LIMA, C. R. G de. *Regulamento da Organização Didática*. Disponível em: <<http://www.ifce.edu.br/ensino/rod>>. Acesso em: 24 fev. 2014.

LIRA, A.; GOMES, C. A. Clima e violências escolares: soluções simples fazem a diferença. In: AMPARO, D. M. et al (Org). *Adolescência e violência: intervenções e estudos clínicos, psicossociais e educacionais*. Brasília: Liber Livro e Editora Universidade de Brasília, 2012.

REIS, T. T; CONCEIÇÃO, M. I. Violência nas escolas: tendências mundiais. In: AMPARO, D. M. et al (Org). *Adolescência e violência: intervenções e estudos clínicos, psicossociais e educacionais*. Brasília: Liber Livro e Editora Universidade de Brasília, 2012.

ROLIM, M. J. E. *A violência nas escolas: como prevenir e corrigir*. Recife: Libertas, 2009.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SHILLING, F. *A sociedade da insegurança e a violência escolar*. São Paulo: Moderna, 2004.

SILVA, A. B. *“bullying”*: mentes perigosas na escola. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

TELLES, M. A. de A; MELO, M. *O que é violência contra a mulher*. Editora Brasiliense, 2012.

ANEXOS

ESCOLA SUPERIOR DE
TEOLOGIA - EST



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Violência escolar entre alunos do ensino médio integrado: uma análise a partir do Instituto Federal do Ceará - Campus Iguatu, na cidade de Iguatu/CE.

Pesquisador: Maria Maiza Barros

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 28723814.2.0000.5314

Instituição Proponente: Escola Superior de Teologia - EST

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 654.695

Data da Relatoria: 19/05/2014

Apresentação do Projeto:

Com o título: "Violência escolar entre alunos do ensino médio integrado: uma análise" (provisório), foi apresentado projeto de pesquisa pela estudante Maria Maiza Barros, sob a orientação da Professora Karin H.K. Wondracek. Este apresenta como objeto a análise da violência entre os alunos do ensino médio integrado de uma escola profissional federal na cidade de Iguatu/CE: História da cultura de violência na escola, os principais tipos de violência, as características dos agressores, das vítimas e das testemunhas, diferenças nas formas de violência entre os alunos internos, semi-internos e externos; a legislação vigente na instituição acerca da violência e legislação sobre o tema no país.

Objetivo da Pesquisa:

Geral: Analisar o fenômeno da violência escolar entre estudantes do ensino médio integrado de uma escola profissional federal na cidade de Iguatu/CE.

Específicos:

Investigar a história da cultura de violência na escola;

Descrever os tipos de violência escolar;

Descrever as características dos agressores, das vítimas e das testemunhas;

Detectar se há diferenças nas formas de violência entre os alunos residentes, semi-residentes e

Endereço: Rua Amadeo Rossi 467

Bairro: Morro do Espelho

CEP: 93.030-220

UF: RS

Município: SAO LEOPOLDO

Telefone: (51)2111-1400

Fax: (51)2111-1411

E-mail: lothar@est.edu.br

ESCOLA SUPERIOR DE
TEOLOGIA - EST



Continuação do Parecer: 654.695

não residentes;

Investigar a legislação vigente na escola acerca da violência;

Delinear a legislação acerca da violência escolar no país

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os procedimentos que a pesquisadora apresenta não apresentam riscos para os/as envolvidos/as. Os benefícios da pesquisa resultarão em importantes informações sobre a violência em educadários e que poderão proporcionar elementos na elaboração de ações/procedimentos para diminuição da violência escolar.

Não haverá identificação das pessoas pesquisadas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto está bem elaborado. Os objetivos estão bem definidos e de acordo com a proposta do projeto. Apresenta cronograma indicando início do projeto para o mês de março/2014 e o término para o mês de novembro 2014. Foram anexados um questionário para entrevista que será realizada com o corpo discente e um texto motivador que servirá de impulso na entrevista com servidores do educandário.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A pesquisadora apresentou a documentação exigida pelo CEP da EST e apresentou as reformulações solicitadas e que deixaram o projeto como pendente na reunião de 13 de abril de 2014.

Apresentou dois questionários, um para discentes e outro para servidores/as. Excluiu do questionário, destinado aos discentes a pergunta, que aos integrantes do CEP da EST poderia constranger os/as discentes do educandário. Elaborou as perguntas, dirigidas às/aos discentes de uma forma mais investigativa.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisadora atendeu aos questionamentos e recomendações do CEP da EST. Diante destas reformulações opto pela aprovação da pesquisa de campo.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Amadeo Rossi 467

Bairro: Morro do Espelho

CEP: 93.030-220

UF: RS

Município: SAO LEOPOLDO

Telefone: (51)2111-1400

Fax: (51)2111-1411

E-mail: lothar@est.edu.br

ESCOLA SUPERIOR DE
TEOLOGIA - EST



Continuação do Parecer: 654.695

Considerações Finais a critério do CEP:

Os integrantes do CEP da EST aprovaram a pesquisa de campo em sua reunião do dia 19 de maio de 2014.

SAO LEOPOLDO, 21 de Maio de 2014

Assinado por:
HOCH, Lothar C.
(Coordenador)

Endereço: Rua Amadeo Rossi 467
Bairro: Morro do Espelho **CEP:** 93.030-220
UF: RS **Município:** SAO LEOPOLDO
Telefone: (51)2111-1400 **Fax:** (51)2111-1411 **E-mail:** lothar@est.edu.br

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MAIORES

Título da Pesquisa: Violência escolar entre alunos do ensino médio integrado: uma análise a partir do Instituto Federal do Ceará – Campus Iguatu, na cidade de Iguatu/CE.

Nome da Pesquisadora: MARIA MAIZA BARROS

Nome do Orientador: KARIN H. K. WONDRAECK

1. Natureza da pesquisa: A Senhora (Sr.) está sendo convidada(o) a participar desta pesquisa que tem como finalidade analisar o fenômeno da violência escolar entre estudantes do ensino médio integrado, da Unidade II do Instituto Federal do Ceará - Campus Iguatu.

2. Participantes da pesquisa: O universo da pesquisa será composto por 30% dos alunos da 1ª, 2ª e 3ª séries do ensino médio integrado da Unidade II e de 05 servidores que estão ou estiveram como chefes do Departamento de Apoio Estudantil do IFCE - Campus Iguatu.

3. Envolvimento na pesquisa: ao participar deste estudo a Senhora (Sr.) permitirá que a pesquisadora MARIA MAIZA BARROS utilize as informações na pesquisa acima mencionada. A Senhora (Sr.) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para a Sra. MARIA MAIZA BARROS. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone da pesquisadora do projeto e, se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.

4. Sobre as entrevistas e questionários: na primeira etapa da pesquisa 30% dos discentes responderão a um questionário contendo 19 questões objetivas, os mesmos serão aplicados em grupo em sala privada, com duração média de 40 minutos.

As entrevistas terão apenas uma questão aberta que será aplicada aos servidores que estão (estiveram) como chefes do Departamento de Apoio Estudantil e continuam na instituição. Durante essas entrevistas serão coletados depoimentos sobre a história da cultura da violência no IFCE Campus Iguatu. As entrevistas terão duração média de duas horas e serão anotadas de forma individual e gravadas para posteriores análises dos resultados.

5. Riscos e desconforto: A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Tendo em vista que não exigirá disponibilidade de muito tempo dos participantes, como também não cobrará nenhum tipo de ônus e/ou esforço exaustivo. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução No. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.

6. Confidencialidade: Todas as informações coletadas neste estudo servirão de base para estudos, na área de Educação, como também contribuirão para compreender melhor como ocorre o fenômeno da violência entre alunos, visando elaborar ações que venham reduzir a violência e o sofrimento causado por ela, e apontar possíveis melhorias na qualidade de vida dos envolvidos. A identificação das pessoas envolvidas será preservada no anonimato. Somente a pesquisadora e a orientadora terão conhecimento dos dados.

7. Benefícios: Ao participar desta pesquisa a Senhora (Sr.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo ofereça informações importantes sobre a violência escolar entre alunos, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa compreender melhor como ocorre esse fenômeno, visando elaborar ações que venham reduzir a violência e o sofrimento causado por ela, e apontar possíveis melhorias na qualidade de vida dos envolvidos. A pesquisadora se compromete a divulgar os resultados obtidos.

8. Pagamento: A Senhora (Sr.) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem:

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador

Local e data

TELEFONES

Pesquisadora: (88) 9957-0194

Orientadora: (51) 3342-0938

Nome e telefone de um membro da Coordenação do Comitê de Ética em Pesquisa

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MENORES

Título da Pesquisa: Violência escolar entre alunos do ensino médio integrado: uma análise a partir do Instituto Federal do Ceará – Campus Iguatu, na cidade de Iguatu/CE.

Nome da Pesquisadora: MARIA MAIZA BARROS

Nome do Orientador: KARIN H. K. WONDRACEK

Eu, _____ (pai, mãe ou responsável) pela/o menor _____, autorizo a sua participação na pesquisa: Violência escolar entre alunos do ensino médio integrado: uma análise

1. Participantes da pesquisa: participarão dessa pesquisa 30% dos alunos da 1ª, 2ª e 3ª séries do ensino médio integrado, da Unidade II e 05 servidores que estão ou estiveram como chefes do Departamento de Apoio Estudantil do IFCE Campus Iguatu.

2. Envolvimento na pesquisa: Ao participar deste estudo a Senhora (Sr) permitirá que a pesquisadora MARIA MAIZA BARROS utilize as informações fornecidas pelo/a menor na pesquisa acima mencionada. A Senhora (Sr.) tem liberdade de recusar a participação do/a menor e ainda recusar que continue participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para a Sra. MARIA MAIZA BARROS. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone da pesquisadora do projeto e, se necessário, através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.

3. Sobre as entrevistas: na primeira etapa da pesquisa 30% dos alunos e alunas responderão a um questionário contendo 19 questões objetivas, os mesmos serão aplicados em grupo, em sala privada, com duração média de 40 minutos.

As entrevistas terão apenas uma questão aberta que será aplicada aos servidores que estão (estivaram) como chefes do Departamento de Apoio Estudantil e continuam na instituição. Durante as entrevistas serão coletados depoimentos sobre a história da cultura da violência no IFCE Campus Iguatu. As entrevistas serão aplicadas em sala privada, com duração média de duas horas e serão anotadas de forma individual e gravadas para posteriores análises dos resultados.

4. Riscos e desconforto: A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Tendo em vista que não exigirá disponibilidade de muito tempo dos participantes, como também não cobrará nenhum tipo de ônus e/ou esforço exaustivo. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução No. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.

5. Confidencialidade: Todas as informações coletadas neste estudo servirão de base para estudos, na área de Educação, como também contribuirão para compreender melhor como ocorre o fenômeno da violência entre alunos, visando elaborar ações que venham reduzir a violência e o sofrimento causado por ela, e apontar possíveis melhorias na qualidade de vida

dos envolvidos. A identificação das pessoas envolvidas será preservada no anonimato. Somente a pesquisadora e o orientador terão conhecimento dos dados.

6. Benefícios: Ao participar desta pesquisa a Senhora (Sr.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo ofereça informações importantes sobre a violência escolar entre alunos, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa compreender melhor como ocorre esse fenômeno, visando elaborar ações que venham reduzir a violência e o sofrimento causado por ela, e apontar possíveis melhorias na qualidade de vida dos envolvidos. A pesquisadora se compromete a divulgar os resultados obtidos.

7. Pagamento: A Senhora (Sr.) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem:

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa

Nome do/a responsável pelo menor

Assinatura do/a responsável pelo menor

Nome do/a menor

Assinatura do/a Pesquisador/a

Local e data

TELEFONES

Pesquisadora: (88) 9957-0194

Orientadora: (51) 3342-0938

Nome e telefone de um membro da Coordenação do Comitê de Ética em Pesquisa

**APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS CHEFES DE
DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS ESTUDANTIS**

Caro servidor,

Você está sendo convidado (a) a participar desta entrevista que constitui-se num instrumento de coleta de dados da pesquisa sobre “violência escolar entre alunos do ensino médio integrado: uma análise a partir do Instituto Federal do Ceará – Campus Iguatu, na cidade de Iguatu/CE, sob a responsabilidade da pesquisadora Maria Maiza Barros. Cada entrevista terá apenas uma questão aberta que será aplicada aos servidores que estão (estiveram) como chefes do Departamento de Apoio Estudantil e continuam na instituição. A mesma será anotada de forma individual e gravada para posterior análise dos resultados. As respostas são anônimas e confidenciais. Desde já agradeço a sua colaboração.

ENTREVISTA

Relate o(s) caso(s) de violência entre alunos no Campus - Iguatu que você tem conhecimento.

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

Caro aluno,

Você está sendo convidado (a) a responder este questionário que constitui-se num instrumento de coleta de dados da pesquisa sobre “Violência escolar entre alunos do ensino médio integrado: uma análise a partir do Instituto Federal do Ceará – Campus Iguatu, na cidade de Iguatu/CE, sob a responsabilidade da pesquisadora Maria Maiza Barros. As respostas são anônimas e confidenciais. Desde já agradeço a sua colaboração.

QUESTIONÁRIO

SÉRIE: () 1 ^a () 2 ^a () 3 ^a
REGIME DE MATRÍCULA: () Residente () Semi-residente () Não residente
SEXO: () Masculino () Feminino
RELIGIÃO: () Católico () Evangélico () Outra _____
NÍVEL SÓCIO ECONÔMICO: () Classe Baixa () Classe Média () Classe Alta
IDADE: _____ anos

1. Acontecem casos de violência nesta escola? Em caso afirmativo quais as violências que mais ocorrem nesta escola?

() Sim () Não

2. Você já foi vítima de violência nesta escola?

() Sim () Não

3. Qual o tipo de violência que sofreu?

() Verbal	() Virtual
() Física	() Material
() Psicológica	() “bullying”
() Sexual	() Trote

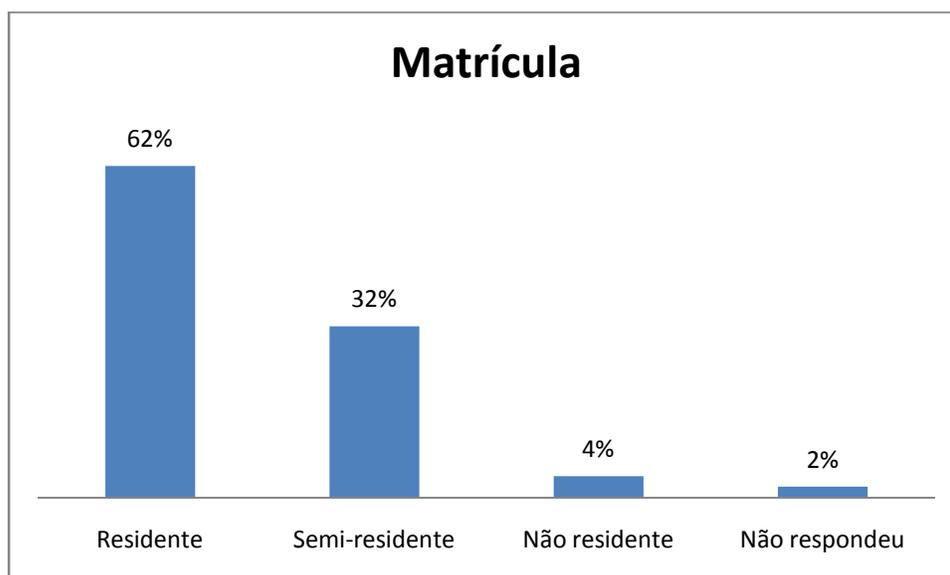
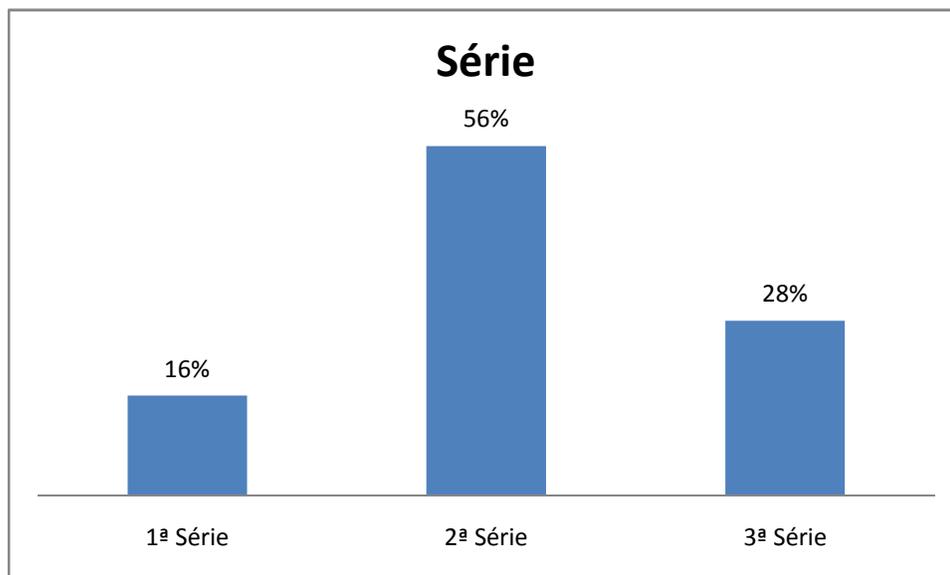
4. Quantas vezes foi vítima de violência nesta escola?

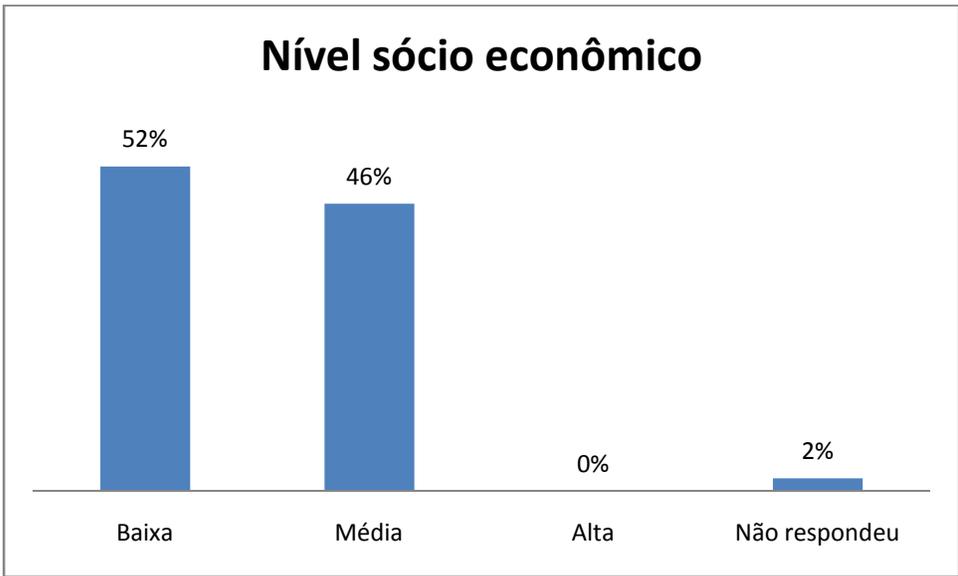
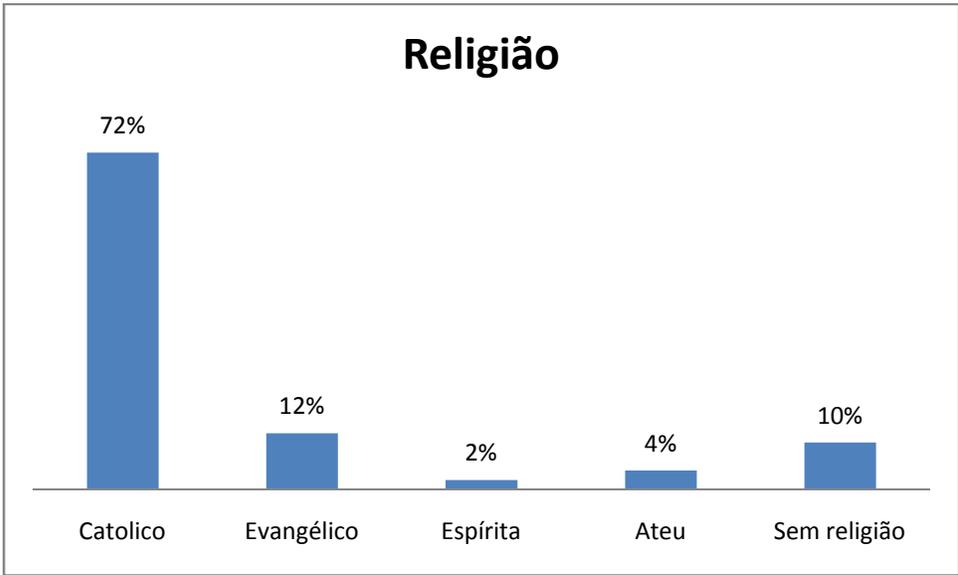
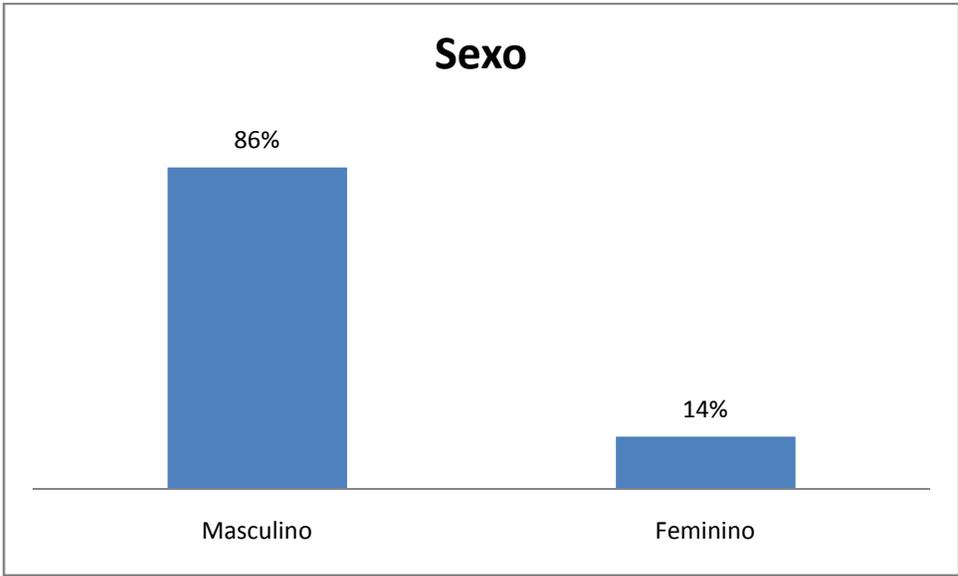
() 01 a 02 vezes () 02 a 03 vezes

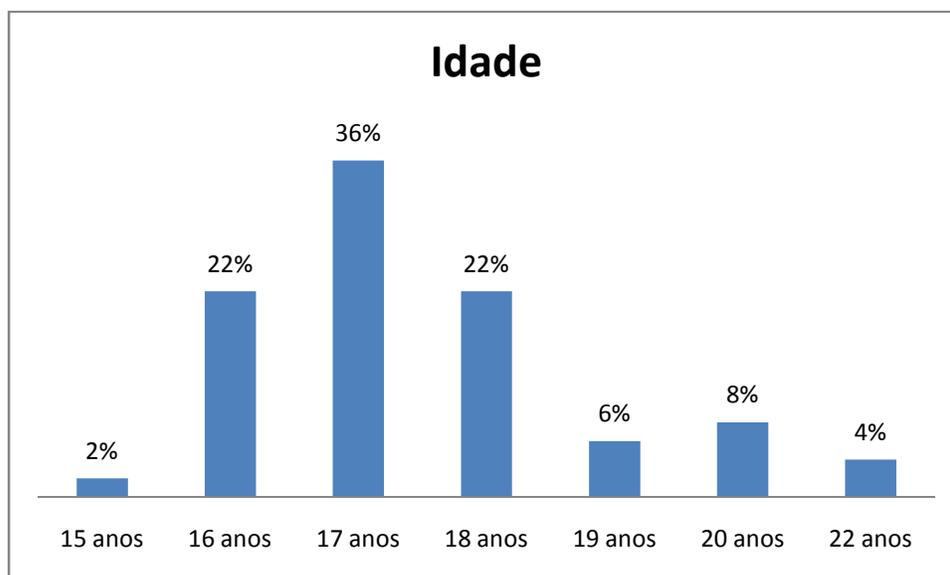
- Todas a semanas Todos os dias
5. Em que ano foi vítima de violência?
 1ª série 3ª série
 2ª série Todas as séries
6. As pessoas que agrediram você são do sexo:
 masculino feminino ambos
7. No momento da agressão, o agressor estava sozinho ou em grupo?
 Sozinho Em grupo
8. Quando insultam ou agredem você, quem são essas pessoas:
 colegas de turma alunos de outra escola
 colegas mais velhos da mesma escola estranhos
9. Em que local da escola você foi vítima de agressão?
 nunca fui incomodado na sala de aula nos alojamentos
 no pátio quando o professor no transporte escolar
 na sala de aula estava presente no caminho da escola
quando o professor não nos corredores
estava no refeitório
10. Você disse a alguém que foi vítima de violência nesta escola?
 nunca fui vítima nunca contei a contei a alguém
 ninguém
11. Você já viu algum aluno ser maltratado nesta escola?
 Sim Não
12. As vítimas são do sexo:
 Masculino Feminino Ambos os sexos
13. Os alunos ajudam outros alunos que são vítimas de violência?
 Sempre As vezes Nunca
 Frequentemente Quase nunca
14. O que sente quando vê um colega sendo vítima de algum tipo de violência?
 Sinto que ela deve ter feito algo para Sinto pena
merecer Sinto pena e quero ajudar
 Não sinto nada
15. Você já maltratou alguém nesta escola?
 Nunca 02 ou 03 vezes Todos os dias
 01 ou 02 vezes Todas as semanas

**APÊNDICE E – GRÁFICOS ELABORADOS A PARTIR DOS RESULTADOS DOS
QUESTIONÁRIOS
IDENTIFICAÇÃO DOS (AS) ALUNOS (AS) PESQUISADOS (AS)**

GRÁFICOS







QUESTÃO 1 - Acontecem casos de violência na escola? Em caso afirmativo, quais as violências que mais ocorrem nesta escola?

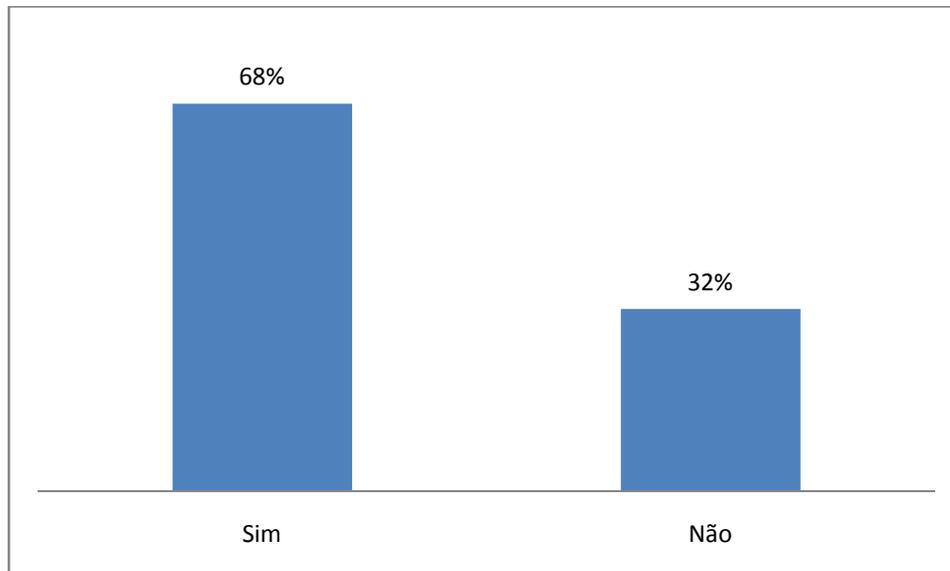


Figura 1. Percentual de alunos (as) que afirmaram a existência de violência no IFCE campus Iguatu.

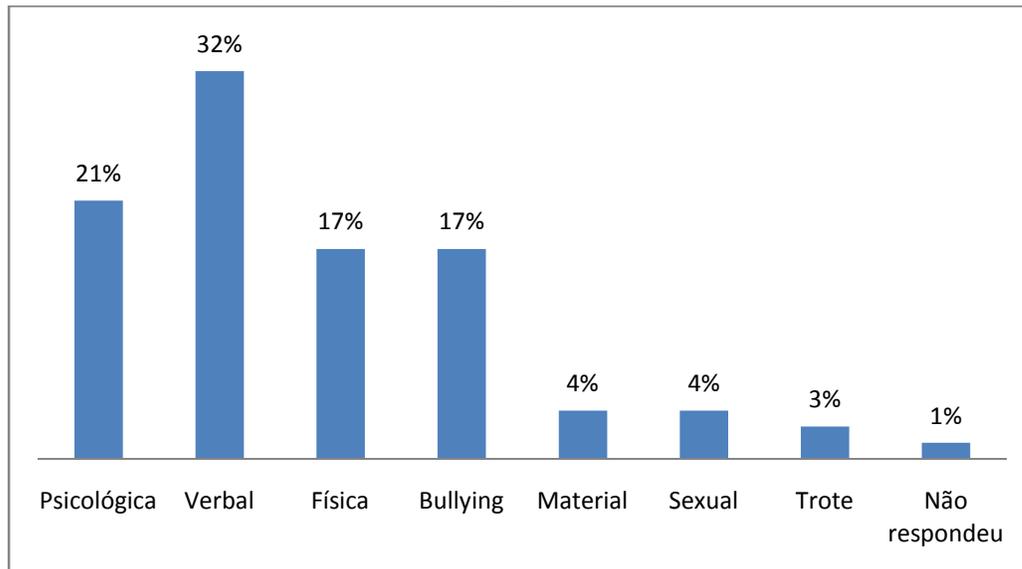
QUESTÃO 1.1 – Quais as violências que mais ocorrem nesta escola?

Figura 2. Tipos de violência identificados pelos alunos (as) do IFCE campus Iguatu.

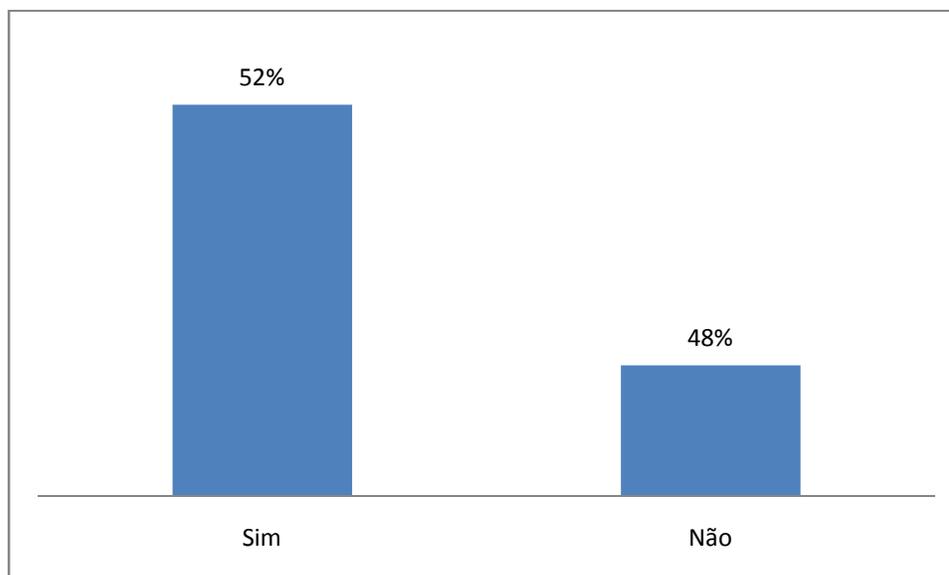
QUESTÃO 2 - Você já foi vítima de violência nesta escola?

Figura 3. Quantidade de alunos que afirmam se foram vítimas de violência no IFCE campus Iguatu.

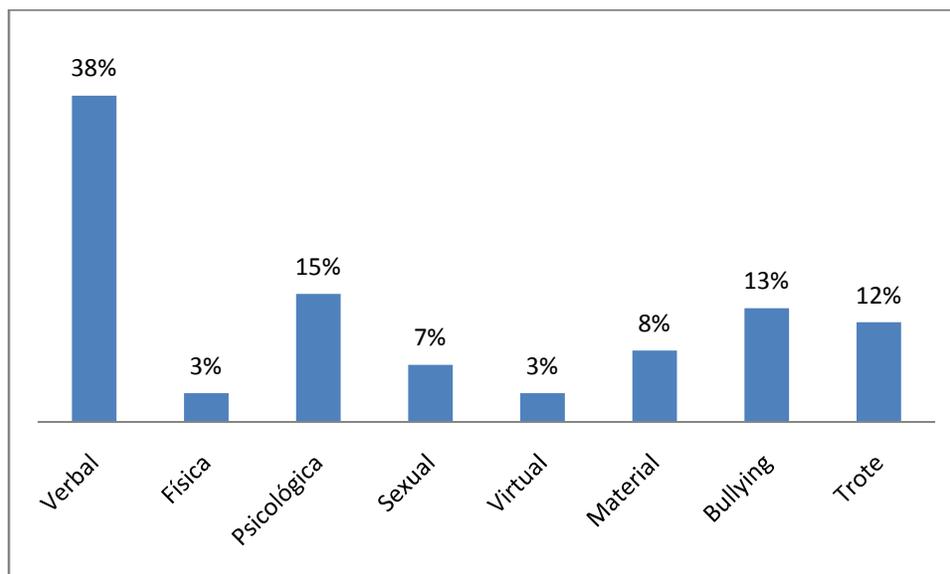
QUESTÃO 3 - Qual o tipo de violência que sofreu?

Figura 4. Tipos de violência identificados pelas vítimas.

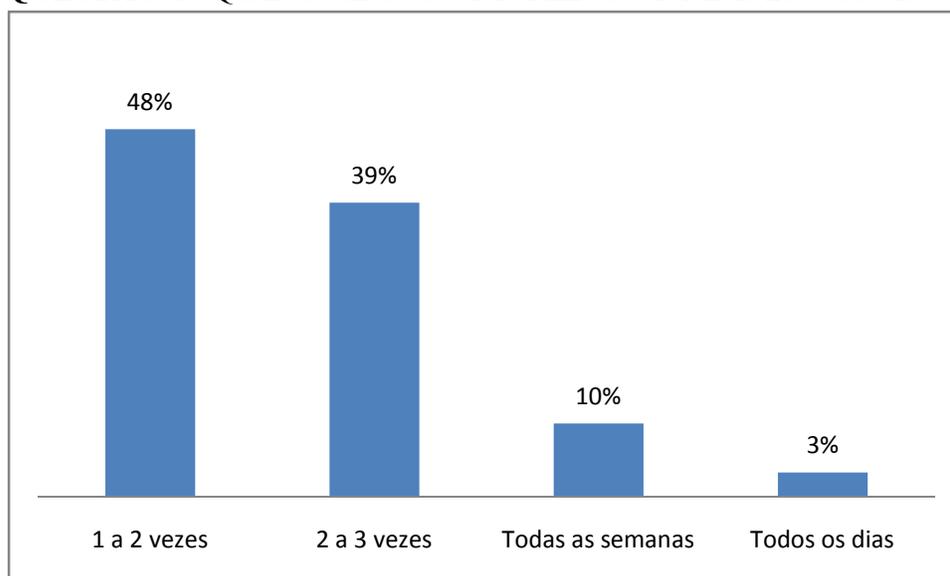
QUESTÃO 4 - Quantas vezes você foi vítima de violência nesta escola?

Figura 5. Quantidade de vezes em que a vítima sofreu violência

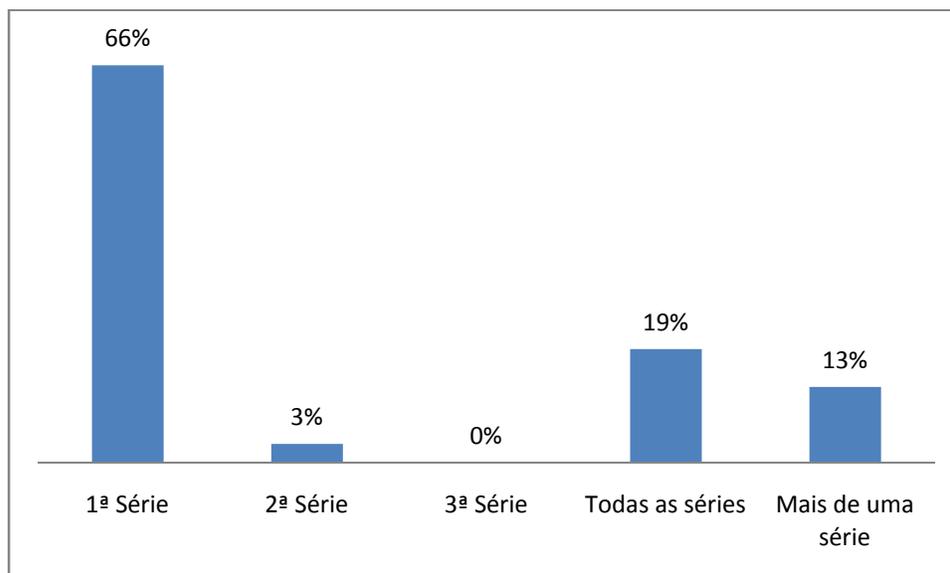
QUESTÃO 5 - Em que ano você foi vítima de violência?

Figura 6. Série em que os (as) alunos (as) foram vítimas.

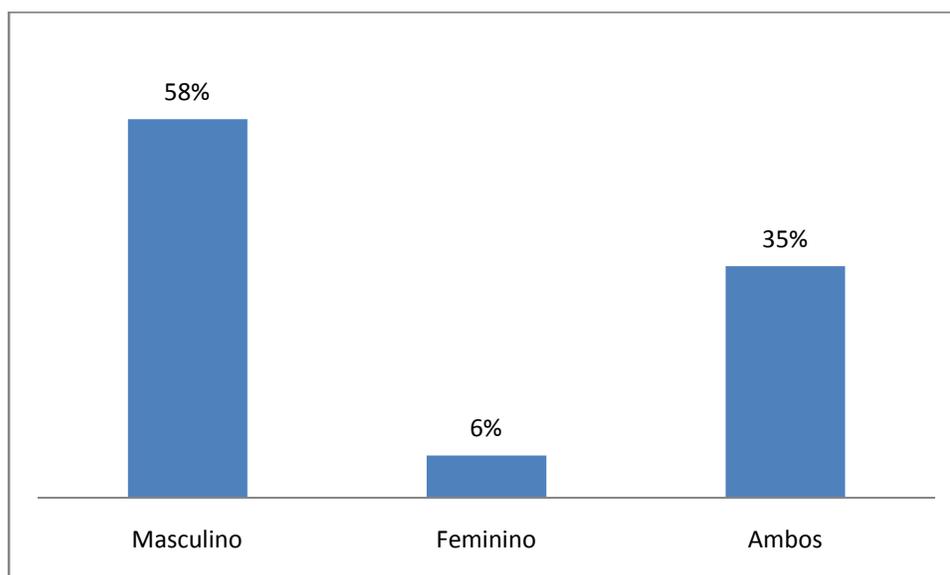
QUESTÃO 6 - As pessoas que agrediram você são do sexo:

Figura 7. Sexo dos agressores.

QUESTÃO 7 - No momento da agressão, o agressor estava sozinho ou grupo?

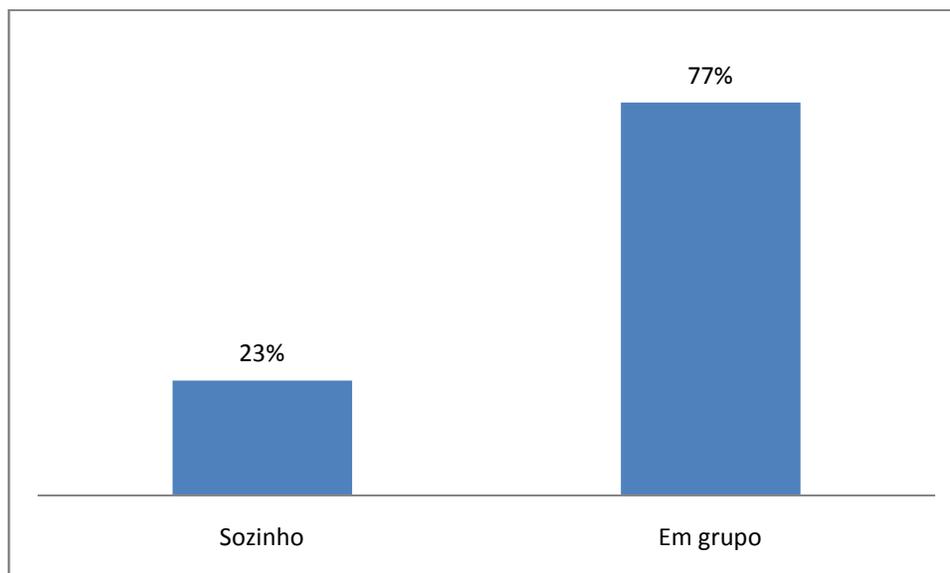


Figura 8. Quantidade de agressores no momento da agressão.

QUESTÃO 8 - Quando insultam ou agredem você, quem são essas pessoas?

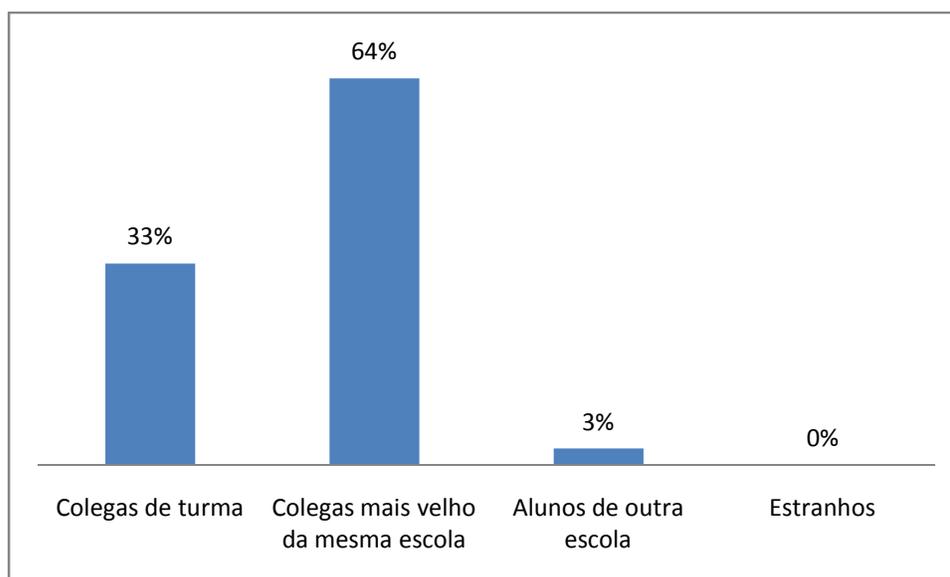


Figura 9. Identificação dos agressores.

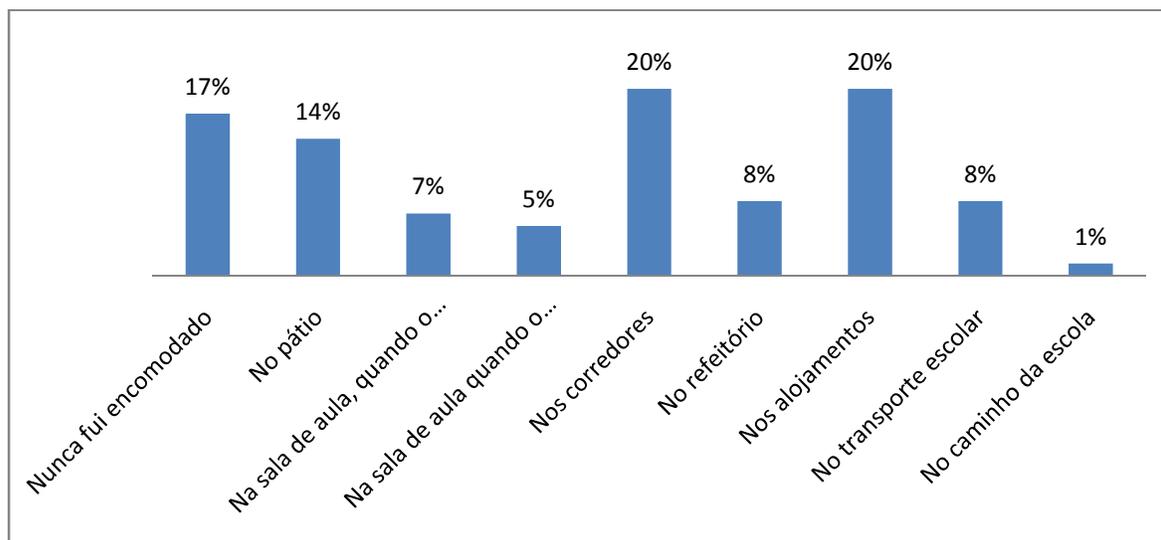
QUESTÃO 9 - Em que local da escola você foi vítima de agressão?

Figura 10. Local onde a agressão ocorreu.

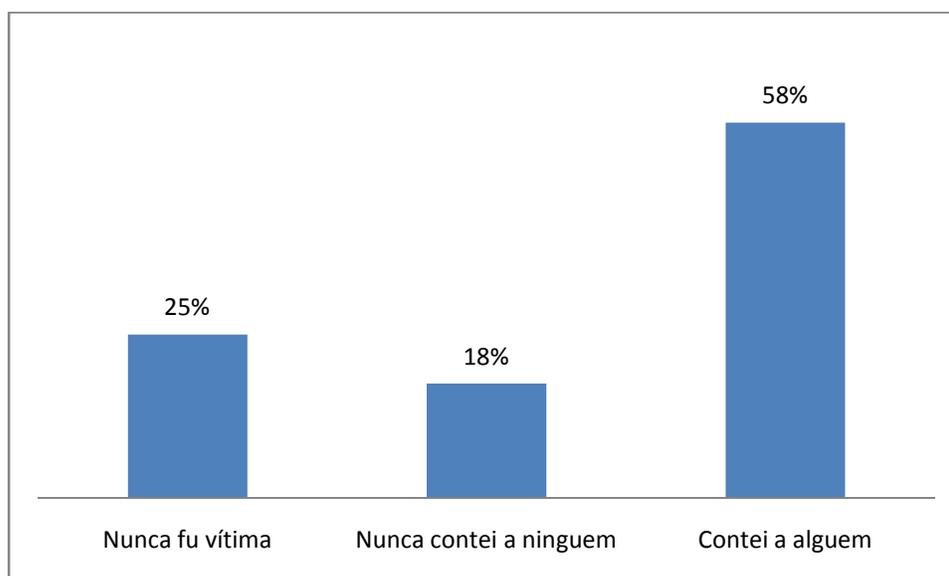
QUESTÃO 10 - Você disse a alguém que foi vítima de violência nesta escola?

Figura 11. Comunicação a outras pessoas acerca da violência sofrida.

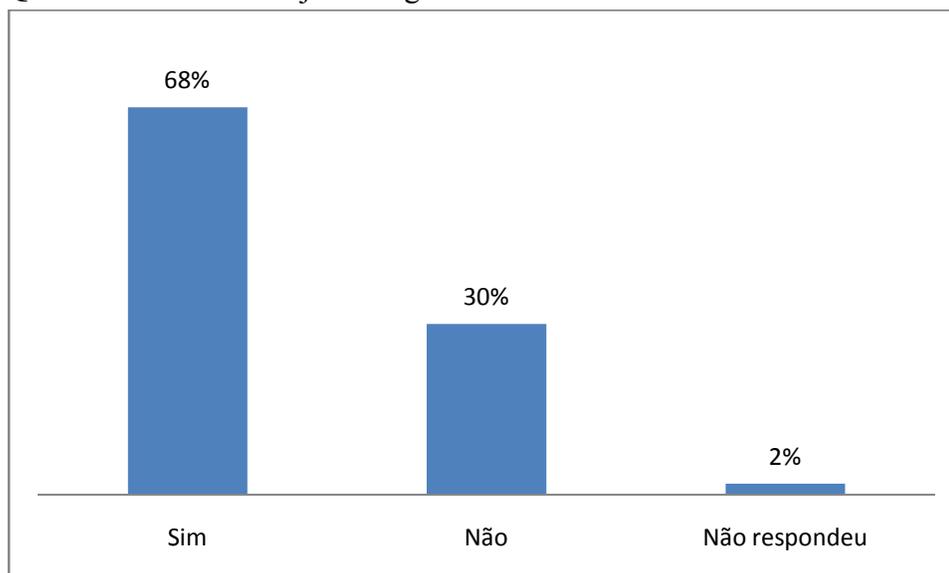
QUESTÃO 11 - Você já viu algum aluno ser maltratado nesta escola?

Figura 12. Percentual de alunos (as) que presenciaram maus-tratos a um colega.

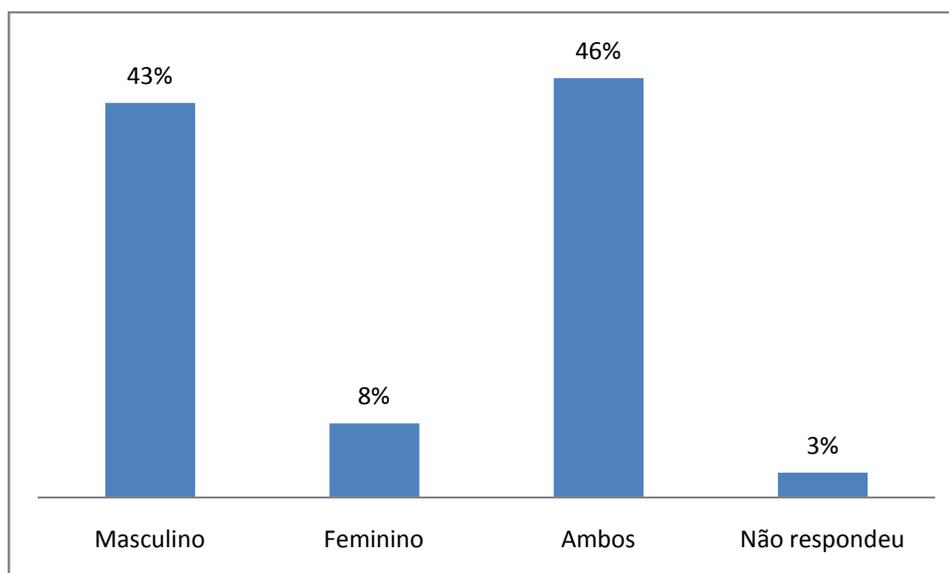
QUESTÃO 12 - As vítimas são do sexo:

Figura 13. Sexo das vítimas

QUESTÃO 13 - Os alunos ajudam outros alunos que são vítimas de violência?

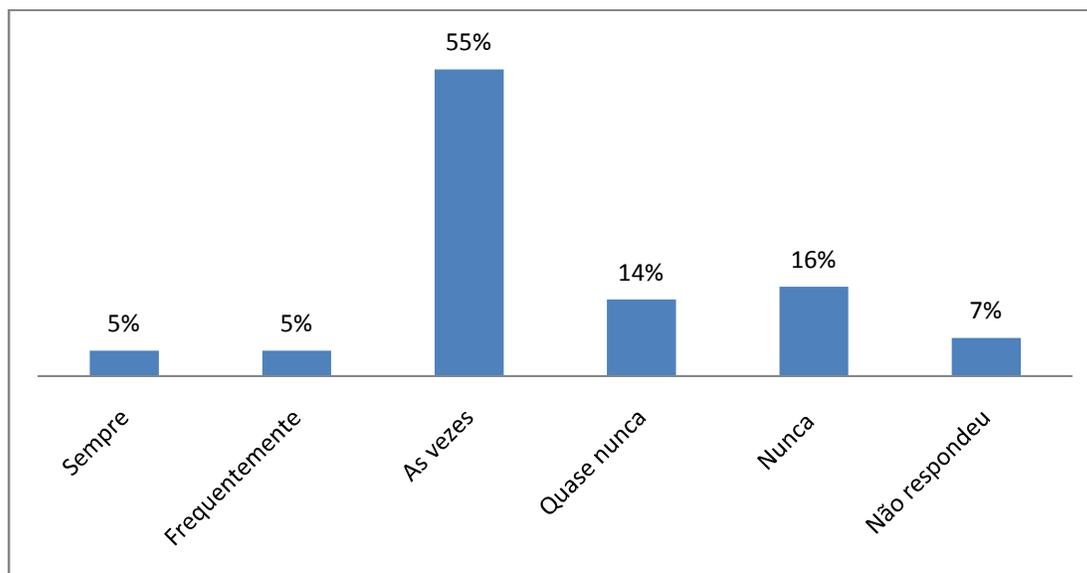


Figura 14. Ajuda dos (as) colegas às vítimas de violência.

QUESTÃO 14 - O que sente quando vê um colega sendo vítima de algum tipo de violência?

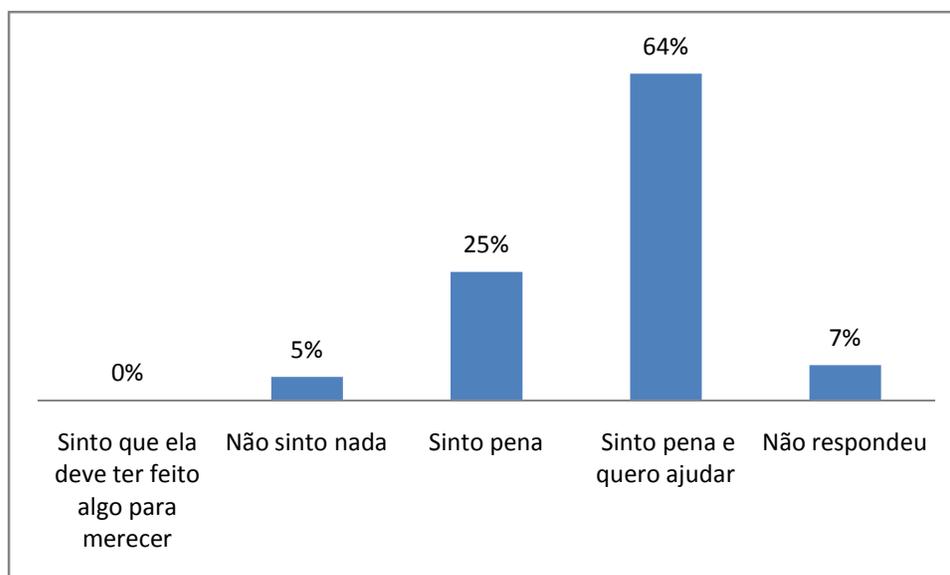


Figura 15. Sentimento diante de um colega vítima de violência.

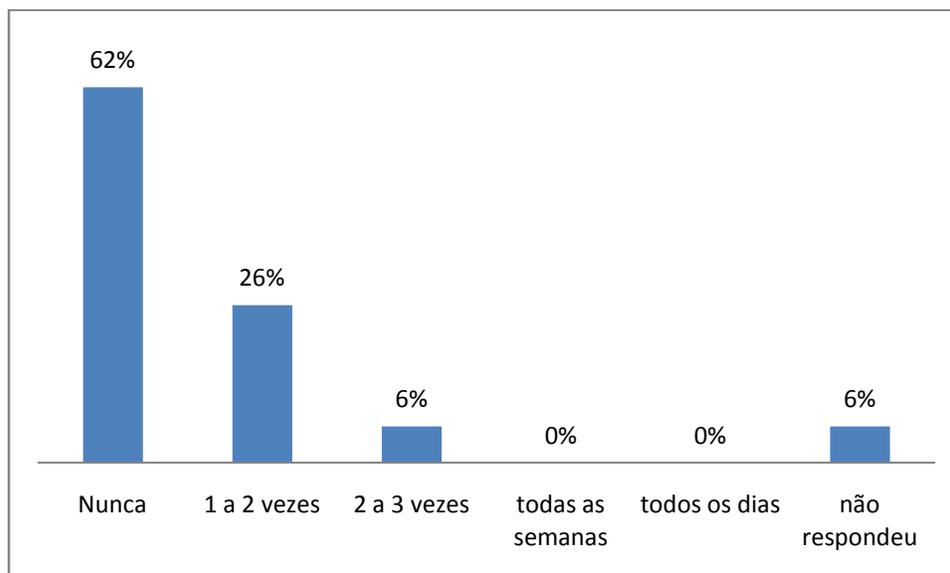
QUESTÃO 15 - Você já maltratou alguém na escola?

Figura 16. Percentual de alunos (as) que já maltrataram outros (as).

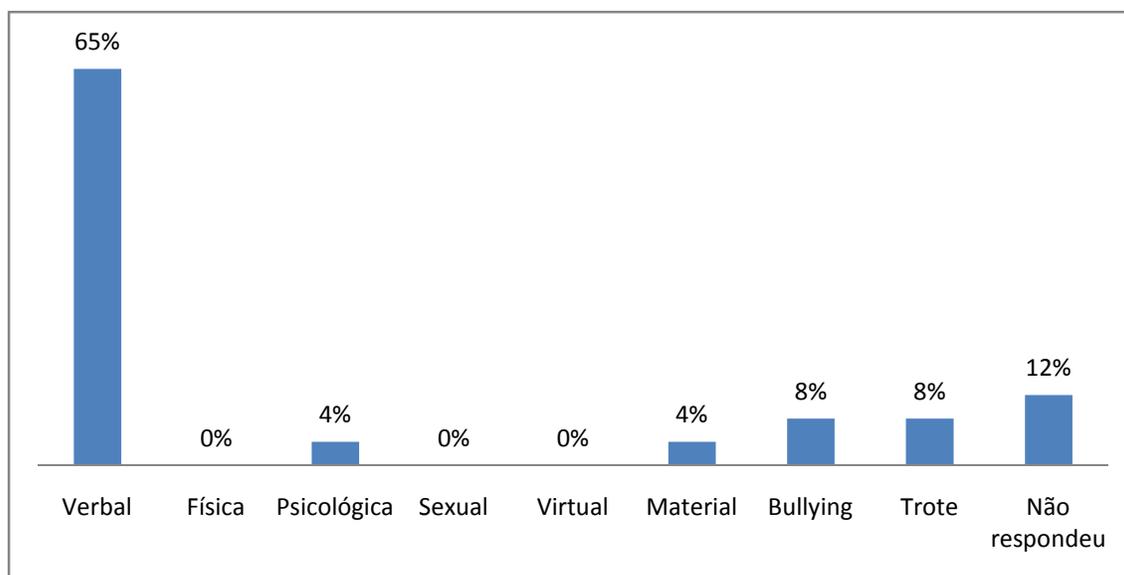
QUESTÃO 16 - Qual o tipo de agressão praticou?

Figura 17. Tipo de agressão praticada pelos (as) alunos pesquisados (as).

QUESTÃO 17 - Se você visse maltratar um colega de quem não gosta, também participaria?

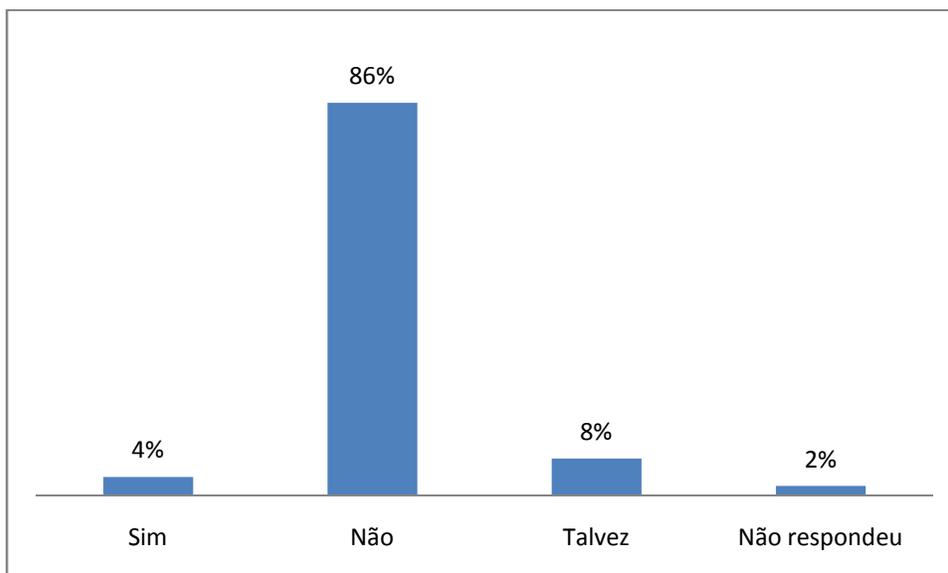


Figura 18. Percentual de alunos (as) que maltrataria um colega de quem não gostasse.

QUESTÃO 18 - Como você reage quando vê um colega ser maltratado por outros colegas?

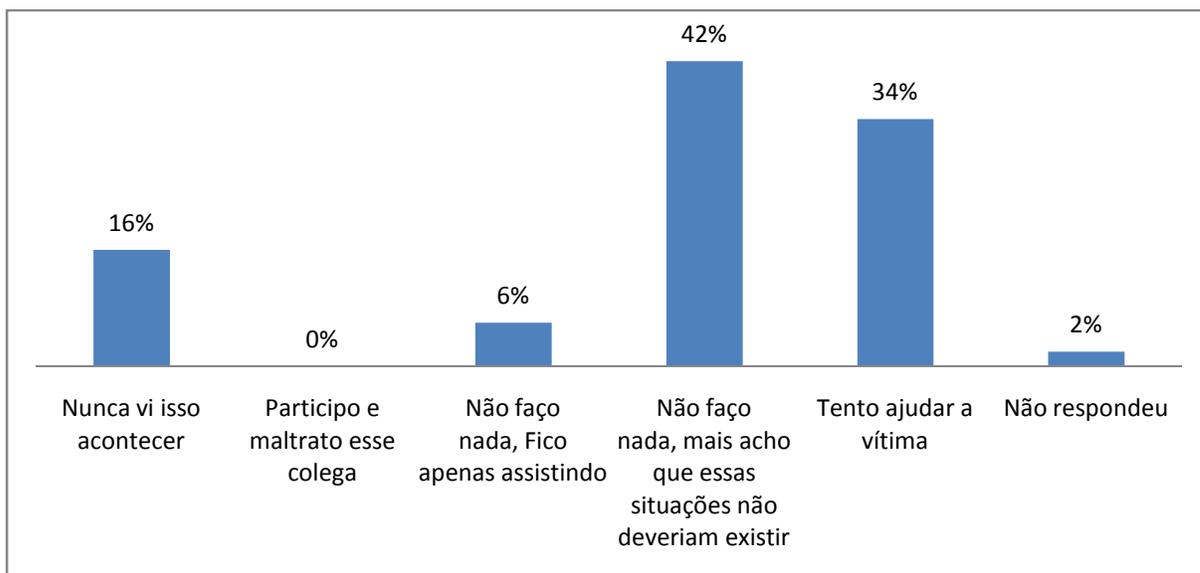


Figura 19. Reação diante de maus-tratos a um colega.

QUESTÃO 19 - Em que turnos a violência ocorre com maior frequência?

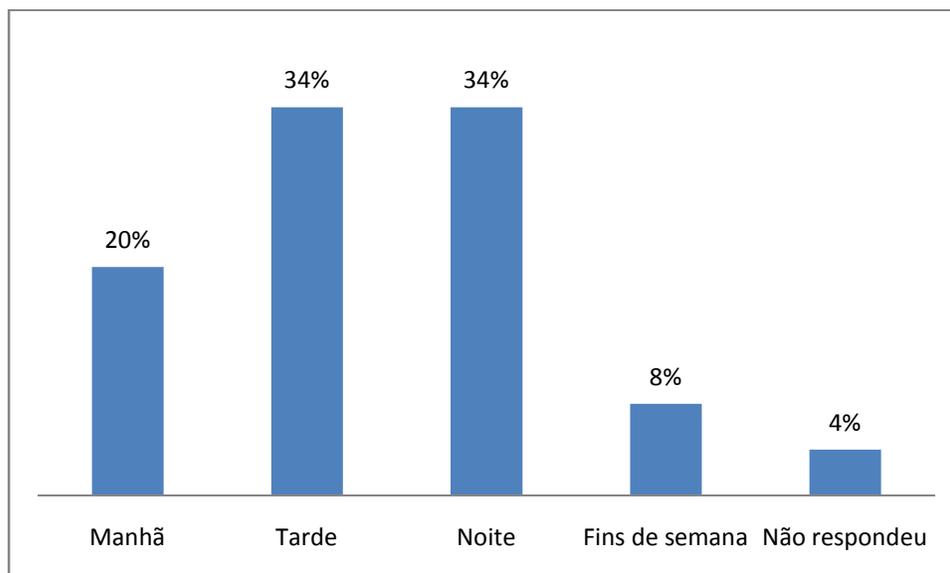


Figura 20. Turnos em que ocorre a violência.